

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM LETRAS, CULTURA E REGIONALIDADE

FERNANDA BASSANESI CIOATO

**OS NOMES DO MUNICÍPIO DE SÃO MARCOS:
linhas, comunidades, bairros e ruas**

Caxias do Sul

2012

FERNANDA BASSANESI CIOATO

**OS NOMES DO MUNICÍPIO DE SÃO MARCOS:
linhas, comunidades, bairros e ruas**

Dissertação de Mestrado apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Letras, Cultura e Regionalidade, com concentração em Língua, Cultura e Regionalidade, pela Universidade de Caxias do Sul.

Orientadora: Profa. Dra. Carmen Maria Faggion

Caxias do Sul

2012

Os nomes do município de São Marcos: linhas, comunidades, bairros e ruas

Fernanda Bassanesi Cioato

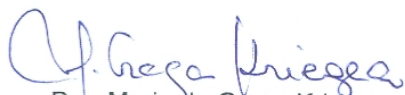
Dissertação de Mestrado submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Letras, Cultura e Regionalidade da Universidade de Caxias do Sul, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Letras, Cultura e Regionalidade, Área de Concentração: Estudos de Identidade, Cultura e Regionalidade. Linha de Pesquisa: Literatura, Cultura e Regionalidade.

Caxias do Sul, 30 de agosto de 2012.

Banca Examinadora:



Dra. Carmen Maria Faggion
Universidade de Caxias do Sul



Dra. Maria da Graça Krieger
Universidade do Vale do Rio dos Sinos



Dra. Marília Conforto
Universidade de Caxias do Sul



Dra. Vitalina Maria Frosi
Universidade de Caxias do Sul

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade de Caxias do Sul
UCS - BICE - Processamento Técnico

C576n Cioato, Fernanda Bassanesi

Os nomes do município de São Marcos : linhas, comunidades,
bairros e ruas / Fernanda Bassanesi Cioato. - 2012.

104 f. : il ; 30 cm

Apresenta bibliografia.

Orientador: Prof^a. Dr^a. Carmen Maria Faggion

Dissertação (Mestrado) – Universidade de Caxias do Sul,
Programa de Pós-Graduação do Mestrado em Letras, Cultura e
Regionalidade, 2012.

1. Toponímia – São Marcos, RS. 2. Lexicologia. 3. Identidade
Regional – São Marcos. I. Título.

CDU 2.ed.: 81'373.21(816.5SÃO MARCOS)

Índice para o catálogo sistemático:

- | | |
|---|----------------------------|
| 1. Toponímia – São Marcos, RS | 81'373.21(816.5SÃO MARCOS) |
| 2. Lexicologia | 81'373 |
| 3. Identidade Regional – São Marcos, RS | 316.7(816.5SÃO MARCOS) |

Catalogação na fonte elaborada pela bibliotecária
Ana Guimarães Pereira – CRB 10/1460

Ao Estevan, pelo amor, companheirismo, paciência e,
principalmente, suporte emocional.

Ao Lorenzo, pela oportunidade de experimentar o
amor incondicional.

AGRADECIMENTOS

À minha família, especialmente à minha mãe, por ter cuidado com muito amor e carinho de meu filho recém-nascido, enquanto eu trabalhava na conclusão desta dissertação.

À minha orientadora, professora Dra. Carmen Maria Faggion, por ter me introduzido no universo da toponímia e ter acreditado na minha competência. Obrigada por sua orientação impecável.

À professora Dra. Vitalina Maria Frosi, por suas valiosas sugestões e ensinamentos.

RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo geral fazer um levantamento toponímico das linhas, comunidades, bairros e ruas do município de São Marcos/RS, para relacionar a motivação toponímica com a realidade sociocultural de seus habitantes. O objetivo geral desdobra-se nos objetivos específicos, que atendem aos procedimentos metodológicos adotados, e que são os seguintes: revisar trabalhos sobre toponímia da Região de Colonização Italiana; fazer um inventário de nomes das linhas, comunidades, bairros e ruas do município de São Marcos de acordo com fontes oficiais; investigar nomes populares desses lugares; pesquisar a origem de alguns nomes oficiais e populares; investigar se os topônimos sofreram modificações ao longo do tempo. Além disso, objetiva-se também analisar padrões de motivação entre os topônimos investigados e relacioná-los com questões de identidade e cultura regional. Para a constituição do *corpus* foi feito um levantamento dos nomes das linhas, comunidades, bairros e ruas em mapas oficiais de São Marcos. A partir da análise do *corpus* verifica-se que na denominação de linhas, bairros e ruas há uma forte predominância de antropotopônimos masculinos e de origem italiana. No caso das ruas, há predominância de antropotopônimos que homenageiam pessoas comuns, diretamente ligadas à comunidade, mostrando o sentimento de valorização local e a construção de uma identidade regional. Já no caso das comunidades, predominam os hagiopotônimos, demonstrando a forte influência religiosa e devoção aos santos que os primeiros moradores, imigrantes italianos, passaram a seus descendentes.

Palavras-chave: Toponímia, Motivação, Identidade Regional, São Marcos.

ABSTRACT

The general objective of this dissertation is to do a toponymic survey of lines, communities, districts and streets of São Marcos/RS in order to relate the toponimic motivation with its inhabitants' sociocultural reality. The general objective is opened up in the following specific objectives: to review work on Toponymy of the Region of Italian Colonization (RCI); to make an inventory of the names of lines, communities, districts and streets of São Marcos/RS according to official sources; to investigate popular place names; to research the origin of some official and popular names; to investigate whether the toponyms have suffered modification over time; to analyze patterns of motivation among the investigated toponyms, and relate them with regional cultural and regional identity issues. In order to compose the samples we did a survey of the names of lines, communities, districts and streets on official maps of São Marcos. From the analysis of the samples, it has been noticed that there is a higher predominance of masculine anthrotoponyms of Italian origin. With regard to streets, there is predominance of anthrotoponyms which honor ordinary people, directly related to the community, showing a feeling of local valuing and the construction of a regional identity. In the case of communities, there is a higher predominance of hagiotoponyms. This shows the religious influence and devotion to saints that the first inhabitants, Italian immigrants, passed to their descendents.

Keywords: Toponymy, Motivation, Regional Identity, São Marcos.

LISTA DE QUADROS

- Quadro 1: Lista das comunidades-capelas da Mitra Diocesana, 40
- Quadro 2: Lista das comunidades de acordo com a divisão administrativa municipal de São Marcos e sua localização, 41
- Quadro 3: Quadro comparativo da organização política-administrativa da Prefeitura Municipal de São Marcos em bairros (Zona Urbana) e comunidades (Zona Rural) e da organização da Mitra Diocesana em comunidades-capelas, 42
- Quadro 4: Levantamento toponímico das linhas de São Marcos, 46
- Quadro 5: Levantamento toponímico das comunidades de São Marcos, 50
- Quadro 6: Levantamento toponímico dos bairros de São Marcos, 52
- Quadro 7: Levantamento toponímico das ruas de São Marcos, 54
- Quadro 8: Relação das ruas que tiveram suas denominações alteradas, 68
- Quadro 9: Etimologia dos topônimos de origem indígena, 86

LISTA DE FIGURAS E MAPAS

- Figura 1: Gráfico do percentual das taxionomias toponímicas das linhas, comunidades, bairros e ruas de São Marcos de acordo com a natureza física e antropocultural (DICK, 1992), 45
- Figura 2: Gráfico do percentual dos padrões motivadores das linhas de São Marcos de acordo com a taxionomia de Dick (1992), 48
- Figura 3: Gráfico do percentual dos padrões motivadores das comunidades de São Marcos de acordo com a taxionomia de Dick (1992), 51
- Figura 4: Gráfico do percentual dos padrões motivadores dos bairros de São Marcos de acordo com a taxionomia de Dick (1992), 53
- Figura 5: Gráfico do percentual dos padrões motivadores das ruas de São Marcos de acordo com a taxionomia de Dick (1992), 60
- Figura 6: Gráfico da distribuição dos antropotopônimos de São Marcos de acordo com a motivação por nomes de pessoas da região, vultos estaduais e nacionais, 66
- Figura 7: Gráfico da distribuição dos antropotopônimos de acordo com o grupo étnico de que se originam, 75
- Figura 8: Gráfico do percentual de homens e mulheres homenageados na toponímia de São Marcos (Linhas, Bairros e Ruas), 77
- Mapa 1: Localização de São Marcos no Rio Grande do Sul, 37
- Mapa 2: Planta das colônias demarcadas pelo governo no Núcleo Colonial São Marcos, 38
- Mapa 3: Ruas da área central da cidade de São Marcos, 70

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO, 10

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA, 13

1.1 IDENTIDADE REGIONAL, 13

1.2 ASPECTOS LINGUÍSTICOS, 20

1.3 TOPONÍMIA, 23

1.3.1 Topônimo: aspectos estruturais, 26

1.3.2 Categorias taxionômicas segundo Dick (1992), 27

1.3.3 Projeto Toponímia da Antiga Colônia 1 – TOPac1, 29

1.3.4 Legislação referente à toponímia, 31

2 CARACTERIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE SÃO MARCOS, 34

2.1 ASPECTOS HISTÓRICOS, 34

2.2 ASPECTOS GEOGRÁFICOS, 36

2.3 DIVISÃO POLÍTICO-ADMINISTRATIVA, 38

3 LEVANTAMENTO TOPONÍMICO, 45

3.1 LINHAS, 46

3.2 COMUNIDADES, 49

3.3 BAIRROS, 52

3.4 RUAS, 53

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS, 62

4.1 A TOPONÍMIA E A QUESTÃO DA IDENTIDADE NACIONAL, 62

4.2 A VALORIZAÇÃO DA IDENTIDADE REGIONAL ATRAVÉS DA TOPONÍMIA, 65

4.2.1 Antropotopônimos regionais, 67

4.2.2 Alteração dos nomes das ruas ao longo do tempo, 68

4.3 GRUPOS ÉTNICOS, 74

4.4 GÊNERO, 76

4.5 FITOTOPÔNIMOS, 78

5 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES DE ORDEM LINGUÍSTICA, 80

5.1 PRONÚNCIA DOS SOBRENOMES DE ORIGEM ITALIANA, 80

5.2 TRANSPOSIÇÃO DO GÊNERO FEMININO DO ELEMENTO GENÉRICO *LINHA* PARA OS TOPÔNIMOS *DEODORO* E *ZAMBECCARI*, 83

5.3 TOPÔNIMOS DE ORIGEM INDÍGENA, 85

CONSIDERAÇÕES FINAIS, 87

REFERÊNCIAS, 91

ANEXOS, 97

INTRODUÇÃO

Estudar o léxico de uma língua não é restritivamente uma questão de linguagem, uma vez que “[...] o universo lexical de um grupo sintetiza a sua maneira de ver a realidade e a forma como seus membros estruturam o mundo que os rodeia e designam as diferentes esferas do conhecimento” (OLIVEIRA; ISQUERDO, 2001, p. 9). Dentre os estudos do léxico, a toponímia vem ganhando merecido destaque entre vários estudiosos. Os topônimos de uma determinada região “são sinais importantes, indicativos da cultura, da história e da linguagem de um povo” (FAGGION; DAL CORNO; FROSI, 2008, p. 278).

Um estudo relevante, nesse sentido, é o Projeto Toponímia dos Municípios da Região de Colonização Italiana do Nordeste do Rio Grande do Sul – RCI – TOPrci (FROSI, 2010), que busca investigar os topônimos dos municípios que compunham a Região de Colonização Italiana do Nordeste do Rio Grande do Sul (RCI). Em um primeiro momento, foram feitos estudos nas áreas de Caxias do Sul e Bento Gonçalves. O projeto será desenvolvido em quatro desdobramentos, sendo que, para o biênio agosto de 2010 a agosto de 2012, está sendo efetivado o primeiro desdobramento, o Projeto Toponímia da Antiga Colônia I – TOPac1 (FROSI, 2010). O projeto consiste no estudo dos designativos dos municípios derivados das Antigas Colônias Caxias, Dona Isabel¹ e Conde D’Eu.

Este trabalho propõe um estudo dos topônimos do município de São Marcos/RS. A escolha desse município para esta pesquisa deve-se ao fato de ser desmembrado de Caxias do Sul, Antiga Colônia Caxias, objeto de estudo do Projeto TOPac1, e ser a cidade natal da pesquisadora desta dissertação, que ali residiu até completar 25 anos. Por não se ter encontrado registro de nenhum estudo toponímico aprofundado sobre São Marcos, surgiu a necessidade de se conhecer e valorizar a identidade histórico-cultural do local através do estudo dos topônimos.

Faggion, Dal Corno e Frosi (2008, p. 278) afirmam que

Ditos ou escritos, os topônimos propiciam informações a respeito das sucessivas gerações de uma localidade, dos homens que aí nasceram, trabalharam e viveram, bem como daqueles que mereceram sua homenagem. Aludem a fatos e datas significativas, dão conta das devoções, traduzem sentimentos. Assim, saber o exato significado do nome de uma cidade, bem como de suas ruas, praças e parques, significa, verdadeiramente, conhecer essa cidade e reconhecer os seus valores.

¹ Conservamos a grafia antiga, conforme consta dos documentos do Projeto TOPac1.

Nesse contexto, é relevante estudar a motivação dos topônimos, uma vez que essa motivação para a denominação de um lugar tem sua origem na relação do homem com o meio físico, social e cultural. Além disso, os topônimos constituem parte da história e língua de uma região. Se não se fizer um estudo dos topônimos de São Marcos, as próximas gerações poderão desconhecer as motivações para as denominações e vir a perder parte da história de seu município. Desse modo, a questão que nos leva à investigação do tema é: Quais os padrões motivadores, de acordo com a taxionomia desenvolvida por Dick (1992), para a denominação de linhas, comunidades, bairros e ruas do município de São Marcos?

O objetivo geral deste trabalho é fazer um levantamento toponímico das linhas, comunidades, bairros e ruas do município de São Marcos, para relacionar a motivação toponímica com a realidade sociocultural de seus habitantes. O objetivo geral desdobra-se nos objetivos específicos, que atendem aos procedimentos metodológicos adotados, e que são os seguintes: revisar trabalhos sobre toponímia da Região de Colonização Italiana; fazer um inventário de nomes das linhas, comunidades, bairros e ruas do município de São Marcos de acordo com fontes oficiais; investigar nomes populares desses lugares; pesquisar a origem de alguns nomes oficiais e populares; investigar se os topônimos sofreram modificações ao longo do tempo. Além disso, objetiva-se também analisar padrões de motivação entre os topônimos investigados e relacioná-los com questões de identidade e cultura regional.

O objeto de estudo deste trabalho é constituído de 299 topônimos – 10 nomes de linhas, 16 nomes de comunidades, 09 nomes de bairros e 264 nomes de ruas –, coletados em mapas oficiais do município, datados de 2010. Além disso, são levantados nomes antigos e populares a partir de leis e processos de atos de denominação da Câmara de Vereadores, da obra *História de São Marcos* (RIZZON; POSSAMAI, 1987) e de entrevistas. Esta pesquisa concentra-se na época compreendida entre 1885, quando o município teve sua primeira divisão em lotes e linhas para a distribuição aos imigrantes, e 2010.

A partir da revisão teórica feita no Capítulo 1, analisamos o *corpus*, buscando a motivação dos nomes, através do modelo taxionômico de Dick (1992). Em seguida, fazemos uma descrição apoiada nos dados colhidos, relacionando as denominações existentes a aspectos de cultura e identidade regionais a partir das contribuições teóricas de Geertz (1978), Kramsch (1998), Hall (2005), Cuche (2002), Pozenato (2003), além de Dick (1990, 1992, 1996a, 1996b) e Oliveira e Isquierdo (2001, 2004).

O plano geral deste trabalho segue uma tendência observável em alguns estudos sobre toponímia, notadamente Andrade (2010). A dissertação está organizada em quatro

capítulos. O primeiro capítulo traz o embasamento teórico-metodológico do estudo. Apresenta considerações sobre identidade regional e linguística, baseadas em autores que servem de suporte para o embasamento teórico deste estudo. Além disso, apresenta conceitos-chave relativos à toponímia e o modelo taxionômico de Dick (1992), adotado neste trabalho. O Capítulo 2 apresenta elementos da história de São Marcos e informações sobre a geografia e divisão político-administrativa. O Capítulo 3 apresenta o levantamento toponímico, constituído através da pesquisa em mapas oficiais do município. O Capítulo 4 é dedicado à análise e discussão dos dados. Esse capítulo pretende realizar uma análise com base no referencial teórico, fazendo relações entre a toponímia e a questão da identidade – nacional e regional –, os grupos étnicos e gênero. O Capítulo 5 busca analisar questões de ordem linguística referentes ao nosso *corpus*.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este capítulo apresenta as bases teóricas desta dissertação. A primeira parte deste capítulo (1.1) é dedicada à revisão de conceitos como cultura, região e identidade. A segunda parte (1.2) revisa aspectos linguísticos, como a concepção de língua, a relação entre língua e cultura, a Lexicologia e a Onomástica. A terceira parte (1.3) discute a toponímia e se subdivide em quatro seções. A primeira seção (1.3.1) traz os aspectos estruturais do topônimo. A segunda seção (1.3.2) apresenta as categorias taxionômicas segundo Dick (1992). A terceira seção (1.3.3) apresenta o Projeto TOPac1 e, por fim, a quarta seção (1.3.4) examina a legislação referente à toponímia.

1.1 IDENTIDADE REGIONAL

A toponímia é um dos traços que constituem a identidade regional e através de sua análise é possível observar relações simbólicas desenvolvidas em uma região. Para compreender as relações entre toponímia e identidade regional, convém revisar algumas noções, como cultura, região, regionalidade, regionalização, espaço e identidade.

Definir o que é cultura, em meio às inúmeras teorias da cultura existentes, é tarefa muito difícil. A teoria semiótica, que entende cultura como um sistema de signos, tem se destacado nos estudos culturais. O americano Clifford Geertz, um dos principais antropólogos do século XX, afirma que a cultura

[...] denota um padrão de significados transmitido historicamente, incorporado em símbolos, um sistema de concepções herdadas e expressas em formas simbólicas por meio das quais os homens se comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento através de suas atividades em relação à vida (GEERTZ, 1978, p. 103).

Nessa perspectiva, a cultura é adquirida quando o indivíduo aprende os símbolos que expressam o conhecimento e a concepção do mundo da sociedade em que está inserido. Essa aprendizagem pode ocorrer através da observação, da imitação e,

principalmente, através da língua. Dessa forma, a língua está intimamente ligada à cultura.

A língua reflete atitudes, crenças e pontos de vista, expressando, assim, “a realidade cultural” (KRAMSCH, 1998, p. 3, tradução livre).

Hall (2005) defende que as culturas podem construir identidades.

Uma cultura nacional é um discurso – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos [...]. As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre “a nação”, sentidos com os quais podemos nos *identificar*, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas histórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas. Como argumentou Benedict Anderson (1983), a identidade nacional é uma “comunidade imaginada” (HALL, 2005, p. 50-51, itálico e aspas do autor).

Dessa forma, várias culturas e identidades podem coexistir inseridas na cultura nacional. Os sentidos produzidos em uma região caracterizam uma cultura regional, na qual podem ser construídas identidades regionais. A valorização do regional tem se intensificado nas últimas décadas em reação à mundialização. Isso suscitou a discussão da ideia de região por estudiosos de diferentes áreas, conforme atesta Bourdieu:

[...] a região é o que está em jogo como objecto de lutas entre os cientistas, não só geógrafos é claro, que, por terem que ver com o espaço, aspiram ao monopólio da definição legítima, mas também historiadores, etnólogos e, sobretudo desde que existe uma política de 'regionalização' e 'movimentos regionalistas', economistas e sociólogos (BOURDIEU, 1989, p. 108, aspas do autor).

Santos (1994, p. 46) afirma que “estudar uma região significa penetrar num mar de relações, formas, funções, organizações, estruturas, etc. com seus mais distintos níveis de contradição”. Apesar das discussões sobre região estarem mais evidentes a partir das últimas décadas, o termo tem origem de longa data, como menciona Bourdieu:

A etimologia da palavra região (regio), tal como a descreve Emile Benveniste, conduz ao princípio da di-visão, acto mágico, quer dizer, propriamente social, de *diacrisis* que introduz por *decreto* uma descontinuidade decisória na continuidade natural (não só entre as regiões do espaço mas também entre as idades, os sexos, etc.). *Regere fines*, o ato que consiste em ‘traçar as fronteiras em linhas retas’, em separar ‘o interior do exterior, o reino do sagrado do reino do profano, o território nacional do território estrangeiro’, é um ato *religioso* realizado pela personagem investida da mais alta autoridade, o *rex*, encarregado de *regere sacra*, de fixar as regras que trazem à existência aquilo por elas prescrito, de falar com autoridade, de pré-dizer no sentido de chamar ao ser, por um dizer executório, o que se diz, de fazer sobrevir o porvir enunciado. A *regio* e as suas fronteiras (*fines*) não passam do vestígio apagado do acto de autoridade que consiste em circunscrever a região, o território (que também se diz *fines*), em impor a definição (outro sentido de *finis*) legítima, conhecida e reconhecida, das fronteiras e do território, em suma, o princípio da divisão legítima do mundo social (BOURDIEU, 1989, p. 113-114, itálico e aspas do autor).

Através da etimologia da palavra região, Bourdieu nos mostra que, desde sua origem, o termo possui uma conotação política: a divisão da região é feita por vontade de alguém. Porém, essa divisão não depende exclusivamente da vontade das pessoas, é resultado de disputas e interesses de diferentes atores e grupos sociais que exercem poder

simbólico ao impor determinado recorte arbitrário. O poder é exercido ao se designar um espaço físico com a pretensão de fazê-lo existir como região.

O ato da magia social de tentar dar a existência à coisa nomeada será bem-sucedido quando aquele que o efetua for capaz de fazer reconhecer por sua palavra o poder que tal palavra garante por uma usurpação provisória ou definitiva, qual seja o poder de impor uma nova visão e uma nova divisão do mundo social: *regere fines, regere sacra*, consagrar um novo limite (BOURDIEU, 1998, p. 111, itálico do autor).

Nessa perspectiva, segundo Pozenato (2003, p. 150, aspas do autor), a região não é “uma realidade ‘natural’, mas uma divisão do mundo social, estabelecida por um ato de vontade”. O conceito de região, por sua vez, é construído de forma arbitrária no âmbito das relações sociais e culturais, e não como um espaço geográfico. Dessa forma, para todas as disciplinas que se interessam pelo conceito de região, com exceção da Geografia, “o espaço físico passa para um segundo plano, para privilegiar variáveis e relações de tipo humano ou social” (POZENATO, 2003, p. 150).

Roth (2007, p. 20, tradução livre) destaca que região é, muitas vezes, definida como uma certa extensão espacial. O problema, segundo o autor, é que o tamanho desse espaço pode variar de alguns quilômetros quadrados até continentes inteiros. Assim, sendo um espaço que faz parte de um todo, “‘região’ é sempre um termo *relativo*, que se refere a algo intermediário [...]. Qualquer território pode pertencer a vários níveis de região ao mesmo tempo, um sobrepondo o outro” (ROTH, 2007, p. 20, aspas e itálico do autor, tradução livre)².

Assim, o espaço pode ser representado e recortado de acordo com cada sociedade. Para Santos (1997, p. 1)

[...] a essência do espaço é social. Nesse caso, o espaço não pode ser apenas formado pelas coisas, os objetos geográficos, naturais e artificiais, cujo conjunto nos dá a Natureza. O espaço é tudo isso, mais a sociedade: cada fração da natureza abriga uma fração da sociedade atual (Santos, 1997, p. 1).

Santos (1988, p. 25) diz ainda que “o espaço é resultado da ação dos homens sobre o próprio espaço, intermediados pelos objetos, naturais e artificiais”. Dessa forma, o espaço pode ser entendido como a Natureza modificada pelas ações do homem através do tempo.

[...] o espaço se define como um conjunto de formas representativas de relações sociais do passado e do presente e por uma estrutura representada por relações sociais que estão acontecendo diante de nossos olhos e que se manifestam através de processos e funções. O espaço é, então, um verdadeiro campo de forças cuja aceleração é desigual. Daí porque a

² **Do original:** “‘region’ is always a *relative* term, a term that refers to something intermediate [...]. Any given territory can belong to several levels of region at the same time, one of them overlaying the other” (ROTH, 2007, p. 20, aspas e itálico do autor).

evolução espacial não se faz de forma idêntica em todos os lugares (SANTOS, 1986, p. 122).

No entanto, região não é uma divisão qualquer de um todo. Há algumas condições necessárias para que se considere um espaço como uma região. Conforme Pozenato (2003, p. 150, itálico do autor) “por trás do ato de delimitar um território, há, certamente, critérios, dentre os quais o mais importante é o do alcance e da eficácia do poder de que se reveste o *auctor* da região.” Apesar de haver muitos critérios, apenas um é suficiente para que um espaço seja considerado uma região (ROTH, 2007, p. 24, tradução livre). Nesse sentido, região pode ser definida como “um território caracterizado por homogeneidade em pelo menos um aspecto específico que a diferencia e a delimita de outros territórios” (HRBEK; WEYAND, 1994, *apud* ROTH, 2007, p. 21, tradução livre)³. Dessa forma, um mesmo território pode ser classificado em regiões distintas. Pozenato afirma que

A Geografia Humana define os espaços regionais também com critérios *objetivos*, fornecidos pela História, pela Etnografia, pela Linguística, pela Economia, pela Sociologia. Como nem sempre esses critérios coincidem, é possível falar de região histórica, região cultural, região econômica e assim por diante, com fronteiras distintas no mesmo território físico (POZENATO, 2003, p. 150, itálico do autor).

Certeau (2002) também partilha a noção de que em um mesmo espaço possa haver diferentes regiões. O autor entende a região como um “espaço criado por uma interação. Daí se segue que, num mesmo lugar, há tantas 'regiões' quantas interações ou encontros entre programas” (CERTEAU, 2002, p. 212, aspas do autor).

Se em um mesmo espaço podem haver diferentes regiões, há também uma sobreposição de identidades, como sustenta Joachimsthaler (2010, p. 40) ao afirmar que região é

'simplesmente' uma condensação de espaço cultural (mais de uma pode se sobrepor em um só local) usada por indivíduos como motivo para a construção de identidades regionais, no que elas [as condensações] atribuem um sentido para a identificação de caráter identitário aos espaços. As identidades sobrepostas não se excluem umas às outras: elas são possíveis simultaneamente, mesmo com suas diferenças, pois, por princípio, as identidades regionais não seguem o princípio de exclusão das identidades nacionais (JOACHIMSTHALER, 2010, p. 40, aspas do autor).

De acordo com Pozenato (2003), a região é um “espaço construído por decisão” e “será melhor entendida se vista como simplesmente um feixe de relações” (POZENATO, 2003, p. 157). O autor acrescenta que as construções que definem região são “representações simbólicas e não a própria realidade” (POZENATO, 2003, p. 151). Para

³ **Do original:** “a territory characterized by homogeneity in at least one specific aspect that differentiates and delimits it from other territories” (HRBEK; WEYAND, 1994, *apud* ROTH, 2007, p. 21).

complementar, ressalta que a região deve ser analisada como “um conjunto, ou rede, de relações que tenham o caráter de regionalidade” (POZENATO, 2003, p. 151). Dessa forma, o autor desloca a questão da região para a regionalidade.

A regionalidade pode ser definida como uma dimensão espacial de um determinado fenômeno tomada como objeto de observação. Isto implica em admitir que o mesmo fenômeno, visto sob a perspectiva da regionalidade, pode ser visto sob outras perspectivas. A existência de uma rede de relações de um tipo regional num determinado espaço ou acontecimento não os reduz a espaços ou acontecimentos puramente regionais. Serão regionais enquanto vistos em sua regionalidade (POZENATO, 2003, p. 151).

Na perspectiva da região como espaço simbólico, Rafael dos Santos (2009, p. 5) sustenta a ideia de região como “processo e constructo cultural”. O autor afirma que se trata de “construções, com maior ou menor grau de sistematização teórica, produzidas e colocadas em cena, vale dizer, levadas ao terreno das lutas simbólicas em torno de sua definição, por diferentes atores sociais” (RAFAEL DOS SANTOS, 2009, p. 5). O autor aborda a questão da regionalidade fazendo uma paráfrase com a concepção de “práticas de espaço” de Certeau (2002).

Uma região definida em termos culturais equivaleria, portanto, a um *espaço*, se a compreendermos como construída por um conjunto de práticas, de ações e relações sociais. Uma região cultural estaria para as delimitações físicas, como o *espaço* está para o *lugar* nos termos de Certeau, ou seja, se “*o espaço é um lugar praticado*” (2002, p. 202, itálico no original), à *região* corresponderiam modalidades de práticas de espaço, incluídos aí os relatos constitutivos das “táticas cotidianas” (RAFAEL DOS SANTOS, 2009, p. 15, itálico e aspas do autor).

Assim, “práticas de regionalidade” correspondem a “práticas de espaço”. Em sua analogia entre o “espaço”, na concepção de Certeau (2002), e a região, Rafael dos Santos (2009) propõe a noção de relatos de regionalidade.

Tal como nos relatos de espaço, os *relatos de regionalidade* não são transposições da região (ou do regional) para a linguagem. Antes, eles são coprodutores de regionalidades, na medida em que se constituem de sentidos partilhados (RAFAEL DOS SANTOS, 2009, p. 16, itálico do autor).

Ambos, as práticas e os relatos, devem ser pensados dentro de um contexto particular de significação, constituídos de densidade cultural a ser apreendida e interpretada. Pozenato (2003) ressalta a diferença entre regionalidade e regionalização. O autor compreende regionalização como

um programa de ação voltado para o estabelecimento ou o reforço de relações concretas e formais dentro de um espaço que vai sendo delimitado pela própria rede de relações operativas que vai sendo estabelecida. Ela é portanto, antes de mais nada, uma estratégia que necessita desenvolver seus próprios instrumentos de gestão, de acordo com um programa político. Se o programa for regionalista, a regionalização tenderá a ser restritiva e excludente. Se ele levar em conta que as relações de regionalidade não são as únicas a serem levadas em conta, também no plano da ação, ele tenderá a ser aberto e abrangente (POZENATO, 2003, p. 155).

Haesbaert (2010) concorda com Pozenato (2003) ao entender regionalização como um processo em constante rearticulação. Para ele, regionalizar significa assumir a natureza do ser regional como constituinte indissociável dos processos globalizadores, “a ponto de regionalização e globalização se tornarem dinâmicas tão imbricadas e complementares que passam a ser, na prática, indiscerníveis” (HAESBAERT, 2010, p. 4). Haesbaert destaca ainda que a regionalização “deve estar sempre articulada numa análise centrada na ação dos sujeitos que produzem o espaço e na interação que eles estabelecem”. O espaço é visto em seu sentido relacional, “totalmente impregnado das dinâmicas de produção da sociedade” (HAESBAERT, 2010, p. 6).

Em um mundo tido como globalizado, a valorização do regional parece ser um paradoxo. As relações entre o local e o global permitem o surgimento de várias identidades. Isso está criando uma crise de identidade. Hall (2005) afirma que o sujeito pós-moderno está passando por um processo em que a identidade está sendo descentralizada ou fragmentada. Dessa forma, o sujeito não tem uma identidade fixa, a identidade se forma e transforma de acordo com os sistemas culturais que o rodeiam.

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente. [...] A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia (HALL, 2005, p. 13, aspas do autor).

Cuche (2002, p. 183) também defende que a identidade não é fixa, porém enfatiza mais uma relação dialética, em que uma identidade só existe em contraposição a outra. Os membros de um grupo buscam certos traços culturais comuns entre si (inclusão) que os tornam diferentes de outros grupos (exclusão). Muitas noções de Cuche são baseadas em estudos de Barth (1969, *apud* Cuche 2002, p. 183), que relaciona a noção de identidade à diferenciação entre os grupos sociais, ou seja, à noção “eles” e “nós” (BARTH, 1969, *apud* Cuche 2002, p. 183). Assim, “a identidade se constrói e se reconstrói constantemente no interior das trocas sociais” (CUCHE, 2002, p. 183).

Woodward (2005) também destaca a marcação da diferença na formação das identidades.

Essa marcação da diferença ocorre tanto por meio de sistemas *simbólicos* de representação quanto por meio de formas de exclusão *social*. A identidade, pois, não é o oposto da diferença: a identidade *depende* da diferença (WOODWARD, 2005, p. 39-40, *italico* do autor).

Às contraposições de identidades, a autora chama de oposições binárias (WOODWARD, 2005). Essas oposições, segundo Woodward, podem ser negativas (quando há exclusão ou marginalização) ou enriquecedoras (quando há valorização da

diversidade, heterogeneidade e hibridismo). A autora também destaca o papel da história na afirmação das identidades:

Uma das formas pelas quais as identidades estabelecem suas reivindicações é por meio do apelo a antecedentes históricos. Os sérvios, os bósnios e os croatas tentam reafirmar suas identidades, supostamente perdidas, buscando-as no passado, embora, ao fazê-lo, eles possam estar realmente produzindo novas identidades (WOODWARD, 2005, p. 11).

Ao abordar questões de identidade étnica, Poutignat e Streiff-Fenart (1998) também afirmam que a construção da identidade baseia-se na diferença. Assim, “não é o isolamento que cria a consciência de pertença, mas, ao contrário, a comunicação das diferenças das quais os indivíduos se apropriam para estabelecer fronteiras étnicas” (POUTIGNAT; STREEIFF-FENART, 1998, p. 40).

Com a globalização, os diferentes grupos (nacionais, regionais, étnicos, etc.) sentem uma grande necessidade de se autoafirmarem. Para isso, acentuam os traços de similaridade ao mesmo tempo em que se sustentam na diferença em relação ao outro. Segundo Ortiz (2003, p. 7-8), “dizer que somos diferentes não basta, é necessário mostrar em que nos identificamos”.

Ao se criar uma região, os indivíduos que dela fazem parte buscam uma identidade (regional) a fim de caracterizar a cultura do seu grupo e representar a sensação de pertencimento naquele espaço. Pode-se dizer que essa identidade regional é uma “comunidade imaginada” (ANDERSON, 1983, *apud* HALL, 2005), construída a partir da alteridade, de forma a reforçar as diferenças de uma região, como língua, hábitos, gastronomia, etc., traços constituídos de valor simbólico.

Bourdieu (1998) discute a questão da definição da identidade regional a partir de representações mentais e objetais.

Todavia, num registro mais profundo, a busca de critérios “objetivos” da identidade “regional” ou “étnica” não deve fazer esquecer que, na prática social, tais critérios (por exemplo, a língua, o dialeto ou o sotaque) constituem o objeto de *representações mentais* – vale dizer, de atos de percepção e de apreciação, de conhecimento e de reconhecimento, em que os agentes investem seus interesses e pressupostos – e de *representações objetais*, coisas (emblemas, bandeiras, insígnias etc.) ou atos, estratégias interessadas de manipulação simbólica tendentes a determinar a representação (mental) que os outros podem construir a respeito tanto dessas propriedades como de seus portadores. (BOURDIEU, 1998, p. 107-108, *itálico e aspas do autor*).

Nesse contexto, a identidade regional é moldada em torno de características comuns de um grupo pertencente a um espaço recortado arbitrariamente – região, que o diferencia de outros grupos regionais. Essas características são, nas palavras de Bourdieu, representações mentais e objetais. Dentre essas representações, a língua, o dialeto ou o sotaque exercem notável influência na legitimação das identidades regionais. Pozenato

(2003, p. 155) defende que a “força simbólica da língua funciona como uma bandeira hasteada”.

A partir disso, pode-se afirmar que o léxico peculiar a uma determinada região é uma representação de identidade regional. Da mesma forma, a toponímia de uma região é reveladora da bagagem cultural e social dos indivíduos que a ela pertencem. As relações entre identidade regional e toponímia serão discutidas posteriormente neste trabalho.

1.2 ASPECTOS LINGUÍSTICOS

A Linguística moderna foi inaugurada em 1916 com a publicação do *Curso de Linguística Geral* de Ferdinand de Saussure. Nessa obra, Saussure sistematizou os estudos linguísticos, definindo o objeto da linguística. Desde então, sua teoria tem sido discutida largamente entre linguistas. Enquanto muitos se apoiam em sua teoria, outros a questionam. Para os objetivos deste trabalho, a revisão dessa discussão é desnecessária, porém destacaremos alguns conceitos da teoria de Saussure por terem servido de base para a teoria do signo toponímico de Dick (1990).

Para Saussure (2009), linguagem é a capacidade que o ser humano tem de se comunicar através de signos linguísticos e é formada pela língua e fala. A língua é, “ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos” (SAUSSURE, 2009, p. 17). As realizações individuais da língua constituem a fala.

Na visão de Saussure, a língua é um sistema de signos. O signo linguístico une um conceito e uma imagem acústica, denominados respectivamente de significado e significante. O linguista ressalta o caráter arbitrário do signo linguístico: “o laço que une o significante ao significado é arbitrário” (SAUSSURE, 2009, p. 80-81).

Muitos linguistas têm se preocupado com a relação entre língua e cultura. Franz Boas, antropólogo que atuou na área da linguística no início do século XX, acreditava não ser possível conhecer outra cultura sem ter acesso direto a sua língua. Em seus estudos sobre os povos Esquimó, Boas verificou haver distinções para o conceito “neve” ignoradas

em outras línguas, podendo haver, dessa forma, “uma motivação cultural para o desenvolvimento de distinções lexicais” (DURANTI, 1997, p. 56. Tradução livre.).

Outros linguistas apoiaram-se nas ideias de Boas, como Sapir e seu discípulo Whorf, porém de forma mais extrema. Para Sapir (1980, p. 12, aspas do autor), falar “é uma herança puramente histórica do grupo, produto de um uso social prolongado. [...] falar é uma função não instintiva, uma função adquirida, ‘cultural’”. Sapir acreditava em uma interdependência entre língua e pensamento. Juntamente com Whorf, formulou a hipótese de que as estruturas linguísticas que uma pessoa utiliza influenciam a maneira como vê e compreende o mundo e como se comporta em relação ao que está a sua volta (KRAMSCH, 1998, p. 12, tradução livre). Para essa teoria, conhecida como teoria Sapir-Whorf,

todo sistema linguístico manifesta, tanto no seu léxico como na sua gramática, uma classificação e uma ordenação dos dados da realidade que são típicas dessa língua e cultura com que ela se conjuga. Ou ainda: cada língua traduz o mundo e a realidade social segundo o seu próprio modelo, refletindo uma cosmovisão que lhe é própria, expressa nas suas categorias gramaticais e léxicas (BIDERMAN, 1998b, p. 109).

Há duas versões dessa hipótese: a forte e a fraca. Segundo a versão forte, as estruturas linguísticas de um falante determinam completamente a forma como vê e classifica o mundo a sua volta, ou seja, a língua determina seu pensamento (DELBECQUE, 2009, p. 179). Essa versão é considerada uma forma de determinismo linguístico e não tem sido aceita pelos teóricos. Kramsch (1998, p. 13, tradução livre) contesta a versão forte afirmando que, se essa hipótese fosse plausível, não seria possível traduzir de uma língua para outra, o que obviamente, em certa medida, é possível. Segundo a autora, se falantes de diferentes línguas não se entendem, isso se deve ao fato de não compartilharem a mesma forma de ver e interpretar eventos, de não concordarem com o significado e valor dos conceitos que subjazem às palavras, de não recortarem a realidade ou categorizarem as experiências da mesma forma.

Já a versão fraca, considerada uma forma de relativismo linguístico, tem sido aceita atualmente. Essa versão postula que a língua de um falante tem certa influência na maneira como recorta o mundo. Segundo Kramsch (1998, p. 13, tradução livre), a forma como uma língua codifica a experiência semanticamente não faz com que aspectos daquela experiência sejam acessíveis exclusivamente àquela língua, mas sim mais salientes para seus falantes.

Assim, a visão do mundo dos falantes de determinada língua pode ser representada através do léxico. Para Isquierdo (2008, p.9), a história das palavras está ligada à história do grupo que delas faz uso. Dessa forma, estudar o léxico de uma língua

não é restritivamente uma questão de linguagem, uma vez que, como já foi citado anteriormente, e não é demais repetir, “... o universo lexical de um grupo sintetiza a sua maneira de ver a realidade e a forma como seus membros estruturam o mundo que os rodeia e designam as diferentes esferas do conhecimento” (OLIVEIRA; ISQUERDO, 2001, p. 9).

Entende-se por léxico o conjunto de vocábulos de que uma língua dispõe. De acordo com Biderman (1998a, p. 13)

O léxico de uma língua natural constitui uma forma de registrar o conhecimento do universo. Ao dar nomes aos seres e objetos, o homem os classifica simultaneamente. Assim, a nomeação da realidade pode ser considerada como a etapa primeira no percurso científico do espírito humano de conhecimento do universo. Ao reunir os objetos em grupos, identificando semelhanças e, inversamente, discriminando os traços distintivos que individualizam esses seres e objetos, o homem foi estruturando o mundo que o cerca, rotulando essas entidades discriminadas.

Dentro das ciências do léxico, três são as áreas que se dedicam ao seu estudo: Lexicologia – estudo científico do vocabulário; Lexicografia – técnica de confecção de dicionários e análise linguística dessa técnica; Terminologia – estudo do termo (vocabulário científico).

Um dos ramos da Lexicologia é a Onomástica, encarregada de estudar os nomes próprios. *Onoma*, do grego, significa “nome”. Os nomes próprios desempenham um papel importante nas nossas vidas. Os primeiros registros de distinções de nomes próprios e comuns apareceram em inscrições hieroglíficas egípcias, datados de cerca de 3.000 a.C. Em suas inscrições, os egípcios inseriam os nomes de seus deuses e faraós em cartelas – espécie de molduras com forma oblonga (HAJDÚ, 2002, p. 7, tradução livre). Além dos nomes próprios de pessoas, a todo momento nos deparamos com nomes de ruas, bairros, cidades, rios, etc., cada um com seu próprio nome. A escolha desses nomes pode estar diretamente ligada com questões culturais, políticas e de identidade.

Dick (1998b, p. 101) afirma que “o ato intelectual de nomear, onomasticamente, é distinto da constituição/criação da palavra, enquanto elemento do léxico e integrante do enunciado da língua”. Ao contrário dos nomes comuns, que designam todos os objetos de uma mesma espécie em função de um conjunto de qualidades, nomes próprios designam objetos singularmente determinados (BRITO, 2003, p. 27). Conforme Brito (2003, p. 39), “a função dos nomes próprios é estar por objetos particulares”. No mesmo sentido, Ullmann (1987, p. 154) afirma que os nomes próprios funcionam como rótulos que relacionamos com a ideia do objeto. De acordo com Dick (1998a, p. 79),

A fixação das bases lexicais para definir lugares ou identificar pessoas dispensa, muitas vezes, a necessidade de se situar o objeto em um plano efetivo de representação, em que o designado corresponde, no plano do parecer, ao que significa, no nível do ser.

Interessa à Onomástica o modo pelo qual os nomes se atrelam às entidades representadas. Ao se deslocar a palavra-objeto do sistema lexical para o sistema onomástico, “percebe-se que as noções de causa, tendência e temperamento e conduta social do emissor ou do grupo são traços relevantes na construção de uma nomenclatura” (DICK, 1996a, p. 102). A construção do processo denominativo se realiza com “a passagem do plano onomasiológico da língua (designação) para o semasiológico (significação)” (DICK, 1996a, p. 102). Em Onomástica, há uma relação entre

o nomeador (sujeito, emissor ou enunciador), o objeto nomeado (o espaço e suas subdivisões conceptuais, que incorpora a função referencial, sobre o que recairá a ação de nomear), o receptor (ou o enunciatário, que recebe os efeitos da nomeação, na qualidade de sujeito passivo) (DICK, 1996a, p. 103).

Dick acrescenta que a constituição dessa cadeia gerativa de enunciação é a peculiaridade do processo denominativo, que revela contornos particulares:

um denominador isolado, construtor de uma mensagem (doador de um único nome ou de vários nomes, em situação de abrangência areal), interferindo em uma coletividade receptora, que passa a ser usuária do(s) designativo(s), sem que interagisse na dinâmica do processo. A adequação da escolha, que passa pelo crivo da objetividade ou da subjetividade do nomeador, ainda que inconscientemente, será sentida ou pela reação do grupo ou pela análise posterior do linguista, em uma fase posterior, distinta do momento inicial de marcação do lugar ou do batismo da pessoa (DICK, 1996a, p. 103).

A Onomástica se divide em dois ramos: 1) Antroponímia, palavra que vem do grego, na qual se encontram os elementos *anthropo*, que significa “homem”, e o radical *onoma*, que significa “nome”, que tem por objeto o estudo dos nomes de pessoas (HOUAISS, 2004). 2) toponímia, do grego *topos*, que significa “lugar” e tem por objeto o estudo dos nomes de lugares (HOUAISS, 2004). Este trabalho insere-se na área da toponímia.

1.3 TOPONÍMIA

Toponímia, como foi dito anteriormente, é a divisão da Onomástica que estuda os topônimos, ou seja, nomes de lugares. O ato de nomear lugares é tão antigo quanto a memória do homem pode alcançar. No livro sagrado dos cristãos, nos primeiros versículos do Gênesis, encontramos a nomeação do jardim Éden, do hebraico, “lugar de delícias”

(DICK, 1992, p. 5). Rostaing (1948, p. 07) conceitua a toponímia como uma ciência cuja finalidade é “pesquisar a significação e a origem dos nomes de lugares e também estudar as transformações que esses nomes sofrem”⁴.

Os topônimos servem para identificar um espaço físico preciso e único e são providos da função referencial; já seu sentido, conforme Seabra (2006, p. 1956), “nem sempre se encontra armazenado na mente do ouvinte, nem na do falante, principalmente se é um topônimo muito antigo, que vem atravessando gerações”. No entanto, a autora salienta que tal fato não compromete a comunicação linguística, pois, para a referência ser bem sucedida, não é imprescindível a relação entre o nome, o sentido e o referente. “Na maioria das vezes, o sucesso de uma referência ocorre quando o ouvinte consegue identificar o referente” (SEABRA, 2006, p. 1956).

A toponímia é um campo de estudos multidisciplinar que extrapola o campo linguístico, fazendo articulações entre linguagem, história, sociedade, cultura e identidade. Nomes de lugares colaboram para se criar a identidade de um lugar particular e fazem parte da cultura passada por gerações, conforme salienta Dick (1990):

Exercendo na toponímia a função de distinguir os acidentes geográficos na medida em que delimitam uma área da superfície terrestre e lhes conferem características específicas, os topônimos se apresentam, da mesma maneira que os antropônimos, como importantes fatores de comunicação, permitindo, de modo plausível, a referência da entidade por eles designada. Verdadeiros ‘testemunhos históricos’ de fatos e ocorrências registrados nos mais diversos momentos da vida de uma população, encerram, em si, um valor que transcende ao próprio ato da nomeação: se a toponímia situa-se como a crônica de um povo, gravando o presente para o conhecimento das gerações futuras, o topônimo é o instrumento dessa projeção temporal. Chega, muitas vezes, a se espalhar além de seu foco originário, dilatando, conseqüentemente, as fronteiras políticas, e criando raízes em sítios distantes. Torna-se, pois, a reminiscência de um passado talvez esquecido, não fora a sua presença dinâmica (DICK, 1990, p. 21-22, aspas da autora).

Dick (1990, p. 35-36) define a toponímia como “um imenso complexo línguocultural, em que os dados das demais ciências se interseccionam necessariamente e não exclusivamente”. O sentido dos topônimos é ponto de partida para investigações que buscam “compreender a própria mentalidade do denominador, não só como elemento isolado, mas como projeção de seu grupo social” (DICK, 1992, p. 8). Conforme Dick, a toponímia

[...] é a disciplina que caminha ao lado da história, servindo-se de seus dados para dar legitimidade a topônimos de um determinado contexto regional, inteirando-se de sua origem para estabelecer as causas motivadoras, num espaço e tempo preciso, procurando relacionar um nome a outro, de modo que, da distribuição conjunta, se infira um modelo onomástico dominante ou vários modelos simultâneos. [...] Procura, ainda, estabelecer

⁴ **Do original:** “rechercher la signification et l’origine des noms de lieux et aussi d’étudier leurs transformations” (ROSTAING, 1948, p. 07). Tradução de Carmen Maria Faggion.

pontos de intersecção entre os designativos e as línguas faladas no local, de maneira a determinar as tendências linguísticas manifestadas nos topônimos, ou em que medida estes expressam formas antigas de linguagem, com as modificações experimentadas (DICK, 1996, p. 12).

Dick (1996a, p. 104) acrescenta ainda que a frequência de determinados modelos denominativos nas cartas indica o perfil denominativo de um lugar e a ideologia da sociedade. Isquierdo (2008, p. 36) converge com Dick (1996) ao afirmar que o topônimo tende a ser marcado ideologicamente por estar ligado à visão do denominador num tempo e num espaço determinados. Fatores linguísticos, étnicos, socioculturais, históricos e ideológicos do grupo que habita o espaço geográfico a ser denominado exercem influência na ação de atribuir nome a um lugar (ISQUERDO, 2008, p. 36). Além disso, os denominadores podem ser influenciados por valores religiosos, interesses políticos, pelos recursos naturais do local a ser denominado e por peculiaridades culturais.

A abrangência dos estudos toponímicos é destacada por Isquierdo (2008, p. 36), que aponta aspectos linguísticos (etimologia, base linguística dos elementos formativos do nome, estrutura formal do sintagma toponímico, classificação taxionômica) e extralinguísticos (causas denominativas que impulsionaram o denominador no ato da nomeação) que são considerados em uma pesquisa toponímica. Dick (1990, p. 19) complementa:

A história dos nomes de lugares, em qualquer espaço físico considerado, apresenta-se como um repositório dos mais ricos e sugestivos, face à complexidade dos fatores envolventes. Diante desse quadro considerável dos elementos atuantes, que se inter cruzam sob formas as mais diversas, descortina-se a própria panorâmica regional, seja em seus aspectos naturais ou antropoculturais (DICK, 1990, p. 19).

Dessa forma, a toponímia procura descrever a estrutura, origem, formação e transformação dos topônimos, além de analisar as motivações que levaram à denominação, a relação do lugar e seu nome, a significação que dado nome tem para a comunidade, bem como a língua falada na região quando da formação e transformação dos topônimos. Ao considerar os fatores sócio-históricos que influenciam a escolha de determinado topônimo, pode-se até mesmo resgatar parte da história de uma região.

1.3.1 Topônimo: aspectos estruturais

O objeto de estudo da toponímia é o signo toponímico, que é o signo linguístico na função de indicador ou identificador de um espaço geográfico. Enquanto o signo linguístico é arbitrário (SAUSSURE, 2009), o signo toponímico é motivado, ou seja, há uma intenção que subjaz ao ato de denominação. O signo toponímico pode ser motivado pelas características físicas do local a que se remete, pelas impressões, crenças, valores e sentimentos do denominador, ou por questões políticas e ideológicas (ANDRADE, 2010, p. 107). Segundo Dick (1990, p. 38),

Muito embora o topônimo seja, em sua estrutura, uma forma de língua, ou um significante, animado por uma substância de conteúdo, da mesma forma que todo e qualquer outro elemento do código em questão, a funcionalidade de seu emprego adquire uma dimensão maior, marcando-o duplamente: o que era arbitrário, em termos de língua, transforma-se no ato do batismo de um lugar, em essencialmente motivado, não sendo exagero afirmar ser essa uma das principais características do topônimo.

Ao designar o nome próprio do lugar, segundo a autora, há uma relação entre o topônimo e o acidente geográfico. Essa relação binária forma um todo representativo, constituído de um elemento determinado e um elemento determinante. A esse conjunto binário, Dick chama de sintagma toponímico, do qual

[...] depreendem-se dois dados básicos, um, que se convencionou denominar termo ou elemento genérico, relativo a entidade geográfica que irá receber a denominação, e o outro, o elemento ou termo específico, ou topônimo propriamente dito, que particularizará a noção espacial, identificando-a e singularizando-a dentre outras semelhantes. Atuam ambas no sintagma toponímico, de forma justaposta (rio das Amazonas) ou aglutinada (Parauna, “rio negro”), conforme portanto a natureza da língua que os inscreve (DICK, 1990, p. 26).

Assim, de acordo com Dick, “rio” e “para-” (do tupi-guarani, pará=rio) seriam os termos ou elementos genéricos, enquanto “Amazonas” e “-una” seriam os termos ou elementos específicos. É interessante ressaltar que alguns nomes geográficos, como nomes de cidades, por exemplo, não são formados por um elemento genérico, não constituindo, desta forma, um sintagma toponímico.

Dick (1992, p. 13-15) classifica os nomes de lugares segundo sua formação. O topônimo ou o elemento específico simples é constituído de um só elemento formador. Já o topônimo composto ou elemento específico composto é constituído de dois ou mais elementos formadores. O topônimo híbrido ou elemento específico híbrido é constituído por elementos linguísticos de origens diferentes, por exemplo, Miracema do Norte, formado por um elemento indígena e outro português.

No momento da nomeação de um lugar é possível resgatar sua motivação, porém, com o passar do tempo, o signo pode se tornar opaco. Conforme Dauzat (1926, p. 1),

Assim como os nomes de pessoas, mas de modo muito mais notável, os nomes de lugares se apresentam a nós como palavras antigas, de significado preciso, cristalizadas e esterilizadas de modo mais ou menos rápido, esvaziadas de sentido original⁵.

Dessa forma, quando somente é possível recuperar a motivação do topônimo através de estudos etimológicos, o signo toponímico está esvaziado de significado. Esse fenômeno de esvaziamento semântico é chamado de cristalização ou fossilização do topônimo. A cristalização dos topônimos ocorre quando seus elementos componentes deixam de ser facilmente identificáveis pela população (DICK, 1990, p. 42). Nesse sentido, Dick (1990, p. 42), interpreta o signo toponímico como um “fóssil linguístico”. Carvalhinhos (2003, p. 172) ressalta essa interpretação comparando a área toponímica a um sítio arqueológico, uma vez que através do estudo de significados cristalizados de nomes de lugar é possível reconstruir fatos sociais.

Por outro lado, há topônimos cujos elementos componentes são reconhecíveis pela cultura de uma determinada região, sendo facilmente identificáveis pela população, permanecendo, assim, registrados em sua memória. Conforme Seabra (2006, p. 1957), esses topônimos são chamados de arquivos permanentes. A autora salienta ainda que, na maioria das vezes, os topônimos que dizem respeito a aspectos físicos e naturais de um lugar são mais comumente identificáveis, até mesmo para aqueles que não fazem parte daquela região, e cita alguns exemplos, como *Barro Branco* e *Água Suja*.

1.3.2 Categorias taxionômicas segundo Dick (1992)

Os topônimos relacionam-se com o homem e seu meio, uma vez que é o homem quem denomina os lugares e certamente o faz a partir de alguma motivação. Dauzat (1926, p. 19-20) menciona que uma denominação pode ser espontânea, partindo da coletividade, ou sistemática, partindo da ação de uma autoridade ou conquistador. Os elementos da designação, segundo o autor, podem originar-se de nomes de montes, rios, lagos, vegetais, animais, indústrias, santuários, templos, divindades, cores e particularidades (como *velho*,

⁵ Tradução de Carmen Maria Faggion.

novo), elementos históricos (como *campo de combate*) e a antroponímia, seja através da designação de grupos ou pessoas⁶.

Observando os nomes dos lugares de uma região, é possível perceber tendências motivadoras características do ser humano que as define. Por exemplo, os indígenas nomeavam lugares fazendo uso de elementos descritivos de seu ambiente (SAMPAIO, 1955, *apud* DICK, 1992, p. 120).

Conforme Dick (1996b), designativos podem incorporar formas ou categorias espontâneas de nomeação vinculadas no cotidiano comum aos moradores, projetando referenciais. Esses referenciais constituem valiosa contribuição para a classificação dos topônimos. Dick (1996a, p. 104) ressalta que a multiplicidade dos signos criados e a sua utilização como nomes criou a necessidade de uma taxionomia da nomenclatura toponímica brasileira. Assim, criou um modelo taxionômico que engloba 27 taxes, distribuídas em duas áreas: Taxionomias de Natureza Física, motivadas semanticamente a partir de referenciais do ambiente físico; e Taxionomias de Natureza Antropocultural, relacionadas ao homem (DICK, 1992). Dick sustenta a criação das categorias taxionômicas citando Foucault: “Quando se trata de por em ordem naturezas complexas (as representações em geral, tais como são dadas na experiência) é necessário constituir uma taxionomia e, para tanto, instaurar um sistema de signos” (FOUCAULT, 1995, *apud* DICK, 1996a, p. 104). O objetivo da formulação de categorias toponímicas, segundo Dick (1996a, p. 105), foi “ordenar as variadas significâncias da nomenclatura, criando um padrão terminológico útil para a lexicologia e lexicografia”.

As taxionomias de natureza física formuladas por Dick (1992, p. 31-32) compreendem: a) *astrotopônimos*, relativos aos corpos celestes em geral; b) *Cardinotopônimos*: relativos às posições geográficas em geral; c) *Cromotopônimos*: relativos à escala cromática); d) *Dimensiotopônimos*: relativos às dimensões dos acidentes geográficos; e) *Fitotopônimos*: relativos aos vegetais; f) *Geomorfotopônimos*: relativos às formas topográficas; g) *Hidrotopônimos*: relativos a acidentes hidrográficos em geral; h) *Litotopônimos*: relativos aos minerais e à constituição do solo; i) *Meteorotopônimos*: relativos a fenômenos atmosféricos; j) *Morfotopônimos*: relativos às formas geométricas; l) *Zootopônimo*: referentes aos animais. Assim, “Pedra Branca” seria um litotopônimo e “Rua das Araucárias” seria um fitotopônimo.

⁶ As informações apresentadas neste parágrafo foram retiradas de citações do original traduzidas por Carmen Maria Faggion.

As taxionomias de natureza antropocultural formuladas por Dick (1992, p. 32-34) compreendem: a) *Animotopônimos* (ou *Nootopônimos*): relativos à vida psíquica e à cultura espiritual (desejos, sentimentos, percepções); b) *Antropotopônimos*: relativos aos nomes próprios individuais; c) *Axiotopônimos*: relativos aos títulos e dignidades que acompanham nomes próprios individuais; d) *Corotopônimos*: relativos a nomes de cidades, países, estados, regiões e continentes; e) *Cronotopônimos*: relativos aos indicadores cronológicos representados pelos adjetivos *novo(a)*, *velho(a)*; f) *Ecotopônimos*: relativos às habitações em geral; g) *Ergotopônimos*: relativos aos elementos da cultura material; h) *Etnotopônimos*: relativos aos elementos étnicos isolados ou não (povos, tribos, castas); i) *Dirrematopônimos*: constituídos de frases ou enunciados linguísticos; j) *Hierotopônimos*: relativos a nomes sagrados de diferentes crenças. Apresenta duas subdivisões: *Hagiotopônimos*: nomes de santos ou santas do hagiológico católico romano e *Mitotopônimos*: entidades mitológicas; k) *Historiotopônimos*: relativos aos movimentos de cunho histórico, a seus membros e às datas comemorativas; l) *Hodotopônimos*: relativos às vias de comunicação urbana ou rural; m) *Numerotopônimos*: relativos aos adjetivos numerais; n) *Poliotopônimos*: constituídos pelos vocábulos vila, aldeia, cidade, povoação, arraial; o) *Sociotopônimos*: relativos às atividades profissionais, aos locais de trabalho e aos pontos de encontro da comunidade, aglomerados humanos; p) *Somatopônimos*: relativos metaforicamente às partes do corpo humano ou animal. Assim, “Avenida Paraná” seria um corotopônimo e “Rua 15 de Novembro” seria um historiotopônimo.

Portanto, ao se analisarem os referenciais que motivam a denominação de lugares, pode-se revelar muito da história e da cultura de uma região, uma vez que aquele que designa é motivado pelo meio em que vive.

1.3.3 Projeto Toponímia da Antiga Colônia I – TOPac1

O Projeto Toponímia da Antiga Colônia I – TOPac1, do Departamento de Letras da Universidade de Caxias do Sul, é coordenado pela professora Dra. Vitalina Maria Frosi e tem a colaboração das professoras Dra. Carmen Maria Faggion e Dra. Suzana Damiani Roveda.

Esse projeto está inserido em um projeto maior, o Projeto Toponímia da Região de Colonização Italiana do Nordeste do Rio Grande do Sul – TOPrci, que compreende os

cinquenta e cinco municípios derivados das Colônias Italianas fundadas a contar de 1875 até 1920, denominadas de Antiga Colônia I, Antiga Colônia II, Nova Colônia e Novíssima Colônia (FROSI, 2010, p. 6). O Projeto TOPrci será desenvolvido em quatro desdobramentos: Toponímia da Antiga Colônia I – TOPaci, Toponímia da Antiga Colônia II – TOPacii, Toponímia da Nova Colônia – TOPnoc e Toponímia da Novíssima Colônia – TOPnic. No período de agosto de 2010 a agosto 2012 foi proposta a efetivação do Projeto Toponímia da Antiga Colônia I – TOPac1.

O Projeto TOPac1 consiste no estudo dos designativos dos municípios e respectivos distritos derivados das Antigas Colônias Caxias, Dona Isabel⁷ e Conde D’Eu.

Por ser um projeto interdisciplinar, extrapola os limites da linguística, abrangendo o tratamento de questões étnicas, políticas, históricas, geográficas, antropológicas e culturais (FROSI, 2010, p. 7). “O núcleo central da pesquisa é o estudo dos nomes próprios de lugares, de sua etimologia, de sua função toponímica, em âmbito multidisciplinar, nas interfaces do contexto físico e humano que os abriga” (FROSI, 2010, p. 8).

O objetivo geral do projeto é investigar a etimologia dos topônimos e estudar os aspectos multidisciplinares neles presentes e subjacentes, relacionando-os aos nomes designativos dos doze municípios que faziam parte da Antiga Colônia I. Tem como objetivos específicos: efetuar uma coleta dos topônimos dos municípios da Antiga Colônia I; especificar e descrever os referenciais que motivaram a escolha dos itens lexicais atribuídos na denominação dos lugares; categorizar os topônimos de acordo com sua natureza física ou antropocultural; explicitar as características etimológicas de cada topônimo, estabelecendo relações com o contexto multilíngue e cultural, fatos históricos, força política e poder dominante dos dois grupos étnicos predominantes aí envolvidos; analisar a nível lexical e semântico cada um dos topônimos; examinar os designativos toponímicos na sua relação com o fenômeno multidialetal italiano e com a língua oficial do país; traçar um padrão toponímico ítalo-brasileiro ensejando confrontos de equivalências ou de contrastes com os de outras regiões do Rio Grande do Sul e de outros estados do Brasil; desencadear o processo de estudo e elaborar o projeto de pesquisa para elaboração do Atlas Toponímico do Rio Grande do Sul (FROSI, 2010, p. 10).

O método adotado na elaboração dos estudos para o TOPac1 é o “método das áreas” ou dialetológico de Dauzat (1947, *apud* FROSI, 2010, p. 19) ou dialetológico.

⁷ Conforme já foi visto, mantivemos a grafia que consta nos documentos do Projeto TOPac1.

Esse método propõe o remapeamento da divisão municipal, em conformidade com os estratos dialetais presentes na língua padrão (SILVA; MELLO, 2007). Em função disso, serão objeto de reconhecimento os estratos dialetais que estruturam, no território escolhido, as formas de expressão vocabular (FROSI, 2010, p. 19).

O estudo compreende dois eixos, o da sincronia e o da diacronia. O levantamento dos designativos é realizado através de cartas topográficas e pesquisa documental (busca de informações em processos, leis, decretos, atas e atos da administração oficial, leitura de obras sobre o assunto). Além disso, são efetuadas entrevistas semiestruturadas com pessoas que tenham um histórico de vida na própria localidade, a fim de obter informações não constantes em documentos escritos e que venham a preencher possíveis lacunas existentes (FROSI, 2010, p. 20). Os dados são organizados em fichas lexicográfico-toponímicas, seguindo o modelo estabelecido por Dick (2004, *apud* FROSI, 2010, p. 20).

Os estudos do Projeto TOPac1 são relevantes por não se conhecerem estudos anteriores na perspectiva linguística da toponímia na região e porque colocam em evidência a relação do léxico com a cultura da região.

1.3.4 Legislação referente à toponímia

Em vários países, há uma preocupação em normatizar a denominação de lugares públicos. Em Portugal, por exemplo, a constituição prevê que é competência dos municípios criar e aprovar regulamentos de toponímia. Cada município designa uma Comissão Municipal de Toponímia, responsável por levantar e analisar os nomes de lugares da região e normatizá-los, além de garantir que os topônimos “estejam intimamente ligados aos valores culturais e sociais das populações portuguesas, refletindo e perpetuando a importância histórica, entre outros, de fatos, pessoas, eventos e lugares” (TIZIO, 2008, p. 99). Podemos citar como exemplo algumas regras do regulamento da cidade de Lisboa:

[*o topônimo deverá*] ter caráter popular e tradicional; provir de nomes de países, cidades, vilas e aldeias, nacionais ou estrangeiros, que por algum motivo estejam ligados ao Município; reportar-se a datas com significado histórico-cultural para a vida do Município ou do país; ser antropônimo de figuras de relevo local, nacional ou mundial; não se atribuirão antropônimos de personalidades, sem ter decorrido um ano da data da sua morte, exceto se estas se tiverem destacado excepcionalmente na vida política, associativa ou outras de relevo; as designações toponímicas do Município não poderão, em caso algum, ser repetidas na mesma localidade (TIZIO, 2008, p. 104).

Em Quebec, no Canadá, o sistema de normatização da toponímia é muito bem elaborado e criterioso. A toponímia é vista como um campo para a promoção da Língua Francesa e da identidade dos diferentes grupos étnicos do lugar. Existe uma Comissão de toponímia responsável por determinar ou alterar topônimos. Para as denominações, não é permitido o uso de designações pejorativas, grosseiras ou que suscitem divergências; nomes banais ou utilizados frequentemente; designações publicitárias; pontos cardinais; designações numéricas, alfabéticas e alfanuméricas; justaposição de topônimos; a utilização do sufixo *-ville*; a utilização de nomes de pessoas vivas – somente após um ano de falecimento (TIZIO, 2008, p. 107-108).

Tanto em Portugal quanto em Quebec, há legislação que regulamenta o ato de nomear lugares públicos, visando à preservação de valores culturais e históricos. No Brasil, não há legislação específica que regulamente o uso da toponímia. Existe apenas uma lei que dispõe sobre a denominação de bens públicos, proibindo a atribuição de nome de pessoa viva.

Lei nº 6.454, de 24 de outubro de 1977.

Dispõe sobre a denominação de logradouros, obras serviços e monumentos públicos, e dá outras providências.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA, faço saber que o CONGRESSO NACIONAL decreta e eu sanciono a seguinte Lei.

Art 1º É proibido, em todo o território nacional, atribuir nome de pessoa viva a bem público, de qualquer natureza, pertencente à União ou às pessoas jurídicas da Administração indireta (BRASIL. Lei n. 6454, de 24 de outubro de 1977).

A Lei Orgânica do Município de São Marcos também não regulamenta o uso da toponímia. Há apenas um artigo que trata da atribuição de nome de pessoa a bens e serviços públicos:

Art. 185. O Município não poderá dar nome de pessoas vivas a bens e serviços públicos de qualquer natureza.

Parágrafo único. Para fins deste artigo, somente após um ano do falecimento poderá ser homenageada qualquer pessoa (Lei Orgânica do Município de São Marcos, 1990, Artigo 185).

Sabe-se que uma das funções do Poder Legislativo Municipal é nomear espaços e logradouros públicos. De acordo com José Oswaldo Diemer de Camargo⁸, para nomear uma rua, no município de São Marcos, é necessário apenas que um vereador entre com um projeto de lei a ser votado pela Câmara Municipal. No caso de homenagem a pessoas, o projeto deve ser acompanhado da biografia do futuro homenageado e da certidão de óbito. Camargo afirma que qualquer pessoa pode ser homenageada, observando-se, é claro, seu

⁸ Vereador da bancada do PP. Depoimento concedido em 20 jan. 2012. No Anexo I encontra-se o termo de autorização de uso do depoimento, assinado pelo vereador.

“espírito comunitário”. Nomes de ruas não devem ser alterados para não causar transtornos ou constrangimento àquela família que já tem seu ente homenageado. Conforme Camargo, muitas vezes são as pessoas da comunidade que recorrem a um vereador solicitando a entrada de projeto de lei na Câmara para denominar ruas com nomes de pessoas falecidas. Quando há necessidade de nomear um prédio público, é organizada uma audiência pública para deliberar sobre os nomes a serem homenageados.

Apesar de não haver leis específicas sobre a denominação de espaços, parece haver um consenso de que as vias públicas devam ser denominadas com nomes de pessoas que participaram do processo histórico do município, como pode ser observado em uma das razões da Exposição de Motivos do Projeto de Lei n. 008/96: “Considerando o critério de denominarmos vias públicas de nossa cidade com nomes de pessoas que participaram de seu processo histórico [...] aguardamos parecer favorável ao Projeto de Lei ora proposto”.

2 CARACTERIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE SÃO MARCOS

Neste capítulo, apresentaremos alguns aspectos históricos, geográficos, políticos e administrativos de São Marcos, para melhor compreendermos a evolução da toponímia são-marquense.

2.1 ASPECTOS HISTÓRICOS

Apesar de haver pouca pesquisa histórica do período anterior à colonização europeia em São Marcos, sabe-se que ali viveram, ou passaram, populações indígenas. O Instituto Anchietano de Pesquisas/UNISINOS tem realizado pesquisas arqueológicas sistemáticas no município desde 1998, tendo registrado 25 sítios arqueológicos relacionados à Tradição Taquara – populações indígenas que habitaram o Planalto Sul do Brasil entre o século II e XVIII, caracterizadas por viverem em depressões circulares no interior da Mata de Araucária (BEBER, 2005, p. 30-38).

No início do século XVII, conforme Possamai (2005, p. 38-39), a região de São Marcos abrigava a Nação Caágua, da Tribo Caaguaras. Porém, no período entre 1636 e 1640, os índios dessa tribo desapareceram por causa das investidas dos bandeirantes paulistas comandados por Raposo Tavares. O historiador afirma que os últimos indígenas a habitarem a região foram os Bugres (Caigangues).

De acordo com Rizzon e Possamai (1987, p. 33-69), no século XVIII, São Marcos pertencia à Sesmaria Palmeiras, formada pela região dos campos do Rio Grande do Sul. Em 1806, a Sesmaria Palmeiras foi dividida em diversas fazendas, entre elas, a Fazenda das Palmeiras dos Ilhéus, da qual São Marcos fazia parte. Os autores indicam registros que comprovam o estabelecimento de açorianos e seus descendentes em terras doadas pelo governo. Destacam também que, dos 54 proprietários de terras, 50 registravam a presença de senzalas e escravos negros, o que demonstra uma presença significativa de descendentes africanos. Na época da colonização italiana, por volta de 1880, ao medir as terras para a

distribuição de lotes, constatou-se que havia 94 famílias de nacionais, brasileiros vindos de São Paulo e Laguna, assentados na região, referida em documentos como Núcleo Colonial São Marcos. Nessa época também há registros de assentamentos de algumas famílias alemães, migrantes de outras regiões do Rio Grande do Sul (RIZZON; POSSAMAI, 1987, p. 33-69).

O Núcleo Colonial São Marcos, conforme Rizzon e Possamai (1987, p. 121), foi fundado em 1885 e fazia parte do município de São Francisco de Paula. No entanto, devido a questões entre os fazendeiros da então sesmaria Palmeira dos Ilhéus e o governo quanto à medição das terras, um número reduzido de imigrantes italianos ocupou os lotes mais acidentados, pois os mais planos estavam em disputa com os fazendeiros. Em 1891, chegou a primeira leva de imigrantes poloneses e italianos. Conforme os historiadores, os imigrantes ficaram alojados meses a fio em um barracão na colônia Caxias à espera de um lote em uma colônia mais antiga. Como as colônias já estavam superpovoadas, a única alternativa foi inscrever-se para a concessão de lotes rurais no recém-criado Núcleo Colonial São Marcos. Não havendo estradas, foram obrigados a percorrer o caminho a pé, em meio à mata, tendo auxílio de bestas de carga. Alojados em novos barracões, tiveram que abrir picada para que pudessem chegar aos seus lotes (RIZZON; POSSAMAI, 1987, p. 82-146).

Entre 1885 e 1896, de acordo com Rizzon e Possamai (1987, p. 126), foram assentadas 201 famílias italianas e 191 famílias polonesas no Núcleo Colonial São Marcos. Os historiadores ressaltam que com a Proclamação da República, em 1889, a política imigratória foi modificada e perdeu o apoio que vinha recebendo. Os poloneses não aceitaram as más condições com a mesma facilidade dos italianos. Entre 1907 e 1917, descontentes com os lotes, que eram quase impossíveis de serem cultivados, praticamente todos os imigrantes poloneses instalados em São Marcos migraram para outras regiões, vendendo suas terras por pouco aos italianos ou até mesmo abandonando-as (RIZZON; POSSAMAI, 1987, p. 82-146).

A administração do Núcleo Colonial São Marcos cabia aos funcionários da Comissão de Terras e Colonização, que aí se instalaram até meados de 1914, quando os colonos saldaram suas dívidas. A partir daí, São Marcos ficou administrativamente dependente de São Francisco de Paula. No entanto, a distância dificultava a comunicação, e muitos problemas não eram resolvidos. Após uma grande disputa política, em 1921 o

núcleo São Marcos foi anexado a Caxias do Sul, sendo criado o distrito de São Marcos. Isso gerou muitas perspectivas de progresso (RIZZON; POSSAMAI, 1987, p. 82-146).

No início da década de 1960, com uma população de aproximadamente dez mil habitantes, São Marcos apresentava um quadro de progresso animador, e a ideia de emancipação começou a ganhar um terreno fértil. Em 11 de março de 1962, um grupo de líderes locais de diferentes partidos políticos reuniram-se para a primeira reunião oficial em prol da emancipação. Em pouco mais de um ano, em nove de outubro de 1963, é criado o Município de São Marcos (RIZZON; POSSAMAI, 1987, p. 149-177).

De acordo com Rizzon e Possamai (1987, p. 23-25), o registro mais antigo que se encontrou do nome São Marcos foi em um documento de 1790. Nesse documento, há a referência ao Rio São Marco como sendo um dos limites do território de Fazenda Souza. Também é citada a existência de um potreiro com o mesmo nome. Estudiosos indicam tendências de se nomear aglomerados humanos, formados à margem de rios, pelo próprio nome do rio, demonstrando a importância do curso d'água para a população que se fixa em suas margens (SAMPAIO, 1928; DAUZAT, 1946; VASCONCELOS, 1931; CARDOSO, 1961, *apud* TIZIO, 2008). Assim, há a hipótese de que a denominação da região tenha sido motivada pelo nome do rio.

2.1 ASPECTOS GEOGRÁFICOS

O município de São Marcos está localizado na Encosta Superior do Nordeste do Rio Grande do Sul, a 155 km de Porto Alegre. Em relação ao Rio Grande do Sul, São Marcos pode ser visualizado no Mapa 1.



Mapa 1 – Localização de São Marcos no Rio Grande do Sul (Fonte: adaptado de Wikipedia, 2011).⁹

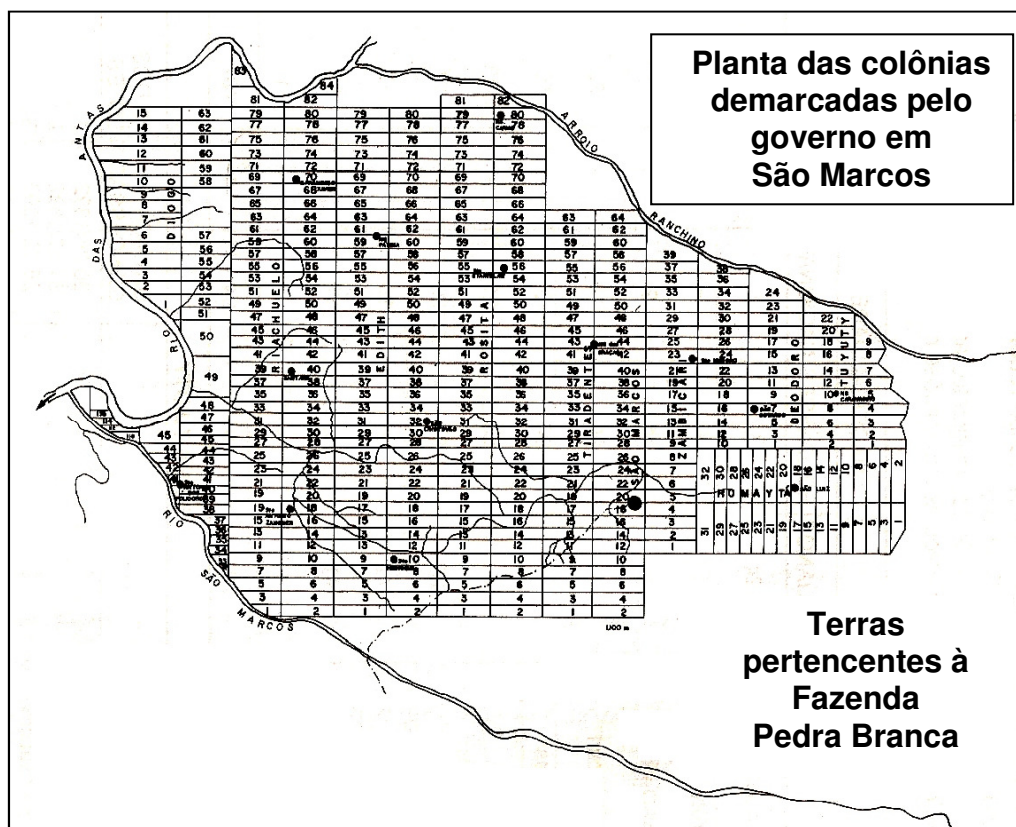
De acordo com o Censo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) de 2010, o município possui 20.047 habitantes. Tem uma área total de 263,7 km², sendo 16,44 km² de área urbana. Faz limite com Campestre da Serra ao Norte, Caxias do Sul ao Sul e Leste, e Antônio Prado e Flores da Cunha ao Oeste. É uma região bastante acidentada ao lado oeste, num relevo de profundos vales, e tende a suavizar ao lado leste com o início da zona de campo. O setor de serviços representa 59% do PIB (Produto Interno Bruto), o setor da indústria representa 33%, e o setor da agropecuária 8%. De acordo com o site oficial de São Marcos¹⁰, o município possui doze escolas de Ensino Fundamental, nove escolas de Educação Infantil e três escolas de Ensino Médio.

⁹ Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:RioGrandedoSul_Municip_Sao_Marcos.svg>. Acesso em: 17 abr. 2011.

¹⁰ Disponível em: <<http://www.saomarcos-rs.com.br>>. Acesso em: 09 abr. 2011.

2.2 DIVISÃO POLÍTICO-ADMINISTRATIVA

A primeira divisão político-administrativa de São Marcos, de acordo com Rizzon e Possamai (1987, p. 104), foi feita na época da colonização para a distribuição de lotes. A Colônia São Marcos era dividida em nove linhas¹¹ que a cortavam no sentido norte-sul: Deodoro da Fonseca, Diogo dos Santos, Edith, Humaitá, Riachuelo, Rosita, Tiradentes, Tuiuti, Zambecari e Salgado¹². Na planta das colônias demarcadas pelo governo (Mapa 2), é possível observar uma área extensa de terras não demarcadas que pertenciam à Fazenda Pedra Branca, de propriedade de Jacob Kröeff, que desenvolveu um projeto particular de colonização de suas terras.



Mapa 2 – Planta das colônias demarcadas pelo governo no Núcleo Colonial São Marcos. Escala 1:50.000 (Fonte: adaptado de RIZZON; POSSAMAI, 1987, p. 125).

¹¹ De acordo com Frosi e Mioranza (2009, p. 50), “as terras foram divididas em Linhas ou Travessões, e estes em lotes coloniais numerados. As divisões eram feitas, em geral, sobre mapas, não respeitando acidentes geográficos, a não ser os de maior relevo, como o rio das Antas e afluentes”.

¹² No livro *História de São Marcos*, Rizzon e Possamai (1987) utilizam a grafia *Humaytá* e *Tuiuty*, com a letra “y”. Porém, a denominação atual das linhas, de acordo com a Prefeitura Municipal, é *Humaitá* e *Tuiuti*, grafadas com a letra “i”. Neste trabalho, optamos pelo emprego da grafia *Humaitá* e *Tuiuti*.

Após o assentamento, conforme Rizzon e Possamai (1987, p. 391-392), os imigrantes passaram a se relacionar uns com os outros e logo surgiram comunidades com fins religiosos, educacionais, sociais e recreativos. Frosi e Mioranza (2009, p. 50-79), explicam que a divisão das linhas e lotes coloniais da RCI foi planejada sobre mapas, sem levar em consideração a presença de acidentes geográficos. Assim, as comunidades eram formadas por proximidade, uma vez que a presença de acidentes geográficos ou a grande extensão de uma linha dificultavam o acesso a um único centro sociorreligioso, surgindo a necessidade de criação de mais de uma capela em uma única linha. Quando havia apenas uma capela sobre uma linha, a comunidade correspondia ao total de famílias que aí viviam.

Geralmente, de acordo com Rizzon e Possamai (1987, p. 391-392), os moradores construía primeiramente uma pequena capela e um cemitério, mais tarde, uma escola. Como não eram reservados lotes para a construção de prédios comunitários, um morador doava parte do lote à Mitra Diocesana para a construção da sede da comunidade. Caso ninguém pudesse doar, os moradores se reuniam e compravam uma área para esse fim. Depois da construção da capela, do cemitério e da escola, os moradores se dedicavam à construção do salão de festas, da cancha de bochas e, posteriormente, do campo de futebol. Os primeiros registros oficiais de comunidades datam de 1899. As localidades passaram a ficar conhecidas pelo nome de seu santo padroeiro. Rizzon e Possamai (1987) referem-se a essas comunidades como comunidades-capelas. Neste trabalho, utilizaremos essa denominação para nos referirmos a tais localidades, vinculadas à Mitra Diocesana.

O fenômeno da disseminação de comunidades-capelas se deu em toda região de colonização italiana do nordeste do Rio Grande do Sul. Conforme Frosi e Mioranza (2009, p. 61), a organização social dos imigrantes em torno de capelas devia-se não somente ao sentimento religioso e o anseio de reunir-se para desenvolver uma vivência social, “mas, especialmente, à possibilidade de poder transformar o pequeno núcleo inicial em aglomerado que, no futuro, poderia ser um centro socioeconômico de projeção”.

Atualmente há 24 comunidades-capelas¹³ no município de São Marcos. No Quadro 1 é possível visualizar seus nomes e sua localização.

¹³ Comunidades conhecidas pelo nome do seu santo padroeiro vinculadas à Mitra Diocesana (RIZZON; POSSAMAI, 1987).

	Comunidade-Capela	Localização
1	Menino Jesus de Praga	Bairro Henrique Pante
2	Nossa Senhora das Graças	Linha Tiradentes
3	Nossa Senhora de Caravaggio	Linha Tuiuti
4	Nossa Senhora de Fátima	Linha Edith
5	Nossa Senhora do Carmo	Linha Rosita
6	Nossa Senhora do Trabalho	Bairro Progresso
7	Sagrada Família	Bairro Polo
8	Sagrado Coração de Jesus	Bairro Santini
9	Santa Bárbara	Bairro Industrial
10	Santa Catarina	Linha Pedras Brancas
11	Sant'Ana	Linha Riachuelo
12	Santo Antônio Zamoner	Linha Riachuelo
13	Santo Antônio dos Polidores	Linha Diogo dos Santos
14	Santo Estanislau	Linha Rosita
15	Santo Henrique	Linha Edith
16	Santo Isidoro	Linha Zambeccari
17	São Cristovão	Bairro Michelon
18	São Francisco Xavier	Linha Riachuelo
19	São Gotardo	Linha Marechal Deodoro da Fonseca
20	São Jacó	Linha Pedras Brancas
21	São José Operário	Bairro São José
22	São Judas Tadeu	Bairro Francisco Doncatto
23	São Luís	Linha Humaitá
24	São Roque	Linha Pedras Brancas

Quadro 1 – Lista das comunidades-capelas da Mitra Diocesana de acordo com Rizzon e Possamai (1987, p. 391-458) e com a relação das comunidades da Mitra Diocesana¹⁴. Localização de acordo com o Mapa das Estradas de São Marcos.

De acordo com Joaquim Domingos Vanelli Neto¹⁵, arquiteto e urbanista responsável pela Prefeitura Municipal de São Marcos, a zona rural do município tem, atualmente, duas formas de divisão político-administrativa: a divisão por linhas, utilizada apenas em escrituras de imóveis e alguns documentos oficiais, e a divisão por comunidades¹⁶, utilizada amplamente pelos moradores e na maioria dos documentos oficiais, inclusive em leis. No mapa atual das estradas de São Marcos, utiliza-se a

¹⁴ Disponível em: <http://www.diocesedecaxias.org.br/comunidades.php?cod_paroquia=81>. Acesso em: 08 maio 2011.

¹⁵ Depoimento concedido oralmente no dia 22 de outubro de 2010. No Anexo II encontra-se o termo de autorização de uso do depoimento, assinado pelo funcionário da Prefeitura Municipal.

¹⁶ Neste trabalho, o uso do termo “comunidade” é o mesmo empregado pela Prefeitura Municipal de São Marcos. O termo “comunidade-capela” é o mesmo empregado por Rizzon e Possamai (1987) para se referir às comunidades vinculadas à Mitra Diocesana. Como se vê, os termos têm diferentes âmbitos.

demarcação por linhas, cuja denominação é praticamente a mesma da primeira planta das colônias. Apenas duas localidades sofreram alteração na denominação, a Linha Salgado, onde havia apenas um lote e uma família assentada, não aparece mais na demarcação oficial, fazendo parte de outra linha. A então Fazenda Pedra Branca hoje é chamada de Linha Pedras Brancas. As demais linhas, Deodoro da Fonseca, Diogo dos Santos, Edith, Humaitá, Riachuelo, Rosita, Tiradentes, Tuiuti e Zambecari, continuam, oficialmente, com a mesma demarcação e denominação.

Já no mapa oficial do município, não consta a divisão em linhas. A Zona Rural é organizada em comunidades, identificadas na legenda do mapa como capelas, vilas, ou povoados. Na Zona Urbana, há nove bairros: Bela Vista, Centro, Francisco Doncatto, Henrique Pante, Industrial, Michelin, Polo, Santini e São José (conforme Mapa dos Bairros fornecido pela Prefeitura Municipal de São Marcos).

A cidade possui um distrito, Pedras Brancas. No Quadro 2, apresentamos a lista das comunidades de acordo com a organização da Prefeitura Municipal.

	Nome da Comunidade	Localização
1	Santo Antônio Zamoner	Linha Riachuelo
2	Nossa Senhora das Graças	Linha Tiradentes
3	Nossa Senhora de Caravaggio	Linha Tuiuti
4	Nossa Senhora de Fátima	Linha Edith
5	Nossa Senhora do Carmo	Linha Rosita
6	Pedras Brancas (distrito)	Linha Pedras Brancas
7	Riachuelo	Linha Riachuelo
8	Santana	Linha Riachuelo
9	Santo Antônio Polidoro	Linha Diogo dos Santos
10	Santo Henrique	Linha Edith
11	Santo Isidoro	Linha Zambecari
12	Santo Stanislaw	Linha Rosita
13	São Gotardo	Linha Marechal Deodoro da Fonseca
14	São Jacob	Linha Pedras Brancas
15	São Luís	Linha Humaitá
16	São Roque	Linha Pedras Brancas

Quadro 2 – Lista das comunidades de acordo com a divisão administrativa municipal de São Marcos e sua localização conforme Mapa de São Marcos fornecido pela Prefeitura Municipal de São Marcos.

A organização da Mitra Diocesana difere pouco da organização político-administrativa de São Marcos¹⁷. Há 24 comunidades-capelas, cujo espaço corresponde

¹⁷ Gostaríamos de agradecer à Professora Dra. Vitalina Maria Frosi pela indicação da lista atual das comunidades-capelas da Mitra Diocesana.

exatamente às 16 comunidades administrativas mais oito bairros. No entanto, a denominação desses espaços difere um pouco, como pode ser observado no Quadro 3.

	Organização político-administrativa da Prefeitura Municipal	Organização em Comunidades-capelas da Mitra Diocesana
1	Bairro Francisco Doncatto	São Judas Tadeu
2	Bairro Henrique Pante	Menino Jesus de Praga
3	Bairro Industrial	Santa Bárbara
4	Bairro Michelin	São Cristovão
5	Bairro São José	São José Operário
6	Bairro Polo	Sagrada Família
7	Bairro Centro (Loteamento Progresso)	Nossa Senhora do Trabalho
8	Bairro Santini	Sagrado Coração de Jesus
9	Nossa Senhora das Graças	Nossa Senhora das Graças
10	Nossa Senhora de Caravaggio	Nossa Senhora de Caravaggio
11	Nossa Senhora de Fátima	Nossa Senhora de Fátima
12	Nossa Senhora do Carmo	Sagrado Coração de Jesus
13	Pedras Brancas (distrito)	Santa Catarina
14	Santana	Sant'Ana
15	Santo Antônio dos Polidoros	Santo Antônio dos Polidoros
16	Santo Antônio Zamoner	Santo Antônio Zamoner
17	Santo Stanislaw	Santo Estanislau
18	Santo Henrique	Santo Henrique
19	Santo Isidoro	Santo Isidoro
20	São Francisco Xavier	São Francisco Xavier
21	São Gotardo	São Gotardo
22	São Jacob	São Jacó
23	São Luís	São Luís
24	São Roque	São Roque

Quadro 3 – Quadro comparativo da organização política-administrativa da Prefeitura Municipal de São Marcos em bairros – Zona Urbana e comunidades – Zona Rural (de acordo com o Mapa de São Marcos) e da organização da Mitra Diocesana em comunidades-capelas (de acordo com o site da Mitra Diocesana¹⁸).

Das dezesseis comunidades da organização administrativa municipal, quatorze coincidem com o nome das comunidades-capelas da Mitra Diocesana, havendo apenas algumas diferenças na grafia dos nomes (Santana/Sant'Ana, Santo Stanislaw/Santo Estanislau, São Jacob/São Jacó). A comunidade Riachuelo não tem a mesma denominação da comunidade-capela, São Francisco Xavier. Sua denominação se dá a partir do nome da linha onde se localiza. O mesmo acontece com a comunidade Pedras Brancas, cuja

¹⁸ Disponível em: <http://www.diocesedecaxias.org.br/comunidades.php?cod_paroquia=81>. Acesso em: 08 maio 2011.

comunidade-capela é Santa Catarina. É interessante destacar que apenas um bairro é denominado a partir do padroeiro de sua comunidade-capela, o Bairro São José.

Na experiência como moradora de São Marcos por 25 anos, pude verificar que algumas localidades são conhecidas popularmente pelo nome da comunidade-capela e outras pelo nome da linha. Isso pode ser verificado em anúncios de eventos religiosos e esportivos veiculados na rádio e jornal locais e em cartazes de divulgação espalhados nas vitrines das casas de comércio. Nas leis municipais, também é possível verificar o uso ora de linhas ora de comunidades-capelas. Por exemplo, ao situar o ginásio de esportes de uma escola localizada na comunidade Santo Stanislaw, a lei n.º 2090, de 23 de abril de 2009, refere-se ao local como Linha Rosita.

O Prefeito Municipal de São Marcos faço saber que a Câmara Municipal aprova e eu sanciono a seguinte Lei: Art. 1.º Fica denominado de Pavilhão Poliesportivo Henrique Casanova o Pavilhão de Esportes da Escola Municipal de Ensino Fundamental Dom José Baréa, situado na **Linha Rosita** (SÃO MARCOS. Lei n.º 2.090, de 23 de abril de 2009, grifo nosso).

Já a comunidade Nossa Senhora do Caravaggio é largamente conhecida como Tuiuti. Pode-se observar isso na lei n.º 2.104, de 09 de junho de 2009, que denomina a estrada que dá acesso a essa localidade.

O Prefeito Municipal de São Marcos faço saber que a câmara municipal aprova e eu sanciono a seguinte Lei: Art. 1.º Fica denominado de Estrada dos Romeiros a via pública que dá acesso à comunidade de **Tuiuti**, em toda a sua extensão, iniciando junto à VRS 815, seguindo o sentido norte (SÃO MARCOS. Lei n.º 2.104, de 09 de junho de 2009, grifo nosso).

São Marcos tem apenas um distrito, criado em 20 de abril de 1994, que integra as comunidades de Pedras Brancas, São Jacó e São Roque. A sede distrital se localiza na comunidade de Pedras Brancas (SÃO MARCOS. Lei n.º 1041/94 de 20 de abril de 1994). Os primeiros bairros a serem criados, de acordo com a Lei n.º 00.046/67 de 27 de junho de 1967, foram os bairros Franciso Doncatto, Michelon e Henrique Pante.

O PODER LEGISLATIVO decretou e eu aprovo e sanciono a seguinte Lei: **Art. 1º** É dada denominação aos seguintes bairros e vias públicas: 1) **BAIRRO MICHELON** - Toda a parte suburbana da cidade, para o lado Norte, e que fica além do riacho que passa junto à moradia do Sr. Antônio Stedile. 2) **BAIRRO FRANCISCO DONCATTO** - Toda a área suburbana da cidade, que compreende a atual "Vila Tapejara". 3) **BAIRRO HENRIQUE PANTE** - Toda a área suburbana da cidade, compreendida pela "Vila Planalto" (SÃO MARCOS. Lei n.º 00.046/67 de 27 de junho de 1967).

Mais de 40 anos depois, o Bairro Francisco Doncatto ainda é popularmente chamado de Bairro Tapejara. Em 1978 foi criado o Bairro Industrial (SÃO MARCOS. Lei n.º 00.295/78 de 28 de novembro de 1978). Em 2001, foi criado o Bairro São José, oriundo dos Loteamentos Pequeno Operário, Especial Vida Nova e Especial Colina Sorriso. A

escolha do nome do bairro foi feita através de consulta popular (SÃO MARCOS, Lei nº 01.550/01 de 22 de maio de 2001). O Bairro Santini foi criado em 2003, oriundo da Linha Santini (SÃO MARCOS. Lei nº 01.704/03 de 05 de agosto de 2003). O Bairro Polo foi criado em 17 de dezembro 2003, oriundo da localidade Loteamento Polo. Na mesma data, foi criado o Bairro Bela Vista, oriundo da localidade Morro Carraro (SÃO MARCOS. Lei nº 01.734/03 de 17 de dezembro de 2003).

3 LEVANTAMENTO TOPONÍMICO

Neste trabalho, são analisados 299 topônimos – 10 nomes de linhas, 16 nomes de comunidades, 09 nomes de bairros e 264 nomes de ruas. Apesar dos topônimos referentes a linhas, comunidades e bairros constituírem um número bem menor no nosso *corpus* do que o número de topônimos referentes a ruas, representam grande valor significativo para nossa análise, pois se referem a extensões espaciais maiores e são amplamente conhecidos pela população de São Marcos, ao contrário dos nomes de muitas ruas que são conhecidos apenas por uma parcela pequena de moradores.

Primeiramente, analisaremos os padrões de motivação de todo nosso *corpus*. Após, analisaremos os padrões de cada grupo (linhas, comunidades, bairros, ruas) separadamente.

A seguir, apresentamos o gráfico do percentual das taxionomias toponímicas dos nomes do nosso *corpus* de acordo com a natureza física e antropocultural (DICK, 1992).

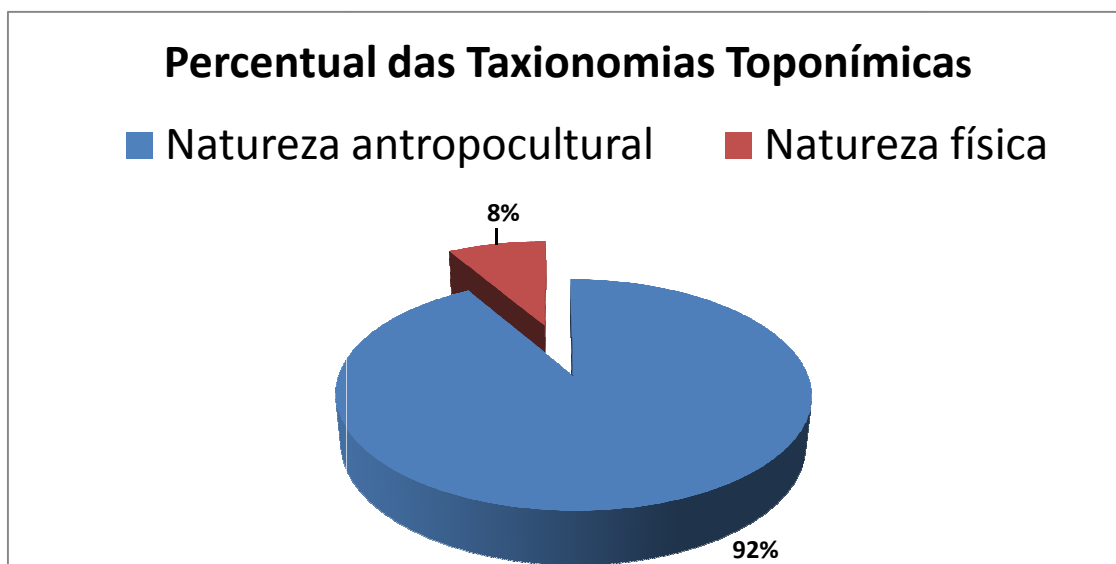


Figura 1 – Gráfico do percentual das taxionomias toponímicas das linhas, comunidades, bairros e ruas de São Marcos de acordo com a natureza física e antropocultural (DICK, 1992).

Observando-se a Figura 1, é possível verificar que as taxionomias de natureza antropocultural têm recorrência muito superior em relação às taxionomias de natureza física. Na nomeação das linhas, comunidade, bairros e ruas de São Marcos, há o percentual de 92% (275 topônimos) de taxes de natureza antropocultural e 8% (24 topônimos) de natureza física. Essa é uma tendência geral da toponímia urbana, pois aí há aglomerações de pessoas que buscam motivação nos fatos relacionados à cultura e à história local ou nacional ao denominar um acidente humano, buscando, geralmente, homenagear pessoas com significativo valor sócio-histórico para a região. Por outro lado, ao denominar acidentes físicos, o denominador busca evidenciar características físico-geográficas do ambiente (SOUSA, 2008, p. 8).

Para fazer uma análise mais rigorosa de nossos dados, buscamos os padrões motivadores dos topônimos dentro de cada grupo de referentes – linhas, comunidades, bairros e ruas.

3.1 LINHAS

O Quadro 4 apresenta o levantamento toponímico das linhas de acordo com o Mapa das Estradas de São Marcos e a classificação toponímica de acordo com Dick (1992). A Figura 2 apresenta o gráfico com o percentual dos padrões motivadores das linhas.

N.	Topônimo	Classificação	Observações
1	Deodoro da Fonseca	Antropotopônimo	Participou da Guerra do Paraguai e se tornou comandante de armas da província do Rio Grande do Sul.
2	Diogo dos Santos	Antropotopônimo	Responsável pela demarcação das colônias enviado pelo Governo Imperial (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Documentação Territorial do Brasil: Flores da Cunha).
3	Edith	Antropotopônimo	Senhora que trabalhava no acampamento dos engenheiros e agrimensores (RIZZON; POSSAMAI, 1987, p. 105).
4	Humaitá	Historiotopônimo	Nome de uma famosa fortaleza na margem esquerda do rio Paraguai.

			Passagem de Humaitá - operação militar durante a Guerra do Paraguai em 1868, que resultou na tomada da fortaleza de Humaitá pelas forças brasileiras, sendo um dos momentos mais difíceis daquela guerra (DONATO, 1996, p. 307; BUENO, 1998, p. 593). Do tupi-guarani <i>mbaitá</i> , correntemente <i>maitaca</i> , <i>baitaca</i> , papagaio barulhento (BUENO, 1998, p. 147).
5	Pedras Brancas	Litotopônimo	Pedra Branca – fazenda de propriedade de Jacob Kröeff, dividida em colônias no início do século XX como loteamento particular (RIZZON; POSSAMAI, 1987, p. 418). O nome Pedras Brancas advém de um lajeado que existia no campo que, ao chover, apresentava-se branco (DALL’ ALBA, 2005, p. 160).
6	Riachuelo	Historiotopônimo	Batalha do Riachuelo – batalha da Guerra do Paraguai, travada às margens do Rio Riachuelo, na Argentina (DONATO, 1996, p. 441).
7	Edith	Antropotopônimo	Senhora que trabalhava no acampamento dos engenheiros e agrimensores (RIZZON; POSSAMAI, 1987, p. 105).
8	Tiradentes	Antropotopônimo	Mártir da inconfidência mineira e herói nacional.
9	Tuiuti	Historiotopônimo	Está por <i>tuyutinga</i> , do tupi-guarani, o lameiro branco, o pântano alvadio. Local do Paraguai onde se travou famosa batalha (a batalha de Tuiuti) com as forças brasileiras, saindo estas vitoriosas (BUENO, 1998, p. 365).
10	Zambeccari	Antropotopônimo	Tito Lívio Zambeccari (1803 – 1862) – italiano que lutou ao lado dos revolucionários do Rio Grande do Sul, sendo braço direito do General Bento Gonçalves (MOTTIN; CASOLINO, 1999, p. 171. Não foi encontrado nenhum registro que indicasse que o nome desta linha tenha sido dado em homenagem a Tito Lívio Zambeccari. No entanto, há uma rua em Porto Alegre com esse nome, o que indica a possibilidade de que a homenagem tenha sido feita a esse italiano que esteve no Rio Grande do Sul durante a Revolução Farroupilha.

Quadro 4 – Levantamento toponímico das linhas de São Marcos.



Figura 2 – Gráfico do percentual dos padrões motivadores das linhas de São Marcos de acordo com a taxionomia de Dick (1992).

No município de São Marcos, na denominação das linhas, há o percentual de 60% (seis topônimos) de antropotopônimos, 30% (três topônimos) de historiotopônimos e 10% (um topônimo) de litotopônimos.

Dos dez topônimos analisados, seis não têm relação direta com a história da localidade, e sim, com fatos (Humaitá, Riachuelo, Tuiuti) e vultos (Zambeccari, Tiradentes e Deodoro da Fonseca) do século XIX. Sendo que as linhas foram nomeadas em 1885 (com exceção da Linha Pedras Brancas), quando foi criado o Núcleo Colonial São Marcos, provavelmente esses fatos e vultos históricos ainda eram marcantes para aqueles que denominaram as linhas no século seguinte.

Muito antes da colonização, Pedras Brancas já tinha esse nome. Há registros de que tropeiros, no século XIX, denominavam um grande potreiro, localizado no território onde atualmente se encontra Pedras Brancas, de Invernada da Pedra Branca¹⁹. Segundo Dall’Alba (2005, p. 160), o nome Pedras Brancas advém de um lajeado que existia no campo que, ao chover, apresentava-se branco. No início do século XX, Jacob Kröeff adquiriu esse território denominando-o de Fazenda de Jacob Kröeff e o dividiu em

¹⁹ De acordo com o Auto de Medição de Terras nº1465 – Arquivo Histórico do Estado, *apud* Rizzon e Possamai (1987, p. 24).

colônias, vendendo-o a imigrantes como loteamento particular. O loteamento recebeu o nome de Pedras Brancas²⁰.

Já as linhas Diogo dos Santos, Edith e Rosita homenageiam pessoas da então Colônia São Marcos. Segundo antigos moradores do município, as denominações Edith e Rosita “foram dadas em homenagem a duas senhoras que trabalhavam nos acampamentos dos engenheiros e agrimensores que realizaram a medição dos lotes” (RIZZON; POSSAMAI, 1987, p. 105). Já Diogo dos Santos provavelmente tenha sido o responsável pela medição das colônias em São Marcos. Conforme o histórico da cidade de Flores da Cunha encontrado na biblioteca digital do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, Diogo dos Santos foi o responsável pela divisão das colônias de Flores da Cunha por volta de 1877. É possível que também tenha feito a medição das colônias de São Marcos e que uma tenha sido denominada com seu nome. Conforme Dom Benedito Zorzi (1988), chamar a linha pelo nome do agrimensor era uma prática muito comum na época. Segundo o religioso, os travessões eram denominados a partir de acidentes geográficos que caracterizavam a área, como Cerro Grande; autoridades, como Antônio Prado; e nomes de agrimensores, como Paredes, Felisberto da Silva, etc.

A Linha Marechal Deodoro da Fonseca é conhecida largamente pela população como Teodória, e a Linha Zambecari, como Zambecária. Nos nomes populares dessas linhas ocorre uma transposição do gênero feminino da palavra *linha* para os substantivos próprios *Deodoro* e *Zambecari*. Analisaremos esse fenômeno mais detalhadamente no Capítulo 5.

3.2 COMUNIDADES

O Quadro 5 apresenta o levantamento toponímico das comunidades de acordo com o Mapa de São Marcos e a classificação toponímica de acordo com Dick (1992).

²⁰ Em documento datado de 1926, Padre Henrique Compagnoni refere-se à benção de uma pequena capela localizada na linha Pedras Brancas (RIZZON; POSSAMAI, 1987, p. 423).

N.	Topônimo	Classificação	Observações
1	Nossa Senhora das Graças	Hagiotopônimo	Padroeira da Comunidade-capela de mesmo nome.
2	Nossa Senhora de Caravaggio	Hagiotopônimo	Padroeira da Comunidade-capela de mesmo nome.
3	Nossa Senhora de Fátima	Hagiotopônimo	Padroeira da Comunidade-capela de mesmo nome.
4	Nossa Senhora do Carmo	Hagiotopônimo	Padroeira da Comunidade-capela de mesmo nome.
5	Pedras Brancas	Litotopônimo	Nome da linha onde a comunidade se localiza. O nome Pedras Brancas advém de um lajeado que existia no campo que, ao chover, apresentava-se branco (DALL'ALBA, 2005, p. 160).
6	Riachuelo	Historiotopônimo	Nome de uma das linhas onde a comunidade se localiza. Batalha do Riachuelo – batalha da Guerra do Paraguai, travada às margens do Rio Riachuelo, na Argentina (DONATO, 1996, p. 441).
7	Santana (Santa Ana)	Hagiotopônimo	Padroeira da Comunidade-capela de mesmo nome.
8	Santo Antônio Polidoro	Hagiotopônimo ²¹	Santo Antônio é o padroeiro da capela, enquanto Polidoro é o sobrenome da família que doou a terra para a construção do cemitério e da capela (RIZZON; POSSAMAI, 1987, p. 411-413).
9	Santo Antônio Zamoner	Hagiotopônimo ²²	Santo Antônio é o padroeiro da capela, enquanto Zamoner é o sobrenome da família que doou a terra para a construção do cemitério e da capela (RIZZON; POSSAMAI, 1987, p. 400-403).
10	Santo Henrique	Hagiotopônimo	Padroeiro da Comunidade-capela de mesmo nome.
11	Santo Isidoro	Hagiotopônimo	Padroeiro da Comunidade-capela de mesmo nome.
12	Santo Stanislaw	Hagiotopônimo	Padroeiro da Comunidade-capela de mesmo nome.
13	São Gotardo	Hagiotopônimo	Padroeiro da Comunidade-capela de mesmo nome.
14	São Jacob	Hagiotopônimo	Padroeiro da Comunidade-capela de mesmo nome.
15	São Luís	Hagiotopônimo	Padroeiro da Comunidade-capela de mesmo nome.

²¹ De acordo com Dick (1992, p. 159), os topônimos podem ser constituídos por uma formação híbrida. Assim, Santo Antônio Polidoro é formado por dois constituintes, o hagiotopônimo Santo Antônio e o antropotopônimo Polidoro. Neste trabalho, para quantificação dos padrões motivadores, será considerado apenas o primeiro constituinte.

²² Da mesma forma que Santo Antônio Polidoro, considerou-se apenas o primeiro constituinte para fins de classificação.

16	São Roque	Hagiotopônimo	Padroeiro da Comunidade-capela de mesmo nome.
----	-----------	---------------	---

Quadro 5 – Levantamento toponímico das comunidades de São Marcos.

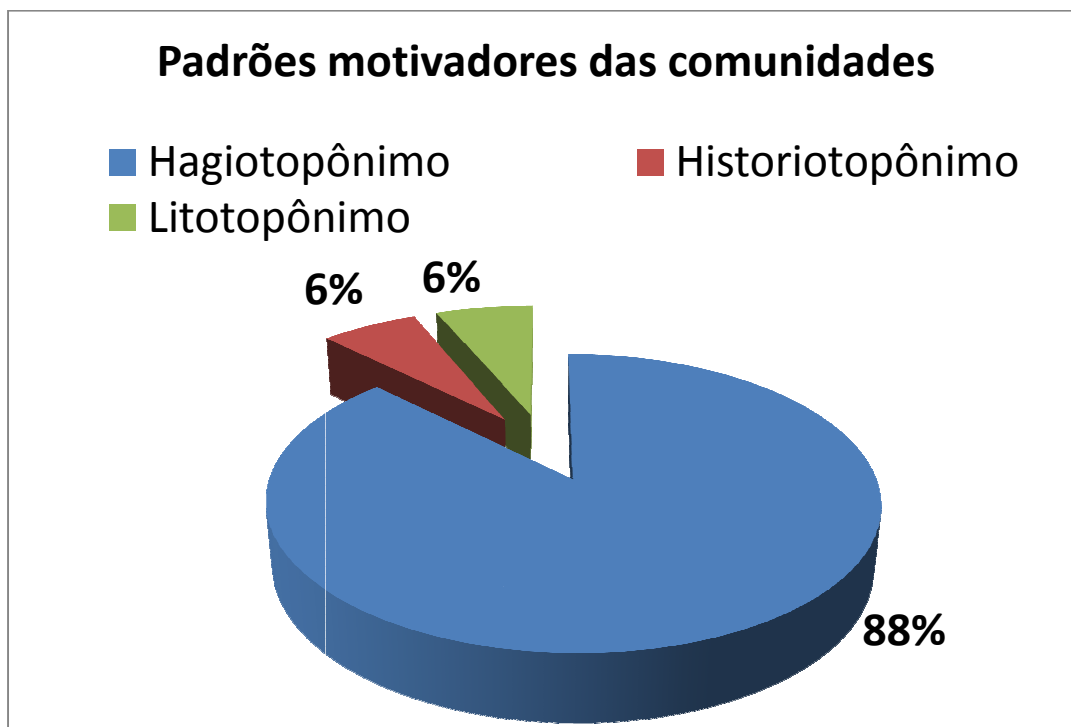


Figura 3 – Gráfico do percentual dos padrões motivadores das comunidades de São Marcos de acordo com a taxionomia de Dick (1992).

A Figura 3 apresenta o gráfico com o percentual dos padrões motivadores das comunidades. No município de São Marcos, na denominação das comunidades, há o percentual de 88% (14 topônimos) de hagiotopônimos, 6% (um topônimo) de historiopônimos e 6% (um topônimo) de litotopônimos.

Observando o Quadro 5 e a Figura 3, é possível observar a ocorrência significativa de hagiotopônimos. A forte influência religiosa na escolha dos nomes das comunidades demonstra a devoção aos santos dos primeiros moradores que as nomearam. Esse fenômeno também já foi observado em outras localidades, como Caxias do Sul e Bento Gonçalves, regiões colonizadas por italianos que passaram seu apego à religião católica aos seus descendentes (FAGGION; DAL CORNO; FROSI, 2008, p. 278).

3.3 BAIRROS

O Quadro 6 apresenta o levantamento toponímico dos bairros de acordo com o Mapa de São Marcos, a possível explicação da origem do topônimo e a taxionomia de acordo com Dick (1992). A Figura 4 apresenta o gráfico do percentual dos padrões motivadores dos bairros.

N.	Topônimo	Classificação	Observações
1	Bela Vista	Animotopônimo	
2	Centro	Cardinotopônimo	
3	Francisco Doncatto	Antropotopônimo	Nome do loteador da “Vila Tapejara”, atual Bairro Francisco Doncatto (RIZZON; POSSAMAI, 1987, p. 450).
4	Henrique Pante	Antropotopônimo	Dedicou-se à extração da madeira nas primeiras décadas do século XX (NEVES, 2005, p. 193).
5	Industrial	Ergotopônimo	
6	Michelon	Antropotopônimo	Sobrenome de um morador do bairro que instalou uma grande empresa de transportes na localidade.
7	Polo	Antropotopônimo	Sobrenome do morador proprietário das terras onde hoje se localiza grande parte do bairro de mesmo nome.
8	Santini	Antropotopônimo	Sobrenome do morador proprietário das terras onde hoje se localiza grande parte do bairro de mesmo nome.
9	São José	Hagiotopônimo	Padroeiro da igreja católica localizada no bairro.

Quadro 6 – Levantamento toponímico dos bairros de São Marcos.

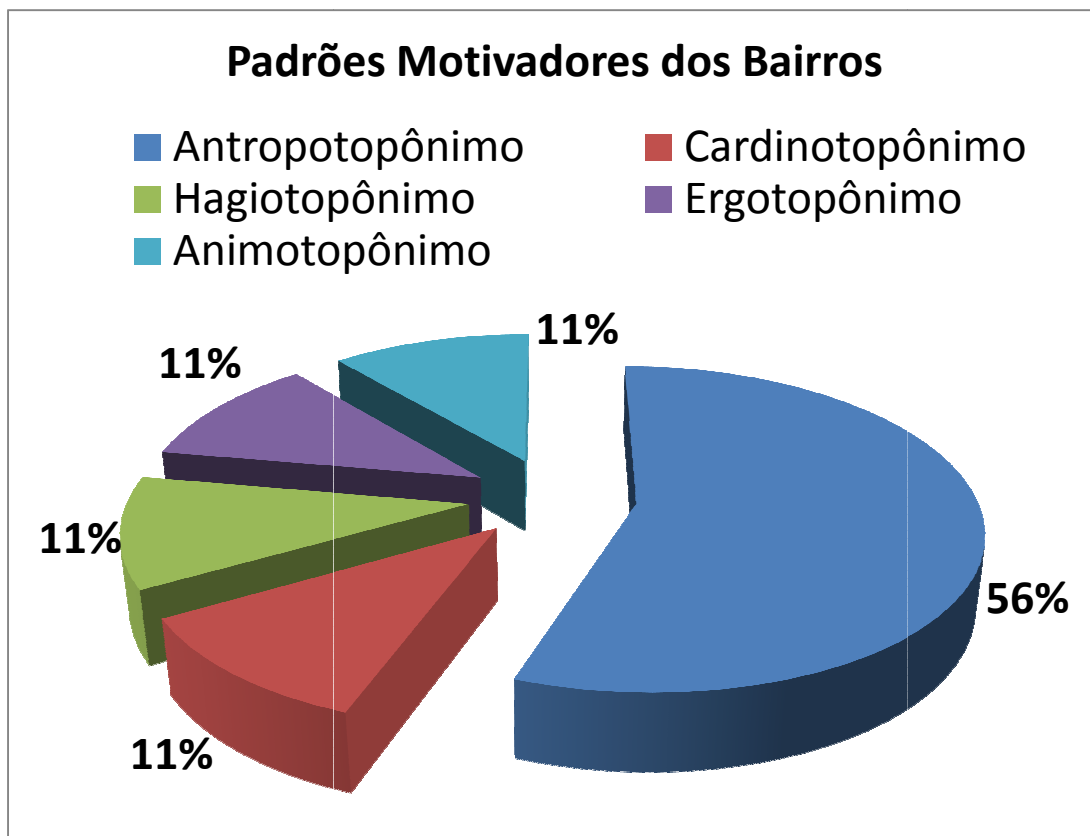


Figura 4 – Gráfico do percentual dos padrões motivadores dos bairros de São Marcos de acordo com a taxionomia de Dick (1992).

A Figura 4 apresenta o gráfico com o percentual dos padrões motivadores dos bairros do município de São Marcos. Verifica-se o percentual de 56% (cinco topônimos) de antropotopônimos, 11% (um topônimo) de cardinotopônimos, 11% (um topônimo) de hagiopônimos, 11% (um topônimo) de ergotopônimos e 11% (um topônimo) de animotopônimos. Há predominância de ocorrência de antropotopônimos na denominação dos bairros, sendo que todos homenageiam moradores locais.

3.4 RUAS

Na lista de ruas da Prefeitura Municipal de São Marcos há o registro de 272 ruas. Uma vez que sete não possuem denominação, 264 nomes de ruas fazem parte do nosso *corpus*. O Quadro 7 apresenta o levantamento toponímico das ruas da cidade de São Marcos e a classificação de acordo com Dick (1992).

N.	Elemento genérico	Topônimo	Classificação
1	Rua	Adelar José Perin	Antropotopônimo
2	Rua	Adraine Pedro Soldatelli	Antropotopônimo
3	Rua	Agostinho Ballardin	Antropotopônimo
4	Rua	Alberto Pedrotti	Antropotopônimo
5	Rua	Alberto Torresini	Antropotopônimo
6	Rua	Alcides Daros	Antropotopônimo
7	Rua	Alcides Zuanazzi	Antropotopônimo
8	Rua	Alfredo de Lavra Pinto	Antropotopônimo
9	Rua	Angelo Batista Scopel	Antropotopônimo
10	Rua	Angelo Benato Filho	Antropotopônimo
11	Rua	Ângelo Manosso	Antropotopônimo
12	Rua	Angelo Siota	Antropotopônimo
13	Rua	Anna Maria Bianchi Brunello	Antropotopônimo
14	Rua	Anselmo Sandi	Antropotopônimo
15	Rua	Antenor Chinelatto	Antropotopônimo
16	Rua	Antonieta Torressini	Antropotopônimo
17	Rua	Antonio Aumond	Antropotopônimo
18	Rua	Antônio Ballardin Filho	Antropotopônimo
19	Rua	Antonio Canale	Antropotopônimo
20	Rua	Antônio Chemello	Antropotopônimo
21	Rua	Antonio de Ross	Antropotopônimo
22	Rua	Antonio Fochesatto	Antropotopônimo
23	Rua	Antônio Fongaro	Antropotopônimo
24	Rua	Antonio Moreira dos Reis	Antropotopônimo
25	Rua	Antonio Pellizzari	Antropotopônimo
26	Rua	Antônio Sandri	Antropotopônimo
27	Rua	Antonio Scodro	Antropotopônimo
28	Rua	Antônio Stedile	Antropotopônimo
29	Rua	Antonio Zanella	Antropotopônimo
30	Rua	Arnaldo Pessini	Antropotopônimo
31	Rua	Ary João Michelin	Antropotopônimo
32	Rua	Ary Martinighi	Antropotopônimo
33	Rua	Atair Siota	Antropotopônimo
34	Rua	Attilio Franceschini	Antropotopônimo
35	Rua	Augusto Catafesta	Antropotopônimo
36	Rua	Avaí	Historiotopônimo
37	Rua	Avelino Camassola	Antropotopônimo
38	Rua	Benjamim Boff	Antropotopônimo
39	Rua	Benjamim Fochesatto	Antropotopônimo
40	Avenida	Benjamim Lopes	Antropotopônimo
41	Rua	Benjamim Michelin	Antropotopônimo
42	Rua	Bernardo Michelin	Antropotopônimo

43	Rua	Bonfilho Nicoletti	Antropotopônimo
44	Rua	Bonfilho Tonet	Antropotopônimo
45	Rua	Brasil	Corotopônimo
46	Rua	Caetano Melara	Antropotopônimo
47	Rua	Canelones	Corotopônimo
48	Avenida	Carlos Gomes	Antropotopônimo
49	Rua	Catarina Fabro Boff	Antropotopônimo
50	Rua	Celestino Magrin	Antropotopônimo
51	Rua	Clari J. Dal'agno	Antropotopônimo
52	Rua	Clito João Doncatto	Antropotopônimo
53	Avenida	Cônego João Marchesi	Antropotopônimo
54	Rua	Constante Gozzi	Antropotopônimo
55	Rua	da Caixa	Ergotopônimo
56	Rua	da Vitória	Animotopônimo
57	Rua	Dante R. Soldatelli	Antropotopônimo
58	Rua	das Camélias	Fitotopônimo
59	Rua	das Castanheiras	Fitotopônimo
60	Rua	das Flores	Fitotopônimo
61	Rua	das Hortências	Fitotopônimo
62	Rua	das Laranjeiras	Fitotopônimo
63	Rua	das Macieiras	Fitotopônimo
64	Rua	das Nogueiras	Fitotopônimo
65	Rua	das Orquídeas	Fitotopônimo
66	Rua	das Palmas	Fitotopônimo
67	Rua	das Pitangueiras	Fitotopônimo
68	Rua	das Rosas	Fitotopônimo
69	Rua	das Videiras	Fitotopônimo
70	Rua	das Violetas	Fitotopônimo
71	Rua	Décio Martins Costa	Antropotopônimo
72	Rua	Diamantino Michelin	Antropotopônimo
73	Rua	Dois Mil	Numerotopônimo
74	Rua	Dom José Baréa	Antropotopônimo
75	Rua	Dom Pedro II	Antropotopônimo
76	Rua	Domingos Garbin	Antropotopônimo
77	Rua	dos Escoteiros	Sociotopônimo
78	Rua	dos Eucaliptos	Fitotopônimo
79	Rua	dos Girassóis	Fitotopônimo
80	Rua	dos Jasmins	Fitotopônimo
81	Rua	dos Lírios	Fitotopônimo
82	Rua	dos Motoristas	Sociotopônimo
83	Rua	dos Pinhais	Fitotopônimo
84	Rua	dos Coqueiros	Fitotopônimo
85	Rua	dos Cravos	Fitotopônimo
86	Rua	dos Crisântemos	Fitotopônimo

87	Rua	Dr. Aristóteles da Rosa	Antropotopônimo
88	Rua	Dr. Frederico Stich	Antropotopônimo
89	Rua	Dr. Raymundo Pessini	Antropotopônimo
90	Rua	Duque de Caxias	Antropotopônimo
91	Rua	Eliseu Leonardelli	Antropotopônimo
92	Rua	Elizeu Bortolo Zan	Antropotopônimo
93	Rua	Eloi Grison	Antropotopônimo
94	Rua	Elvira Rech Soldatelli	Antropotopônimo
95	Rua	Eugênio Grison	Antropotopônimo
96	Rua	Evaldo W. Gomes	Antropotopônimo
97	Rua	Ferdinando Stédile	Antropotopônimo
98	Rua	Fidélis Capeletti	Antropotopônimo
99	Rua	Francisco J. Gattermann	Antropotopônimo
100	Rua	Frei Henrique de Coimbra	Antropotopônimo
101	Rua	Frontino Pacheco	Antropotopônimo
102	Rua	Gabriela Taufer	Antropotopônimo
103	Rua	Gaspar Martins	Antropotopônimo
104	Rua	Genoefa Brunello Fortunatti	Antropotopônimo
105	Rua	Giácomo Luiz Contó	Antropotopônimo
106	Rua	Giácomo Rizzon	Antropotopônimo
107	Rua	Giácomo Sandi	Antropotopônimo
108	Rua	Giovanni Pasin	Antropotopônimo
109	Rua	Guerino Lazzaretti	Antropotopônimo
110	Rua	Hélio Matheu Rizzon	Antropotopônimo
111	Rua	Henrique Dornelis Bertelli	Antropotopônimo
112	Rua	Henrique Machado daSilveira	Antropotopônimo
113	Rua	Irmãos Soldatelli	Sociotopônimo
114	Rua	Iroí	Corotopônimo
115	Rua	Isidoro Fochesato	Antropotopônimo
116	Rua	Ivaí	Corotopônimo
117	Rua	Izidoro Fantin	Antropotopônimo
118	Rua	Jacob Brunello	Antropotopônimo
119	Rua	Jacob Studulski	Antropotopônimo
120	Rua	Jaime Antonio Libardi	Antropotopônimo
121	Rua	Jaime Mariano da Rosa	Antropotopônimo
122	Rua	João Bonella	Antropotopônimo
123	Rua	João B. Sotoriva	Antropotopônimo
124	Rua	João Ballardin de Antoni	Antropotopônimo
125	Rua	João Boff	Antropotopônimo
126	Rua	João Buganza	Antropotopônimo
127	Rua	João Carlos Gasparotto	Antropotopônimo
128	Rua	João Cecatto	Antropotopônimo
129	Rua	João Dal'lagno	Antropotopônimo
130	Rua	João Flávio Rech	Antropotopônimo

131	Rua	João Fole	Antropotopônimo
132	Rua	João Inácio	Antropotopônimo
133	Rua	João Mazotti	Antropotopônimo
134	Rua	João Michelin	Antropotopônimo
135	Rua	João Rech	Antropotopônimo
136	Rua	João Reis	Antropotopônimo
137	Rua	João Ronhinski	Antropotopônimo
138	Rua	João Sogari	Antropotopônimo
139	Rua	Joaquim Chinelatto	Antropotopônimo
140	Rua	Joaquim Domingos Vanelli	Antropotopônimo
141	Rua	Joaquim Trevisan	Antropotopônimo
142	Rua	Jocyl Castilhos daLuz	Antropotopônimo
143	Rua	Jordão Ballardin	Antropotopônimo
144	Rua	José Bertelli	Antropotopônimo
145	Rua	José Borghetti	Antropotopônimo
146	Rua	José Dal'lagno	Antropotopônimo
147	Rua	José de Alencar	Antropotopônimo
148	Rua	José Michelin	Antropotopônimo
149	Rua	José Noredi Bernardo dos Reis	Antropotopônimo
150	Rua	José Polo	Antropotopônimo
151	Rua	José Rasador	Antropotopônimo
152	Rua	José Rizzon	Antropotopônimo
153	Rua	José Joaquim Munaretto	Antropotopônimo
154	Rua	Julia de Castilhos	Antropotopônimo
155	Rua	Juvenil José Vanelli	Antropotopônimo
156	Rua	Leda Rech Stédile	Antropotopônimo
157	Rua	Luiz Alberto Scodro	Antropotopônimo
158	Rua	Luiz Borghetti	Antropotopônimo
159	Rua	Luiz Cioatto	Antropotopônimo
160	Rua	Luiz Debovi	Antropotopônimo
161	Rua	Luiz Lopes	Antropotopônimo
162	Rua	Luiz Martinighi	Antropotopônimo
163	Rua	Luiz Miotto	Antropotopônimo
164	Rua	Luiz Nazareno Grison	Antropotopônimo
165	Avenida	Luiz Nicoletti	Antropotopônimo
166	Rua	Luiz Rizzon	Antropotopônimo
167	Rua	Luiz Scain	Antropotopônimo
168	Rua	Luiz Sogari	Antropotopônimo
169	Rua	Luiz Trevisan	Antropotopônimo
170	Rua	Marcílio de Stéfani	Antropotopônimo
171	Rua	Maria Borghetti Sogari	Antropotopônimo
172	Rua	Maria Guerra Michelin	Antropotopônimo
173	Rua	Maria Michelin Fongaro	Antropotopônimo
174	Rua	Mariana Melotto	Antropotopônimo

175	Rua	Mariano Scain	Antropotopônimo
176	Rua	Maringá	Corotopônimo
177	Rua	Martinho Soldatelli	Antropotopônimo
178	Rua	Mons. Henrique Compagnoni	Antropotopônimo
179	Rua	Natal Benato	Antropotopônimo
180	Rua	Neri Fiamengui	Antropotopônimo
181	Rua	Nilo Soldatelli	Antropotopônimo
182	Rua	Nove de Outubro	Historiotopônimo
183	Rua	Olinda Marchese	Antropotopônimo
184	Rua	Olindo Mozz	Antropotopônimo
185	Rua	Olinto Santini	Antropotopônimo
186	Rua	Olympio Bertelli	Antropotopônimo
187	Rua	Osilio Francisco Bras Pellizzari	Antropotopônimo
188	Rua	Osvaldo Aranha	Antropotopônimo
189	Avenida	Paraná	Corotopônimo
190	Rua	Paulo Giotti	Antropotopônimo
191	Rua	Pe. Anchieta	Antropotopônimo
192	Rua	Pe. David Piccoli	Antropotopônimo
193	Rua	Pe. Estevan Vanin	Antropotopônimo
194	Rua	Pe. Feijó	Antropotopônimo
195	Rua	Pe. Frederico Taufer	Antropotopônimo
196	Rua	Pedro Boff	Antropotopônimo
197	Rua	Pedro Fongaro	Antropotopônimo
198	Rua	Pedro Michelin	Antropotopônimo
199	Rua	Pedro Rizzon de Giacomo	Antropotopônimo
200	Rua	Pref. Albino Ruaro	Antropotopônimo
201	Rua	Primeiro de Maio	Historiotopônimo
202	Rua	Prof. Francisco Stawinski	Antropotopônimo
203	Rua	Prof. Natal Lazzaretti	Antropotopônimo
204	Rua	Prof ^a . Tereza Maurina	Antropotopônimo
205	Rua	Quinze de Novembro	Historiotopônimo
206	Rua	Rafael Ruaro	Antropotopônimo
207	Rua	Rafael Trevisan	Antropotopônimo
208	Rua	Raymundo Magrini	Antropotopônimo
209	Rua	Raymundo Marcon	Antropotopônimo
210	Rua	Reno Chinelato	Antropotopônimo
211	Rua	Ricieri Bertolazzi	Antropotopônimo
212	Rua	Ricieri Chemello	Antropotopônimo
213	Rua	Rio Branco	Hidrotopônimo
214	Rua	Rodolfo Polidoro	Antropotopônimo
215	Rua	Romano Benato	Antropotopônimo
216	Rua	Rosa Polidoro Sogari	Antropotopônimo
217	Rua	Rosália Stédile Bassanesi	Antropotopônimo
218	Rua	Rosalvo Boff	Antropotopônimo

219	Rua	Santa Catarina	Hagiotopônimo
220	Rua	Santa Clara	Hagiotopônimo
221	Rua	São Cristóvão	Hagiotopônimo
222	Rua	São Domingos	Hagiotopônimo
223	Rua	São Francisco	Hagiotopônimo
224	Rua	São Gabriel	Hagiotopônimo
225	Rua	São Gotardo	Hagiotopônimo
226	Rua	São João	Hagiotopônimo
227	Rua	São José	Hagiotopônimo
228	Rua	São Luiz	Hagiotopônimo
229	Rua	São Manoel	Hagiotopônimo
230	Rua	São Marcos	Hagiotopônimo
231	Rua	São Miguel	Hagiotopônimo
232	Rua	São Paulo	Hagiotopônimo
233	Rua	São Pedro	Hagiotopônimo
234	Rua	Serafino Rizzon	Antropotopônimo
235	Rua	Sete de Setembro	Historiotopônimo
236	Rua	Severino Brochetto	Antropotopônimo
237	Rua	Severino Rech	Antropotopônimo
238	Rua	Severino Siota	Antropotopônimo
239	Rua	Stanislau Studzinski	Antropotopônimo
240	Rua	Tamoio	Etnotopônimo
241	Rua	Tereza Michelin Cecatto	Antropotopônimo
242	Avenida	Tiradentes	Antropotopônimo
243	Rua	Tranquilo Gozzi	Antropotopônimo
244	Rua	Valentin Tomiello	Antropotopônimo
245	Avenida	Venâncio Aires	Antropotopônimo
246	Rua	Vergílio A. Farofa	Antropotopônimo
247	Rua	Victorino Zardo	Antropotopônimo
248	Rua	Vilso Delai	Antropotopônimo
249	Rua	Vilso Simioni	Antropotopônimo
250	Rua	Vinte e Cinco de Abril	Historiotopônimo
251	Rua	Vinte e Oito de Março	Historiotopônimo
252	Rua	Vinte e Sete de Janeiro	Historiotopônimo
253	Rua	Vinte e Um de Abril	Historiotopônimo
254	Rua	Virgilino Hoffmann	Antropotopônimo
255	Rua	Virgilio Casarotto	Antropotopônimo
256	Rua	Virgilio Machado Silveira	Antropotopônimo
257	Travessa	Virgílio Scodro	Antropotopônimo
258	Rua	Vitório Bertolazzi	Antropotopônimo
259	Rua	Vitório Lazzaretti	Antropotopônimo
260	Rua	Vitório Soldatelli	Antropotopônimo
261	Rua	Walmor Chinelato	Antropotopônimo
262	Rua	Wladistaw Soboleswki	Antropotopônimo

263	Rua	Wolmar João Ruaro	Antropotopônimo
264	Rua	Zeferino Vedana	Antropotopônimo

Quadro 7 – Levantamento toponímico das ruas de São Marcos.

Com o resultado dos padrões motivadores das ruas de São Marcos foi possível elaborar um gráfico, que pode ser visualizado na figura 5.

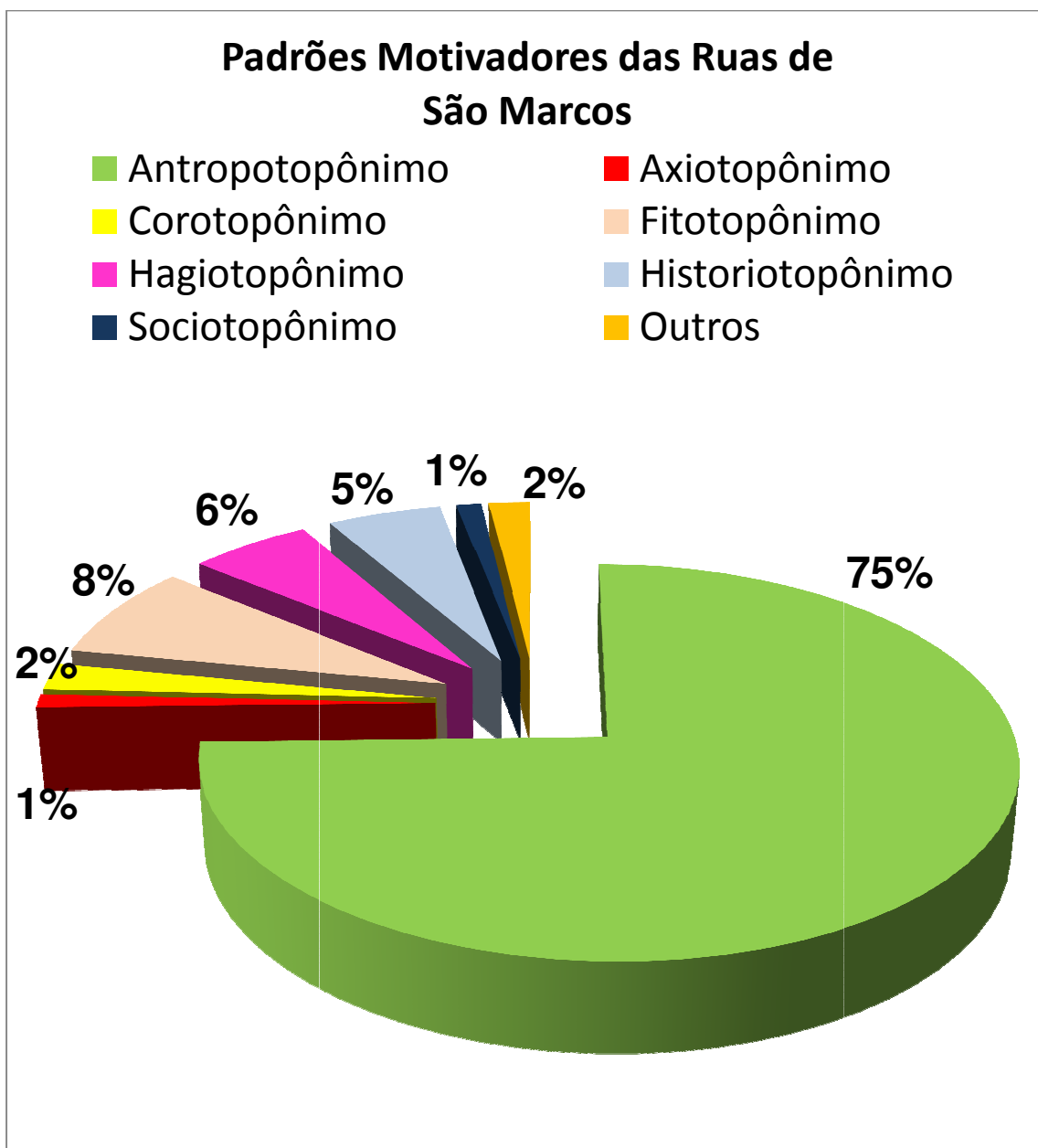


Figura 5 – Gráfico do percentual dos padrões motivadores das ruas de São Marcos de acordo com a taxionomia de Dick (1992).

Para um total de 264 nomes de ruas, 75% (197 topônimos) são antropotopônimos, 8% (21 topônimos) são fitotopônimos, 6% (16 topônimos) são hagiotopônimos, 5% (13 topônimos) são historiotopônimos, 2% (6 topônimos) são corotopônimos, 1% (3 topônimos) são axiotopônimos e 1% (3 topônimos) são sociotopônimos. Há ocorrência de apenas um hidrotopônimo, um numerotopônimo, um etnotopônimo, um ergotopônimo e um animotopônimo, cuja soma resulta em 2% (5 topônimos) do total dos nomes de ruas.

Na denominação de ruas, São Marcos apresenta um número significativo de Antropotopônimos. Essa tendência já foi verificada em outros municípios da RCI e reflete “a valorização dada pela administração pública e pelos seus habitantes a pessoas que contribuíram, de uma ou outra forma, com o crescimento da cidade” (FAGGION; FROSI; DAL CORNO, 2008, p. 295).

É interessante destacar que o uso do referencial antropotoponímico na nomeação de ruas tem sua origem da necessidade de localizar um arruamento, e não de homenagear. Segundo Dick (1996), as primeiras ruas da cidade de São Paulo denominadas a partir de referenciais antropotoponímicos não tinham a intenção de homenagear.

Hoje, a posição dos antropônimos nas ruas de São Paulo está regulamentada sob as condicionantes de homenagens a pessoas falecidas que, teoricamente, apenas tenham contribuído para a história da cidade. Antes, esse intuito de louvor não existia; dava-se o nome porque a pessoa estava viva e servia-se dela como elemento de identificação do local que se queria tornar conhecido; quando falecia, ainda por algum tempo continuava a figurar no rol dos designativos, por meio das expressões “finado” ou “defunto”, o emprego estando, portanto, na razão direta da utilidade que o chamamento traria para o uso comum (DICK, 1996, p. 208).

A autora cita o exemplo de uma rua que se chamava “travessa que vai para as casas do defunto Dom Simão” e explica que por uma questão de economia de linguagem, com o passar dos tempos esse tipo de enunciado foi sendo resumido até chegar à configuração que utilizamos hoje – Rua Dom Simão.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Neste capítulo, analisamos os dados a partir do referencial teórico apresentado no Capítulo 1. Buscamos padrões de motivação e os relacionamos com questões de identidade e cultura regional.

4.1 A TOPONÍMIA E A QUESTÃO DA IDENTIDADE NACIONAL

A partir das concepções de identidade nacional de Hall (2005) apresentadas no Capítulo 1, podemos afirmar que uma cultura nacional é um modo de construir sentidos. Dessa forma, sob a ótica do autor, quando um personagem, evento ou data da história nacional é escolhido para nomear um lugar, sentidos sobre a nação são produzidos, propiciando a identificação das pessoas com esses sentidos e, assim, a criação de uma identidade nacional.

Conforme Guimarães (2002, p. 52), algumas denominações de lugares são “determinadas por uma história de nomes que se repetem para cidades diversas” e recortam um acontecimento como memorável. Essas denominações enunciam “estar (ser) no Brasil” e não exaltam simplesmente os personagens, eventos ou datas da história do Brasil, mas sim constroem uma identidade brasileira, pois nesses casos “o memorável (passado) do acontecimento é o do *ser brasileiro*” (GUIMARÃES, 2002, p. 53, itálico do autor).

Em São Marcos, isso pode ser observado nas denominações das linhas Deodoro da Fonseca (militar e político brasileiro, proclamador da República e primeiro presidente do Brasil), Tiradentes (mártir da inconfidência mineira e herói nacional), Humaitá, Riachuelo e Tuiuti (três batalhas da Guerra do Paraguai). Como já comentamos no Capítulo 3, essas linhas foram denominadas por volta de 1885 com a criação da Colônia São Marcos. Nessa época, ainda no Império de Dom Pedro II, a toponímia já servia como vinculadora de ideais políticos através da homenagem aos que honraram a identidade nacional ou aos eventos que marcaram a história. Dick (1996, p.

380) afirma que o século XIX ficou marcado para a toponímia como a época da reformulação do que já existia e da construção. Começam a aparecer, então, “antropotopônimos de origem político-social e fatos relacionados de perto à história pátria” (DICK, 1996, p. 380). A autora fala sobre a cidade de São Paulo, onde a sistemática da homenagem teve início em 1846 com a substituição dos nomes das ruas do Rosário, do Jogo da Bola, da Cruz Preta e de São Gonçalo para da Imperatriz, da Princesa, do Príncipe e do Imperador. Com a mudança do regime monárquico para uma república federativa, essas mesmas ruas tiveram seus nomes alterados mais uma vez em 1889 para Quinze de Novembro, Benjamin Constant, Quintino Bocaiúva e Marechal Deodoro, respectivamente (DICK, 1996, p. 368-369). Essa sistemática de homenagear “dirigentes políticos, reis, imperadores, os que fizeram história da terra e do povo, independentemente dos reais méritos” (Dick, 1998b, p. 118) teve prosseguimento e continua até hoje em todo o país.

Na toponímia de São Marcos, vultos nacionais também recebem sua homenagem nos nomes de ruas, como Carlos Gomes (mais importante compositor de ópera brasileiro), Dom Pedro II (último monarca do Império do Brasil), Duque de Caxias (militar e estadista do Império do Brasil), José de Alencar (romancista brasileiro do século XIX), Frei Henrique de Coimbra (bispo português conhecido por ter celebrado a primeira missa no país), Osvaldo Aranha (político e diplomata brasileiro aliado de Getúlio Vargas), Pe. Anchieta (jesuíta que atuou na catequização de índios e evangelização no Brasil durante a segunda metade do século XVI), Pe. Feijó (sacerdote católico e estadista brasileiro regente do Império de 1835 a 1837) e Tiradentes (mártir da inconfidência mineira e herói nacional). Nomear ruas com nomes de vultos nacionais é uma prática comum em todas as cidades do país, o que reforça a característica da toponímia de homenagear “personalidades públicas formadoras do pensamento político e cultural do país” (Dick, 1995, p. 64).

Além dos vultos nacionais, há ainda a motivação determinada por eventos e datas comemorativas cívicas, como pode ser observado nas denominações das ruas Avaí (batalha da Guerra do Paraguai), Primeiro de Maio (Dia do Trabalho), 15 de Novembro (Dia da Proclamação da República), 7 de Setembro (Dia da Independência do Brasil) e 21 de Abril (Dia de Tiradentes). A pátria também recebe sua homenagem com a denominação da Rua Brasil.

Em Caxias do Sul, município do qual São Marcos fez parte como distrito de 1921 a 1964, a maioria das ruas do centro da cidade é nomeada a partir de vultos da política sul-rio-grandense. De acordo com Sartori (2010, p. 46), “ao escolher nomes de vultos da política sul-rio-grandense para nomear as principais ruas do núcleo urbano, os denominadores, possivelmente, tentavam afirmar uma nacionalidade através da prática regional”.

Ao contrário de Caxias do Sul, em São Marcos há apenas uma rua da área central denominada a partir de um vulto rio-grandense. Porém, trata-se da principal via da cidade, a Avenida Venâncio Aires, que homenageia um dos fundadores do Partido Republicano Rio-grandense, jornalista brasileiro, precursor das ideias republicanas e abolicionistas. Outros três topônimos do nosso *corpus* têm motivação a partir de vultos da história estadual: Linha Zambecari, homenagem a Tito Lívio Zambecari, italiano que lutou ao lado dos revolucionários do Rio Grande do Sul no século XIX, Rua Décio Martins Costa, em homenagem ao pediatra gaúcho que teve forte atuação política no estado e Rua Gaspar Martins, em homenagem ao fundador do Partido Federalista do Rio Grande do Sul.

Apesar de ser uma prática bastante comum em todo o país, o referencial nacional não é expressivo na toponímia são-marquense. Do total do nosso *corpus* (299 topônimos), apenas 6,7% dos topônimos (20 topônimos) são motivados por referenciais que exaltam vultos e datas cívicas nacionais; e 1,4% (quatro topônimos) por referenciais que exaltam vultos estaduais.

É importante destacar que, com exceção da Rua Frei Henrique de Coimbra, que sofreu processo de denominação em 2000, os topônimos denominados a partir de referencial nacional e estadual, em São Marcos, foram denominados em um período histórico em que se buscava a construção de uma identidade brasileira²³. Na primeira metade do século XX, época provável da denominação da maioria desses topônimos, havia preferência em nomear logradouros com nomes de políticos e pessoas de prestígio.

²³ Apesar de não terem sido encontrados registros dos processos de denominação desses topônimos, é certo que as ruas Carlos Gomes, José de Alencar, Osvaldo Aranha, Pe. Feijó e Venâncio Aires foram denominadas antes de 1950, pois constam no Mapa da Vila de São Marcos desse ano. É possível afirmar que as demais ruas que remetem a memoráveis nacionais foram denominadas antes de 1986, pois a partir desse ano a Câmara Municipal de São Marcos possui registro de todos os atos de denominação, e não foi encontrada nenhuma menção àquelas ruas.

A maioria dos topônimos de São Marcos é motivada a partir de referenciais regionais, seja de vultos e datas municipais, ou de simples moradores. Isso demonstra a identificação do que é próprio do município, criando uma identidade regional.

Porém, essa construção de uma identidade regional não exclui a identidade nacional, pois ambas são possíveis simultaneamente. De acordo com as concepções de Hall (2005) e de Joachimsthaler (2010), apresentadas no Capítulo 1, as identidades regionais não excluem as identidades nacionais. Conforme os autores, o sujeito não tem uma identidade fixa, assumindo, dessa forma, identidades diferentes em diferentes momentos.

A afirmação da identidade nacional pode ser observada na Exposição de Motivos do Projeto de Lei que dá denominação à Rua Frei Henrique de Coimbra. A denominação a partir do nome do padre que celebrou a primeira missa no Brasil é uma forma de se homenagear os 500 anos do descobrimento do Brasil.

Tendo em vista as comemorações e festividades que ocorrerão pela data do descobrimento do Brasil, [...] por ter sido celebrada a primeira missa em Coroa Vermelha, na Costa Baiana, pelo Frei Henrique de Coimbra, [...] julgamos nós que ao apresentarmos o Projeto denominado de Rua Frei Henrique de Coimbra, estamos marcando a presença desta Casa Legislativa em homenagem ao “Brasil 500” (Exposição de Motivos do Projeto de Lei nº 017/00 de 24 de abril de 2000 enviado à Câmara Municipal de São Marcos).

Se “a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia” (HALL, 2005, p. 13), podemos afirmar que, apesar de haver uma forte valorização da identidade regional, São Marcos também se identifica com o nacional. Afinal, como afirmava Freyre “o único modo de ser nacional num país de dimensões como o Brasil, é ser primeiro regional” (*apud* OLIVEN, 2010, p. 3).

4.2 A VALORIZAÇÃO DA IDENTIDADE REGIONAL ATRAVÉS DA TOPONÍMIA

A maioria dos topônimos de São Marcos “recortam, como memoráveis, narrativas locais” (GUIMARÃES, 2002, p. 54). Isso mostra que nas últimas décadas tem havido uma busca para se construir uma identidade local, regional.

Alguns nomes reafirmam a constituição de São Marcos como município, como é o caso da Rua 9 de Outubro, data da emancipação, e Rua 27 de Janeiro, data do juramento e posse do primeiro prefeito e Câmara de Vereadores.

Porém, são os antropotopônimos, nomes de lugares constituídos a partir de designativos pessoais, os maiores responsáveis por recortar, nas palavras de Guimarães (2002), as narrativas locais como memoráveis. A grande expressividade dos antropotopônimos é evidente na análise do *corpus* desta pesquisa. Do total dos topônimos analisados (299 topônimos), aproximadamente 72% (216 topônimos) são antropotopônimos. Do total dos antropotopônimos, 94% (202 topônimos) são constituídos por nomes de indivíduos da região, pessoas diretamente ligadas à comunidade são-marquense, como podemos visualizar no gráfico abaixo.

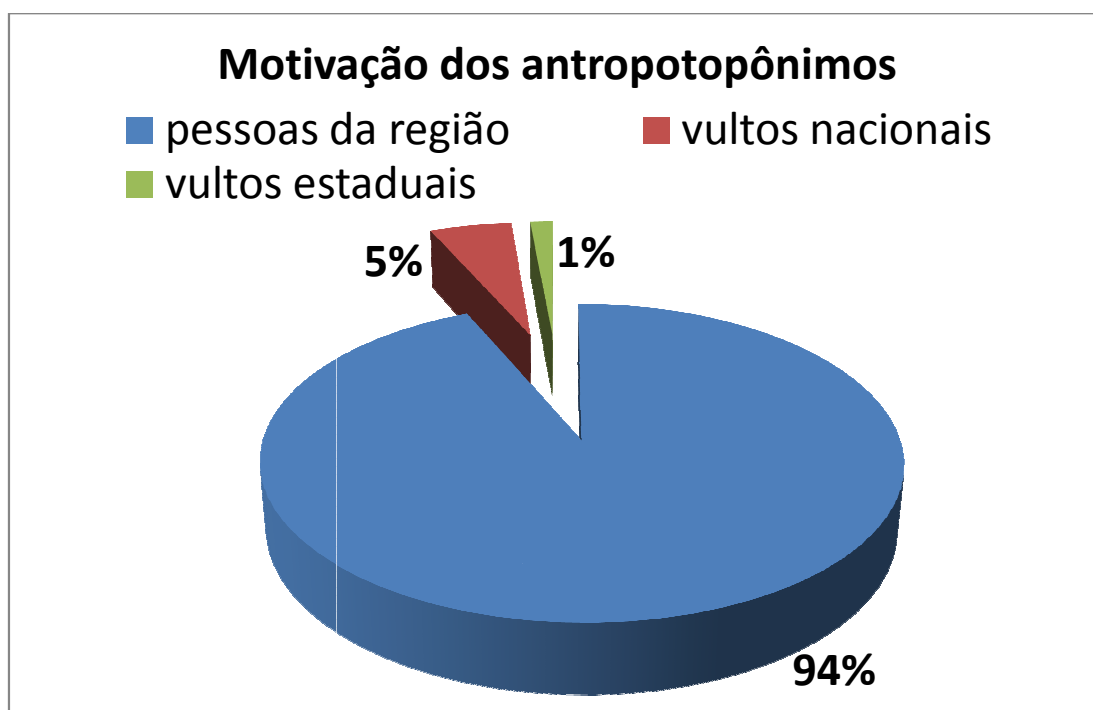


Figura 6 – Gráfico da distribuição dos antropotopônimos de São Marcos de acordo com a motivação por nomes de pessoas da região, vultos estaduais e nacionais.

Trata-se de religiosos, médicos, pessoas de famílias tradicionais, com poder político e econômico, e, na maioria dos casos, pessoas comuns, que com o esforço de seu trabalho contribuíram para o desenvolvimento do município. Devido à grande expressividade desse referencial, faremos uma análise mais detalhada desses topônimos nas seções seguintes.

4.2.1 Antropotopônimos regionais

A quantidade expressiva de antropotopônimos motivados por nomes de pessoas da região para nomear linhas, bairros e ruas (nenhuma comunidade é nomeada a partir de referencial antropotoponímico) evidencia o desejo de conservar parte da história regional para transmiti-la às próximas gerações, além de demonstrar o respeito com as pessoas que contribuíram diretamente ao desenvolvimento político e socioeconômico do município e, especialmente, com as pessoas comuns que simplesmente por fazerem parte da história do município merecem ser lembradas.

Em nosso *corpus* encontramos antropotopônimos que homenageiam indivíduos de variados ramos sociais. Alguns deles são pessoas de prestígio socioeconômico. Para exemplificar, transcrevemos trechos da Exposição de Motivos que expõe as razões para homenagear Joaquim Domingos Vanelli na denominação da rua principal do Loteamento Progresso.

Em 1949, [*Joaquim Domingos Vanelli*] estabeleceu-se com o ramo de Fabricação de Velas; em 1952, na mesma indústria, passou a produzir cera para assoalho e em 1957 a referida empresa passou a produzir pomada para calçados. Hoje com orgulho São Marcos vê próspera e pujante uma de suas indústrias pioneiras na firma dirigida pelos filhos de Joaquim Domingos Vanelli, firma que nosso homenageado foi fundador. Com orgulho e simpatia, hoje vemos a geração de Joaquim Domingos Vanelli crescer e se desenvolver em nosso meio como uma das famílias mais tradicionais de nossa terra. Justo, pois, é prestarmos uma sincera homenagem a um dos pioneiros de nossa colonização, cuja geração representa uma história em nosso meio que engrandece e enaltece nossa sociedade (Exposição de Motivos do Projeto de Lei nº 007/89 de 31 de julho de 1989 enviado à Câmara Municipal de São Marcos).

Percebe-se que o homenageado foi um empreendedor de sucesso, com destaque na sociedade. No entanto, a maioria dos antropotopônimos são homenagens a pessoas comuns, que por terem vivido e trabalhado na cidade merecem ser lembradas, como podemos observar em um trecho da Exposição de Motivos do Projeto de Lei que dá denominação de Isidoro Fochesato a uma via da cidade. Após um breve histórico do homenageado, o vereador que propõe a lei argumenta:

Isidoro sempre trabalhou em São Marcos como comerciante [...]. Solicito aos colegas a aprovação do presente Projeto de Lei, oportunidade em que estaremos homenageando a pessoa do senhor Isidoro Fochesato e seus familiares (Exposição de Motivos do Projeto de Lei nº 011/08 de 18 de julho de 2008 enviado à Câmara Municipal de São Marcos).

Certamente o desenvolvimento de São Marcos se deveu a centenas de pessoas que, como Isidoro Fochesato, se dedicaram à cidade através de seu trabalho digno. Porém, não há ruas o suficiente para que todos sejam homenageados. Como já foi dito

anteriormente, em termos de regulamentação para nomeação de ruas quando se trata de homenagem a pessoas, basta que um vereador apresente um projeto de lei à Câmara de Vereadores com a cópia do atestado de óbito e um breve histórico do homenageado. Assim, pode-se deduzir que por trás do ato de denominar, muito além da simples homenagem, há uma relação de poder.

Muitas vezes, as escolhas dos nomes se devem em função de laços políticos, familiares e de interesse daqueles que propõem as leis, implicando uma relação de poder. Nesses casos, a toponímia se presta a servir como instrumento de veiculação de poder simbólico.

4.2.2 Alteração dos nomes das ruas ao longo do tempo

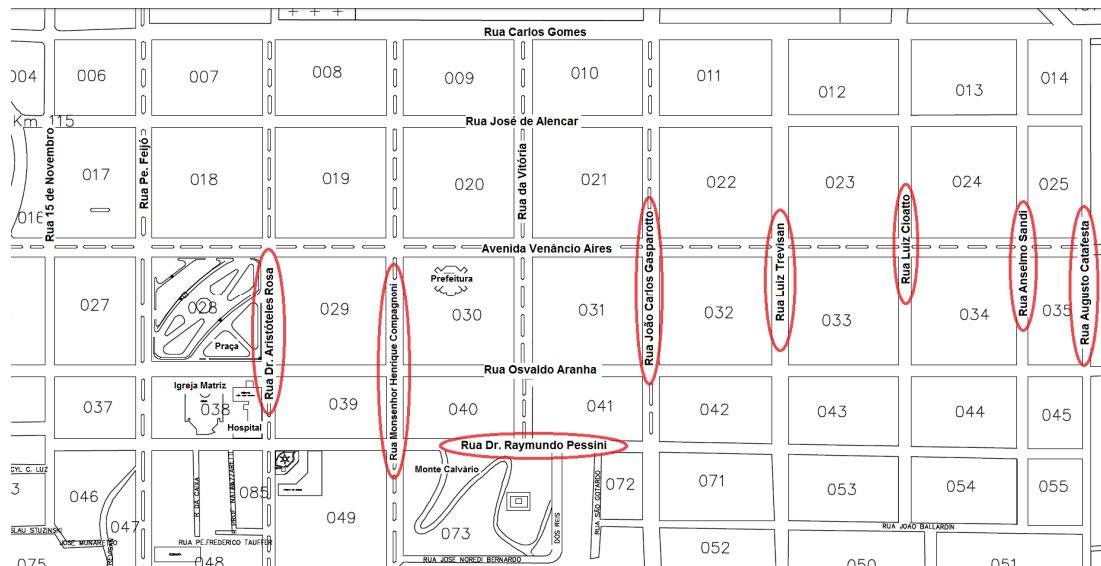
Algumas ruas da cidade de São Marcos não tiveram sempre os mesmos nomes. No decorrer do tempo, alguns nomes de ruas sofreram alterações, como pode ser visualizado no quadro abaixo.

N.	Topônimo (nome atual)	Classificação	Topônimo (nome antigo)	Classificação	Número da lei que altera a denominação
1	Anselmo Sandi	Antropotopônimo	31 de Maio	historiotopônimo	Não encontrada
2	Antônio Ballardin Filho	antropotopônimo	das Margaridas	fitotopônimo	Lei Nº 1.851, de 06 de Setembro de 2005
3	Antônio Fongaro	antropotopônimo	São Luiz	hagiotopônimo	Lei Nº 1224/96, de 20 de Novembro de 1996
4	Antônio Sandri	antropotopônimo	Bagé	corotopônimo	Lei Nº 1.836, de 19 de Julho de 2005
5	Attilio Franceschini	antropotopônimo	Esperança	animotopônimo	Lei Nº 2.150, de 20 de Outubro de 2009
6	Augusto Catafesta	antropotopônimo	da Serraria	ergotopônimo	Lei Nº 669/89, de 08 de Março de 1989
7	Clito João Doncatto	antropotopônimo	São Francisco	hagiotopônimo	Lei Nº1407, de 23 de Março de 1999
8	Dr. Aristóteles da Rosa	antropotopônimo	Cristóvão Colombo	antropotopônimo	Lei Nº 2/65, de 25 de Abril de 1965

9	Dr. Raymundo Pessini	antropotopônimo	Castro Alves	antropotopônimo	Lei Nº 1425, de 30 de Junho de 1999
10	Henrique Machado Da Silveira	antropotopônimo	São Pedro	hagiotopônimo	Lei Nº 1.700, de 25 de Junho de 2003
11	João Carlos Gasparotto	antropotopônimo	15 de Outubro	historiotopônimo	Lei Nº 436/83, de 30 de Setembro de 1983
12	Luiz Cioatto	antropotopônimo	10 de Agosto	historiotopônimo	Lei Nº 305, de 10 de Maio de 1979
13	Luiz Miotto	antropotopônimo	Antônio Buguin	antropotopônimo	Lei Nº 321, de 12 de Março de 1980
14	Luiz Nicoletti	antropotopônimo	das Indústrias	ergotopônimo	Lei Nº 817/91, de 09 de Maio de 1991
15	Luiz Trevisan	antropotopônimo	24 de Junho	historiotopônimo	Lei Nº 435/83, de 30 de Setembro de 1983
16	Mons. Henrique Compagnoni	antropotopônimo	dos Andradas	antropotopônimo	Lei Nº 273, de 23 de Maio de 1978
17	Prof. Francisco Stawinski	antropotopônimo	Mauá	antropotopônimo	Lei Nº 188, de 24 de dezembro de 1974
18	Serafino Rizzon	antropotopônimo	das Acácias	fitotopônimo	Lei Nº 1265/97 - A, de 01 de Julho de 1997

Quadro 8 – Relação das ruas que tiveram suas denominações alteradas.

Das 23 ruas cujos nomes foram alterados, oito localizam-se no centro da cidade. Infelizmente, no Arquivo Histórico da Câmara de Vereadores de São Marcos não constam os projetos de lei anteriores a 1986, pois foram extraviados. Em um mapa da então Vila de São Marcos, de 1950, podem-se visualizar os nomes de 15 ruas da área central da cidade: Carlos Gomes, José de Alencar, Venâncio Aires, Oswaldo Aranha, Castro Alves, 15 de Novembro, Padre Feijó, Colombo, dos Andradas, da Vitória, 15 de Outubro, 24 de Junho, 10 de Agosto, 31 de Maio e da Serraria. Com o passar do tempo, as ruas Castro Alves, Colombo, dos Andradas, 15 de Outubro, 24 de Junho, 10 de Agosto, 31 de Maio e da Serraria tiveram seus nomes alterados. No Mapa 3, é possível visualizar a localização das ruas.



Mapa 3 - Ruas da área central da cidade de São Marcos. Escala: 1:7.500 (Fonte: adaptado de Mapa das Ruas de São Marcos, 2009).

Em 1965, dois anos após a emancipação de São Marcos, a Rua Colombo passou a se chamar Rua Dr. Rosa, em homenagem ao médico que foi diretor do hospital da cidade de 1940 até sua morte em 1963. Conforme Rizzon e Possamai (1987), Dr. Rosa

foi um médico muito competente e dedicado. Apesar de seus muitos anos de serviço em São Marcos, viveu e morreu modestamente, dedicado, exclusivamente, à sua tarefa com humanidade e desprendimento. Acompanhando o espírito e objetivos do hospital em que trabalhava, nunca deixou de atender quem quer que o procurasse, independentemente de pagamento (RIZZON; POSSAMAI, 1987, p. 375-376).

A história, segundo Woodward (2005), é um dos traços pelos quais as identidades se estabelecem. Isso pode ser percebido na alteração do nome da Rua Colombo, que homenageava um personagem importante na história das Américas, mas que não era particular à história da cidade. Dr. Rosa, ao contrário, viveu na cidade e trabalhava no hospital situado na rua que o homenageia. Hoje, é bem provável que poucos saibam quem foi Dr. Rosa. Porém, quando a rua foi nomeada, apenas dois anos após sua morte, certamente ainda estava na memória dos moradores.

Em 1978, a Rua dos Andradas passou a se chamar Rua Monsenhor Henrique Compagnoni em homenagem a uma das figuras mais emblemáticas da história de São Marcos. Segundo Rizzon e Possamai (1987, p. 257-258), São Marcos iniciou uma nova etapa com a chegada do Padre Henrique Compagnoni, em 1915. “A intrepidez e o espírito empreendedor e de trabalho do novo cura provocariam profundas transformações no pacato cenário da vila e da colônia” (RIZZON; POSSAMAI, 1987,

p. 258). Pe. Henrique Compagnoni era um grande líder junto à comunidade, lutou pela emancipação, organizou comunidades-capelas, teve papel fundamental na criação da cooperativa agrícola, do hospital e da escola.

Em 1979, a Rua 10 de Agosto passou a se chamar Rua Luiz Cioatto. O homenageado fundou uma ferraria onde trabalhou até o final de sua vida. Seus descendentes deram continuidade ao empreendimento que se destaca até hoje entre as indústrias da cidade.

Em 1983, a Rua 24 de Junho foi denominada Rua Luiz Trevisan, em homenagem a um dos pioneiros na área do transporte na região. A Rua 31 de Maio foi alterada para Rua Anselmo Sandi em homenagem a um dos fundadores do Clube Grêmio Americano. Em 1999, a Rua 15 de Outubro teve seu nome alterado para Rua João Carlos Gasparotto.

Também no centro da cidade, em 1989, a Rua da Serraria passou a ser denominada Rua Augusto Catafesta em homenagem ao fundador de uma vinícola que contribuiu para o desenvolvimento econômico do município, como podemos constatar na exposição de motivos a seguir.

Tomamos esta iniciativa, por entender que este gesto de nossa Câmara de Vereadores representa uma forma singela de resgatar o reconhecimento e o apreço da comunidade São-Marquense para com um homem que nos seus 71 anos de vida nos legou exemplos de força e trabalho operoso, persistente, corajoso, de sua dignidade de chefe de família, valores estes estampados em conduta de seus descendentes e grandeza da realidade da empresa por ele fundada, projetada e que hoje se consolida em seu setor de atividade de produção de vinhos como a de maior porte em nosso Município, ocupando também o 1º lugar em relação de impostos no setor e o 4º lugar em todo o Município (Exposição de Motivos do Projeto de Lei nº 001/89 de 01 de fevereiro de 1989 enviado à Câmara Municipal de São Marcos).

Outra rua que teve nova denominação no centro da cidade foi a Rua Castro Alves, que passou a se chamar Rua Dr. Raymundo Pessini. De acordo com a Exposição de Motivos do Projeto de Lei que dá nova denominação à Rua Castro Alves, Dr. Raymundo Pessini envolveu-se com a comunidade buscando ações e soluções decisivas para o desenvolvimento da cidade. A Exposição de Motivos mostra como se tratava de pessoa importante para a comunidade:

Considerando ser o Dr. Raymundo Pessini profissional ímpar, pai de família exemplar, cidadão envolvido e comprometido com o crescimento e em estar de nosso município, deixando estampado em seus exemplos e nobres feitos sua determinação e amor à causa pela nossa terra, rogo aos nobres colegas Edis desta Casa que aprovelem por unanimidade esta homenagem a este grande cidadão são-marquense (Exposição de Motivos do Projeto de Lei nº 008/99 de 21 de maio de 1999 enviado à Câmara Municipal de São Marcos).

É importante destacar a localização desta rua, bem no centro da cidade, onde ficam o salão paroquial, o hospital, o posto de saúde, a maior escola da cidade e o Monte Calvário, principal ponto turístico. Apesar de não haver justificativa para a substituição do topônimo *Castro Alves* na Exposição de Motivos do Projeto de Lei apresentado à Câmara de Vereadores, parece que uma pessoa tão importante para a comunidade como o Dr. Raymundo Pessini seria desmerecida se denominasse uma rua periférica. Isso comprova a tendência da maioria das cidades: os moradores comuns são homenageados em ruas mais periféricas, enquanto os mais importantes têm seus nomes estampados nas placas das ruas principais.

Além das ruas da área central da cidade, outras sofreram modificações. Essas alterações parecem indicar a busca de alguns moradores da cidade por criar uma identidade regional, afirmando, assim, uma identidade são-marquense. Como já foi dito antes, de acordo com Cuche (2002, p. 183), uma identidade só existe em contraposição a outra. Assim, a substituição de nomes de ruas cujos referentes não estão ligados diretamente à vida cotidiana da cidade por nomes de representantes locais é uma tentativa de diferenciar-se de outros grupos.

Um caso de alteração de nome de rua que ilustra a afirmação de identidade regional é o da Rua das Margaridas, atual Rua Antonio Ballardin Filho. Essa rua situa-se no loteamento Jardim dos Plátanos, cujas ruas foram nomeadas pela empresa urbanizadora responsável, a partir de nomes de flores e plantas (Rua das Araucárias, Rua das Videiras, Rua dos Girassóis, etc.). Em 2005, moradores da então Rua das Margaridas solicitaram a alteração do nome da via. Segundo a Exposição de Motivos do Projeto de Lei enviado à Câmara Municipal na ocasião, Antonio Ballardin Filho mereceria ser homenageado por ter sido um bom trabalhador, por ter ajudado a derrubar eucaliptos e carregar pedras nas construções da igreja, da praça e da escola. “Trabalhou na roça e com a herança do pai comprou terras, que até hoje pertencem à família, onde moram os filhos e netos, local que se pretende denominar de rua Antonio Ballardin Filho” (Exposição de Motivos do Projeto de Lei Nº 011, de 26 de agosto de 2005 enviado à Câmara Municipal de São Marcos). Isso demonstra que os moradores dessa rua não se identificavam com o nome “das Margaridas”.

A Rua São Luiz precisou ter seu nome alterado, pois havia outra rua na cidade com o mesmo nome. Mesmo assim, é interessante observar a justificativa do Projeto de Lei para denominação da Rua Antônio Fongaro:

Considerando que o Santo da religião católica possui uma vasta gama de homenagens no Município e que em nada depreciaria a sua admiração e apreço. Considerando que a família Fongaro é vasta em nosso meio social. Considerando que existe um passado honroso e digno pelos relevantes serviços comunitários prestados. Considerando que cabe para nossa comunidade prestar a homenagem que os Fongaro merecem, é justo que concedemos o nome de uma rua ao patriarca (Exposição de Motivos do Projeto de Lei nº 014/96 de 18 de junho de 1996 enviado à Câmara Municipal de São Marcos).

O nome da Rua Bagé foi alterado para Rua Antônio Sandri a pedido dos moradores da própria rua, familiares do homenageado. Conforme a Exposição de Motivos do Projeto de Lei, foi um agricultor muito prestativo. Contribuiu financeiramente para a construção da escola local e nos fins de semana cuidava do bar da comunidade e ajudava nos jogos de futebol e bocha. Na Exposição de Motivos do Projeto de Lei que dá denominação de Rua Antônio Sandri à Rua Bagé, fica clara a visão da comunidade de que o nome da rua deve ser reservado para homenagear as pessoas que se destacam na comunidade.

Estou propondo a alteração da denominação da Rua Bagé por indicação da família, **além de ser uma via pública que não possui denominação com nome de pessoas**, bem como por possuir apenas quatro residências e nenhum estabelecimento industrial e comercial, não trazendo, desta forma, problemas aos seus atuais moradores (Exposição de Motivos do Projeto de Lei nº 006/05 de 04 de julho de 2005 enviado à Câmara Municipal de São Marcos, grifo nosso).

Além das ruas listadas acima, foram encontrados registros de leis alterando denominações de várias ruas com designações numéricas (*Rua n.11*) e alfabéticas (*Rua B*). Porém, não se considerou relevante acrescentar essas alterações à relação das ruas que tiveram suas denominações alteradas por se tratarem de nomes provisórios. Apesar de não haver lei que proíba designações numéricas e alfabéticas, há um consenso em não utilizá-las. Esse tipo de denominação geralmente é usado com caráter provisório quando um loteamento é criado. Assim que a rua passa a ser habitada, é comum que seja proposta uma lei para dar nova denominação, como pode ser observado na justificativa do Projeto de Lei n. 017/00 de 24 de abril de 2000, que dá denominação a Rua Frei Henrique de Coimbra: “Tendo em vista que no Bairro Pequeno Operário ainda tínhamos uma rua denominada de Rua ‘A’, por solicitação, mantive contato com os moradores a fim de que fosse alterado o nome da referida rua”.

Muitas vezes, as ruas denominadas a partir de designações numéricas e alfabéticas são consideradas sem denominação. Podemos citar como exemplo o projeto de lei apresentado para denominar a Rua n. 11, situada no Bairro Michelin. Uma das razões para o projeto de alteração é o fato de a rua “não ter nome próprio”, como podemos ver na Exposição de Motivos: “Inúmeras são as reclamações dos moradores

desta rua que, não raras vezes, veem suas correspondências extraviadas, justamente por não possuir dita rua nome próprio” (Exposição de Motivos do Projeto de Lei nº 003/86 de 31 de junho de 1986 enviado à Câmara Municipal de São Marcos).

Pode-se dizer que esse processo de alteração dos nomes das ruas na cidade de São Marcos é uma forma de se produzir sentidos para que os moradores possam se identificar, criando assim uma identidade regional. Ao caminhar por vias cujos nomes referem-se a pessoas que por ali já passaram, que viveram na cidade no passado, os moradores sentem-se diferenciados das pessoas de outras regiões. Assim, o sentimento de valorização local fortemente marcado na toponímia da cidade é um dos constituidores da identidade regional em São Marcos.

4.3 GRUPOS ÉTNICOS

Como vimos anteriormente, no município de São Marcos, o referencial antropotoponímico é o mais utilizado. Assim, torna-se relevante verificar a origem étnica dos antropotopônimos. Para tanto, consideramos os antropotopônimos constituídos de nome e sobrenome, ou apenas sobrenome (Anexo I). Após, buscamos sua origem em dicionários de sobrenomes e sites especializados²⁴.

Na Figura 7, apresentamos o percentual da distribuição dos Antropotopônimos de acordo com o grupo étnico de que se originam.

²⁴ BARATA, Carlos Eduardo; BUENO, Antônio Henrique da Cunha. *Dicionário das famílias brasileiras*. São Paulo: Ibero América, 1999-2001. 2 v.
CAFFARELLI, Enzo; MARCATO, Carla. *I cognomi d'Italia: dizionario storico ed etimologico*. Torino: UTET, 2008. 2 v.
DICIONÁRIO de Sobrenomes. Iniciativa: Benzi – Sobrenomes. Disponível em: <<http://www.benzisobrenomes.com/nomes/princ.html>>. Acesso em 8 set. 2011.
GUÉRIOS, Rosário Farâni Mansur. *Dicionário etimológico de nomes e sobrenomes*. 3.ed. São Paulo: Ave Maria, 1981.

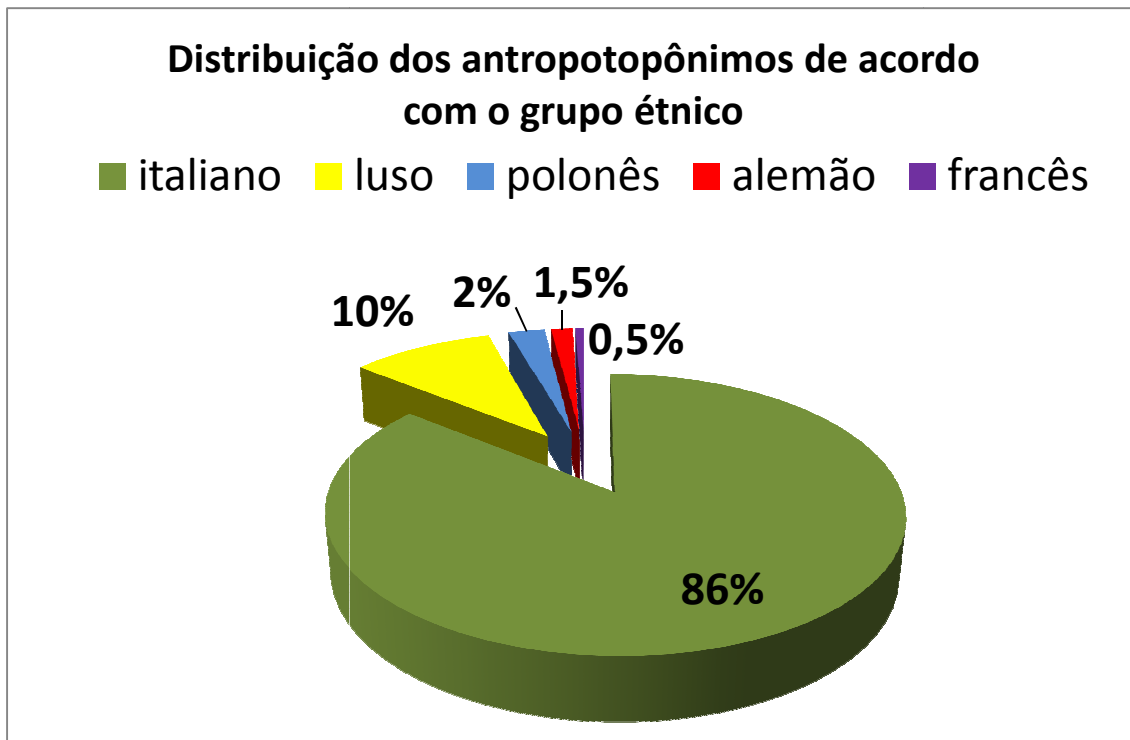


Figura 7 – Gráfico do percentual da distribuição dos Antropotopônimos de acordo com o grupo étnico de que se originam.

Da mesma forma que Caxias do Sul e Bento Gonçalves (FROSI; FAGGION; DAL CORNO, 2010b), São Marcos tem uma predominância de antropotopônimos de origem italiana. Os moradores homenageiam os imigrantes italianos e seus descendentes que viveram e trabalharam no município. Essa homenagem também está presente entre as principais ruas da cidade, diferentemente de Caxias do Sul e Bento Gonçalves, onde há predominância de nomes lusos nas ruas centrais (FROSI; FAGGION; DAL CORNO, 2010b; SARTORI, 2010). Em São Marcos, na parte mais central da cidade, há um total de 15 ruas, sendo 13 nomes antropotopônimos, dos quais 07 são representados por nomes italianos e 06 por nomes lusos.

Sartori (2010, p. 49) destaca que a vantagem numérica para o grupo étnico italiano na denominação de ruas da cidade de Caxias do Sul não representa poder e prestígio, pois as ruas centrais são denominadas a partir de vultos estaduais ou nacionais. A autora supõe que tenha havido o desejo, da parte dos administradores e líderes políticos brasileiros, de promover personagens importantes visando à aculturação do grupo italiano em terras brasileiras. É possível que o mesmo tenha ocorrido em São Marcos. Até 1965, nenhuma rua do centro da cidade era denominada a partir de nome de pessoa do grupo étnico italiano, mesmo sendo o grupo majoritário na

época. Porém, a partir desta data, sete ruas do centro tiveram seus nomes substituídos por nomes de pessoas de origem italiana, como vimos anteriormente.

Atualmente não há registros do percentual de descendentes de italianos em São Marcos. Para tanto, seria necessária uma pesquisa extensiva, que foge aos propósitos deste trabalho. O fato de 86% dos antropotopônimos serem de nomes italianos não confirma que esse seja o percentual de descendentes de italianos na cidade atualmente. Sabe-se que há décadas a sociedade brasileira tem vivenciado um movimento de migração em que a população muda a sua residência para outros municípios ou estados. É certo que São Marcos acolheu muitas pessoas de outras cidades ao longo dos anos e parece que hoje o grupo étnico italiano não é mais maioria.

Talvez, esse grande percentual de nomes italianos indique uma relação de poder. Apesar de não ser o grupo étnico majoritário atualmente, o grupo étnico italiano possui poder e prestígio.

4.4 GÊNERO

Apesar de todos os avanços do movimento feminista, ainda é possível verificar discriminações de gênero encobertas na sociedade, inclusive na toponímia. Do total de 299 topônimos de nosso *corpus*, 64% possuem nome de homens (193 topônimos), enquanto apenas 7% possuem nome de mulheres (20 topônimos). Os outros 29% (86 topônimos) não possuem nome de pessoas ou são antropotopônimos constituídos apenas por sobrenome. No gráfico abaixo, podemos observar a grande diferença do percentual dos nomes de homens e mulheres do total de antropotopônimos constituídos de nome e sobrenome ou apenas nome.

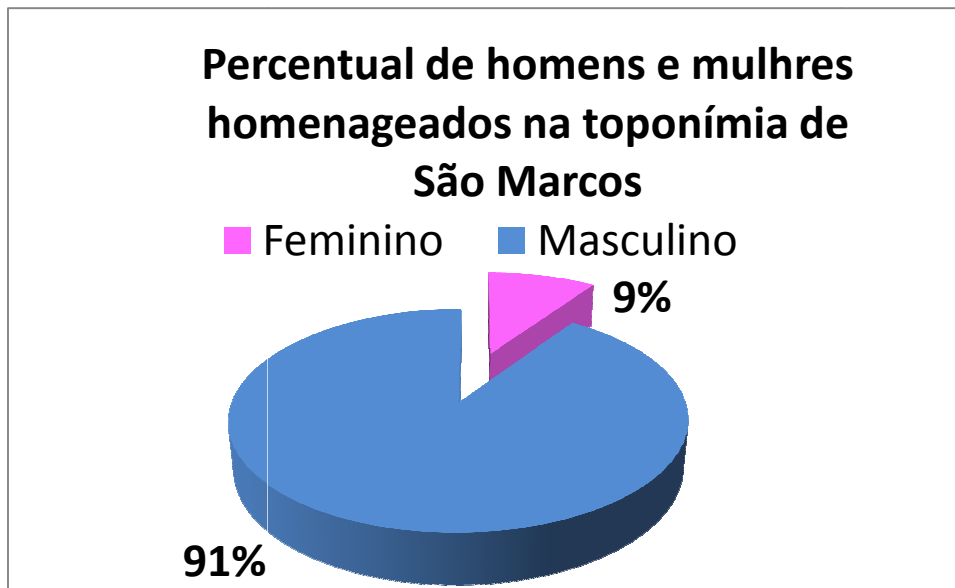


Figura 8 – Gráfico do percentual de homens e mulheres homenageados na toponímia de São Marcos (Linhas, Bairros e Ruas).

A sub-representação dos nomes de mulheres em relação aos nomes de homens na toponímia de São Marcos evidencia uma discriminação contra as mulheres. Como já vimos anteriormente, a maior parte dos antropotopônimos de São Marcos são homenagens a moradores comuns, que por terem sido trabalhadores são merecedores de homenagem. Se os espaços públicos devem ser um instrumento de homenagem àqueles que de certa forma contribuíram para a comunidade local, a representação dos nomes de homens e mulheres deveria ser mais equilibrada. Mais uma vez, pode-se observar que o ato de denominar é constituído de relações de poder.

Muitos são os fatores que poderiam justificar a baixa representatividade de nomes de mulheres nos espaços públicos. Da mesma forma que por muito tempo a sociedade discriminou as mulheres, a toponímia também apresenta essa discriminação. Ao homenagear famílias que batalharam pelo seu sustento, é a figura patriarcal que tem seu nome estampado nas placas das vias.

A desigualdade de gênero pode ser observada não só na quantidade dos topônimos como também na importância dos espaços nomeados. Nenhuma via da área central da cidade ou via principal dos bairros tem nome de mulher. Poucos são os bairros com nome de pessoas, mesmo assim, todos são de homens. Esses espaços recebem a homenagem de pessoas que desfrutaram de prestígio na sociedade. Até meados de 1970, poucas eram as mulheres que participavam das atividades econômicas e tinham acesso à educação. Sua responsabilidade limitava-se ao trabalho doméstico. Isso

demonstra que quando se trata da denominação de um espaço importante, a discriminação é ainda maior.

Chama a atenção o fato de que dois nomes de linhas são homenagens a mulheres, Edith e Rosita, que trabalharam no acampamento dos engenheiros e agrimensores na época da colonização, no final do século XIX. O ato de denominação aconteceu em 1885, quando a Colônia São Marcos foi criada.

Com as transformações sociais impulsionadas pelo movimento feminista nas últimas décadas do século XX, seria plausível um aumento da denominação de espaços com nomes de mulheres. Porém, se observarmos as denominações do período de 1999 a 2009, o percentual de nomes de mulheres nessa década é exatamente o mesmo do total dos topônimos investigados, apenas 9%. Isso demonstra que ainda há práticas sociais de discriminação preservadas na toponímia. Esse fenômeno também é observável em outros municípios da RCI. Segundo Frosi (2009, p. 71), a representatividade numérica superior de ruas com nomes de homens em Caxias do Sul denuncia “a desigualdade de condições sociais entre homens e mulheres”. Outro estudo investigou a denominação de bairros de Nova Prata, onde sobressaem os nomes marcados pelo gênero masculino, revelando os valores do povo que os utiliza (PANDOLFO, 2011).

4.5 FITOTOPÔNIMOS

A análise do *corpus* aponta que os antropotopônimos são os mais presentes na toponímia de São Marcos. No entanto, os fitotopônimos também merecem destaque, uma vez que são o segundo grupo de maior representatividade no percentual dos padrões motivadores dos nomes de ruas (8%). Os fitotopônimos exaltam a vegetação e os produtos dela derivados. A riqueza vegetal do Brasil tem servido de referencial toponímico desde a época do Brasil Colônia. De acordo com Dick (1990, p. 146), não se deveria

perder de vista que a vegetação é parte integrante de um conjunto natural, em que relevo, constituição do solo, acidentes hidrográficos, regimes climáticos, compõem um verdadeiro biosistema imprescindível ao homem e à qualidade de vida que nele pretenda instalar ou, pelo menos, usufruir (DICK, 1990, p. 146).

Em São Marcos, a vegetação é valorizada nos nomes das seguintes ruas: das Camélias, das Castanheiras, das Flores, das Hortências, das Laranjeiras, das Macieiras, das Nogueiras, das Orquídeas, das Palmas, das Pitangueiras, das Rosas, das Videiras, das Violetas, dos Eucaliptos, dos Girassóis, dos Jasmins, dos Lírios, dos Pinhais, dos Coqueiros, dos Cravos e dos Crisântemos. Todas elas estão localizadas no Loteamento Jardim dos Plátanos.

Este loteamento foi idealizado por Aldo Cioato, proprietário da extinta Urbanizadora Cioato, em meados dos anos 1980. O terreno loteado por Cioato fora outrora uma fazenda. Havia ali muitos bosques e flores, que motivaram a denominação das ruas pelo urbanizador. Ainda hoje, na entrada do loteamento, é possível visualizar vários plátanos e castanheiras²⁵.

Esse é um dos poucos casos do nosso *corpus* em que os nomes foram motivados pela aparência do local. Porém, após a urbanização do terreno, só restaram alguns plátanos e castanheiras. As fruteiras e flores que motivaram a denominação deram lugar a ruas, calçadas e casas. Apesar disso, quem passa por essas ruas hoje, se olhar atentamente para as placas das ruas, pode ter uma ideia de como era o local antes da urbanização.

²⁵ Depoimento concedido oralmente por Ademar José Cioato em 08/05/2012. No Anexo III encontra-se o termo de autorização de uso do depoimento, assinado pelo morador.

5 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES DE ORDEM LINGUÍSTICA

Ao longo da nossa pesquisa, alguns fenômenos linguísticos nos chamaram a atenção. Neste capítulo, tecemos algumas considerações sobre tais fenômenos. Na primeira parte (5.1), analisamos a pronúncia de alguns sobrenomes de origem italiana. Na segunda parte (5.2), analisamos a transposição do gênero feminino do elemento genérico *linha* para os topônimos. Por fim, na última parte (5.3) apresentamos a etimologia dos nomes de origem indígena.

5.1 PRONÚNCIA DOS SOBRENOMES DE ORIGEM ITALIANA

Levando em consideração o grande número de antropotopônimos de origem italiana de nosso *corpus*, 86% do total de antropotopônimos, e a história de São Marcos, que foi constituída inicialmente por imigrantes italianos, é interessante ressaltar algumas considerações em relação aos sobrenomes italianos.

Sabe-se que muitos imigrantes italianos, ao chegarem ao Brasil, tinham seus nomes e sobrenomes aportuguesados, ou, muitas vezes, registrados errados. Alguns sobrenomes do nosso *corpus* sofreram alteração ortográfica, como *Fiamengui*, originalmente *Fiamenghi*, e *Cioatto*, originalmente *Chioatto*. Porém, a maioria dos sobrenomes do nosso *corpus* consta no dicionário de sobrenomes italianos de Caffarelli e Marcato (2008), ou seja, não sofreram alterações ortográficas.

Por outro lado, se a forma ortográfica foi mantida, o mesmo não aconteceu com a pronúncia. Nos dias atuais, em São Marcos, a maioria dos sobrenomes de origem italiana é pronunciada com “sotaque” brasileiro.

Isso acontece com a pronúncia da vogal nasal [a] nos sobrenomes *Bianchi*, *Buganza*, *Fantin*, *Franceschini*, *Sandi*, *Sandri*, *Santini*, *Trevisan* e *Zan*, todos

constituintes do nosso *corpus*. No dialeto italiano, a pronúncia da vogal [a] seguida de consoante nasal é aberta. Conforme Frosi e Mioranza (1983, p. 339), no sistema dialetal italiano não há uma regra fonológica que leve a fechar o timbre da vogal [a] quando nasalizada, como acontece na língua portuguesa, que conserva o timbre fechado – *Bianchi* [bi'ɲ̃ki]. Dessa forma, no dialeto italiano, mantêm-se o timbre da vogal aberto – *Bianchi* [bi'anki]. Porém, em São Marcos, os sobrenomes acima elencados, parecem ser pronunciados pela maioria da população como no sistema da língua portuguesa, mantendo-se o timbre da vogal fechado.

Na língua portuguesa, as consoantes africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ] são alofones dos fonemas [t] e [d] e ocorrem precedendo a vogal alta anterior [i] (SILVA, 1999, p. 146). Já no dialeto italiano, essa variante não ocorre. Assim, no dialeto, a pronúncia dos sobrenomes *Giotti* e *Sandi* seria, respectivamente, [dʒi'ɔti] e ['sandi]. No entanto, em São Marcos, parece ser predominante a ocorrência de [ʒi'ɔtʃi] e ['sɛndʒi], havendo, predominantemente, a manifestação da regra da língua portuguesa. O mesmo acontece com os sobrenomes italianos *Ballardin*, *Borghetti*, *Caletti*, *Fantin*, *Fortunatti*, *Lazzaretti*, *Libardi*, *Martininghi*, *Mazotti*, *Nicoletti*, *Pedrotti*, *Santini* e *Stedile*.

Frosi e Mioranza (1983, p. 364) esclarecem que, no dialeto italiano, ocorre a manifestação das consoantes africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ], porém, em distribuições diferentes daquelas do sistema da língua portuguesa. No dialeto italiano, segundo os autores, as consoantes africadas alveopalatais ocorrem diante de qualquer vogal, assim, as consoantes ortográficas “c” e “g” manifestam-se, respectivamente, [tʃ] e [dʒ]. Então, seguindo essa regra fonológica, espera-se que as consoantes “c” e “g” dos sobrenomes italianos *Cecatto*, *De Giacomo*, *Franceschini* e *Giotti* sejam pronunciadas [tʃ] e [dʒ]. Parece que essa não é a ocorrência predominante em São Marcos, onde essas consoantes são pronunciadas pela maioria dos moradores de acordo com o sistema fonológico da língua portuguesa, ou seja, [s] e [ʒ].

No dialeto italiano, a consoante “z”, bem como a sua forma dupla “zz”, é pronunciada [ts] ou [dz]. Por exemplo, *Buganza*, no dialeto italiano, é pronunciado /bu'gantsa/. Já os moradores de São Marcos, pronunciam /bu'gẽnsa/. O mesmo acontece com *Pelizzari*, *Rizzon* e *Bertolazzi*, pronunciados com [z]. A consoante “z”, bem como “zz”, dos sobrenomes *Zuanazzi*, *Gozzi*, *Lazzaretti*, *Zanella*, *Zan*, *Zardo*,

Zambeccari e *Mazotti* é manifestada, pela maioria dos moradores, como fricativa alveolar vozeada [z].

Enquanto na língua portuguesa o encontro consonantal “ch” é realizado como fricativa alveopalatal desvozeada [ʃ], no dialeto italiano, é realizado como oclusiva velar desvozeada [k]. Assim, o encontro consonantal “ch” dos sobrenomes *Bianchi*, *Brochetto*, *Chemello*, *Chinelatto*, *Fochesatto*, *Franceschini*, *Marchesi*, *Michelin*, *Michelon* e *Rech*, no dialeto italiano, é realizado como oclusiva velar desvozeada [k]. Ao contrário dos casos descritos nos parágrafos anteriores, em que a pronúncia dos sobrenomes foi adaptada com a do sistema fonológico português, a pronúncia do encontro consonantal “ch” vem sendo mantida pelos falantes do município da mesma forma que a do sistema dialetal italiano. Ou seja, o “ch” dos sobrenomes italianos continua sendo pronunciado pela maioria da população como oclusiva velar desvozeada [k].

O fato de não se ter mantido a pronúncia dos sobrenomes tal como a pronúncia da língua italiana pode estar relacionado com a história do dialeto italiano na região. Conforme estudo de Tomiello (2005, p. 93) realizado no interior de São Marcos, os descendentes de italianos entre 15 e 25 anos de idade não praticam a fala dialetal e há poucas marcas linguísticas do dialeto na língua portuguesa desses jovens. Além disso, segundo a pesquisadora, alguns jovens acham graça da fala com sotaque dos próprios pais e os corrigem. Pode-se afirmar que essa atitude linguística entre os jovens seja uma tendência na região e esteja ligada à existência, no passado, da estigmatização da fala de língua portuguesa marcada por elementos do dialeto italiano, ou, simplesmente, do português com marcas de sotaque. Frosi, Faggion e Dal Corno (2010a, p. 22) afirmam que existia desprestígio na fala de língua portuguesa dentro do próprio grupo étnico italiano da RCI: “à medida que o ítalo-brasileiro se urbaniza e aumenta seu poder aquisitivo, passa a desprezar o habitante da zona rural – o colono –, focalizando seus modos grosseiros e sua fala carregada de marcas dialetais”. Essas marcas linguísticas, segundo as autoras, certamente os identificavam como um grupo e os distinguiam dos demais.

Após terem sofrido estigmatização por muito tempo, os ítalo-brasileiros passaram a dominar a língua portuguesa. Isso se deu devido à ascensão econômica, acesso à cultura, à educação e a vida na zona urbana. Embora a questão mereça estudos mais aprofundados, parece-nos que, da mesma forma que os descendentes de italiano

optaram por usar a forma de falar considerada mais aceita – a língua portuguesa –, optaram também por adequar a pronúncia de seus sobrenomes ao sistema fonológico português, distanciando-se cada vez mais do dialeto e do português com sotaque, evitando, assim, o mal-estar causado pela estigmatização. Talvez, por não ser uma marca de caracterização do estereótipo do colono, a pronúncia do encontro consonantal “ch” – [k] – tenha sido mantida.

O estudo da pronúncia dos sobrenomes não estava previsto nos objetivos deste trabalho. Porém, essas questões nos chamaram a atenção ao longo da investigação e merecem ser registradas.

5.2 TRANSPOSIÇÃO DO GÊNERO GRAMATICAL FEMININO DO ELEMENTO GENÉRICO *LINHA* PARA OS TOPÔNIMOS *DEODORO* E *ZAMBECCARI*

A Linha Marechal Deodoro da Fonseca é conhecida largamente pela população como Teodória, e a Linha Zambecari, como Zambecária. Nos nomes populares dessas linhas ocorre uma transposição do gênero gramatical feminino do elemento genérico *linha* para os topônimos *Deodoro* e *Zambecari*.

Esse fenômeno também ocorreu em outros municípios da RCI. Dom Benedito Zorzi (1988) relata que sempre conheceu a região onde nasceu e cresceu como Marcolina e só veio a descobrir que o local denominava-se oficialmente como Travessão Marcolino Moura quando se tornou bispo. Segundo Zorzi, os moradores se referiam à localidade como *linha*, e não *travessão*. Da mesma forma, houve a transposição do gênero gramatical feminino da palavra *linha* para o nome Marcolino. O mesmo ocorreu em Antônio Prado (ZORZI, 1988), em relação à Linha Trajano, conhecida pela população como Linha Trajana. A transposição do gênero gramatical feminino da palavra *linha* para o nome próprio é um processo de gramaticalização. Conforme Castilho (1997, p. 26), fundamentando-se na obra de Traugott de 1998,

a gramaticalização é o estudo de mudanças linguísticas situadas no continuum que se estabelece entre unidades independentes, localizadas em construções menos ligadas, e unidades dependentes tais como clíticos, partículas, auxiliares, construções aglutinativas e flexões (CASTILHO, 1997, p. 26).

No caso dos nomes populares das linhas, o processo de gramaticalização ocorre a partir do princípio da analogia, no qual regras são estendidas (CASTILHO, 1997, p. 31). Nesse caso, a regra que estabelece que o substantivo concorde com o adjetivo em gênero foi estendida para o sintagma substantivo próprio.

No caso de *Teodória*, além de ter havido a transposição do gênero gramatical feminino, houve também mudança na pronúncia. Zorzi (1988) afirma que a mudança na pronúncia dos nomes de lugares era comum na RCI e acrescenta que o povo costumava referir-se à Linha Trajana, citada anteriormente, como *La Tresiana*. Essa variação fonológica é considerada um metaplasmo, que se define como “uma mudança fonética que consiste na alteração de uma palavra pela supressão, adição ou permuta de fonemas” (DUBOIS et al, 1988, p. 412). A substituição do fonema [ʒ] – fricativa palatoalveolar sonora – pelo fonema [z] – fricativa alveolar sonora – (Trajana – Tresiana) constituía um traço marcante da fala dos ítalo-brasileiros da RCI, ocorrendo de forma regular e generalizada (FROSI; MIORANZA, 1983, P. 367). Essa substituição é utilizada pelo humorista Iotti na fala de seus personagens das tirinhas do Radicci como marca distintiva da fala dos ítalo-brasileiros (PEZZI SANTOS, 2001). Esse fenômeno pode ser explicado pela ausência da fricativa palatoalveolar sonora nos dialetos italianos, o que dificultava a produção desse som. Já em *Teodória* ocorre metaplasmo pela transformação da oclusiva alveolar sonora [d] para surda [t] (Deodoro – Teodória). Em *Dialetos Italianos*, Frosi e Mioranza (1983, p. 206) registram fenômeno similar em relação à palavra *verde*, pronunciada por 15 dos 53 informantes com a oclusiva surda [vert]. Porém, nesse caso trata-se de um processo de enurdecimento, pois em [vert] a oclusiva alveolar está em posição final. Isso constitui característica de alguns grupos dialetais.

Teodória contraria uma tendência geral românica, pois via de regra a consoante inicial permanece (era uma das “leis” de origem neogramática; ver, por exemplo, Coutinho, 1971, p. 137). Algumas exceções se dão geralmente por vozeamento ou sonorização; por exemplo, *cattu* > *gato*, em que a consoante oclusiva velar surda /k/ é substituída pela correspondente sonora /g/. Tendo em vista ser um processo isolado, pode-se considerar que houve analogia com o nome próprio Teodoro, muito mais comum que Deodoro. Quanto ao acréscimo do i em posição medial, o que configura epêntese, pode ser explicado também por analogia: talvez houvesse mais palavras femininas terminadas em *-ória* do que em *-ora*. Nada que possa ser provado, por

enquanto. De qualquer maneira, as formas registradas atestam a riqueza da participação popular na variação linguística.

É interessante ressaltar outro caso em que houve alteração no nome de um lugar na RCI. No município de Muçum, o Rio das Contas foi conhecido por muito tempo como Rio da Esconta. Conforme Zorzi (1998), os imigrantes italianos associaram *das contas* com *sconta*, palavra do léxico italiano, e passaram a pronunciar Rio da Sconta. Mais tarde, o DAER – Departamento Autônomo de Estradas de Rodagem – fixou uma placa com a nomeação Rio da Esconta. Hoje, usa-se a nomeação Rio das Contas. Essa mudança na percepção de como os constituintes estão ordenados no eixo sintagmático, ocasionando um novo “corte” na estrutura, é chamada de reanálise (CASTILHO, 1997, p. 31).

5.3 TOPÔNIMOS DE ORIGEM INDÍGENA

De acordo com Bueno (1988, p. 553), os indígenas eram descritivos ao nomear, incluindo no topônimo as características do lugar. Porém, o autor afirma que nos dias atuais as repartições públicas utilizam nomes indígenas para nomear sem a necessária observação das peculiaridades do local. Na toponímia de São Marcos estudada neste trabalho, há apenas sete nomes de origem indígena: Humaitá, Tuiuti, Avaí, Paraná, Iroí, Ivaí e Tamoio. No quadro abaixo, apresentamos a etimologia desses topônimos.

TOPÔNIMO	ETIMOLOGIA
Avaí	Avay –Do tupi-guarani <i>abá-y</i> , o rio do homem. Rio do Paraguai onde se travou violenta batalha na guerra entre o Brasil e o Paraguai (BUENO, 1998, p. 565).
Humaitá	Do tupi-guarani <i>mbaitá</i> , correntemente <i>maitaca</i> , <i>baitaca</i> , papagaio barulhento (BUENO, 1998, p. 147). Nome de uma famosa fortaleza na margem esquerda do rio Paraguai. Passagem de Humaitá - operação militar durante a Guerra do Paraguai em 1868, que resultou na tomada da fortaleza de Humaitá pelas forças brasileiras, sendo um dos momentos mais difíceis daquela guerra (DONATO, 1996, p. 307; BUENO, 1998, p. 593).
Iroí	Iroy – Do tupi-guarani <i>y-roy</i> , a água fria, o rio de água fria (BUENO, 1998, p. 167). Distrito do município de Castelo Branco, Paraná.
Ivaí	Do tupi-guarani <i>Ybá-y</i> , rio das frutas – <i>ybá</i> = fruta, <i>y</i> = rio (BUENO,

	1998, p. 176). Cidade e município do Paraná.
Paraná	Nome de um dos estados do Brasil. Nome do rio ainda hoje chamado Paraná. Do tupi-guarani <i>pará-nã</i> , rio veloz (BUENO, 1998, p. 633), semelhante ao mar (CHIARADIA, 2008, p. 499).
Tamoio	Do tupi-guarani <i>tamuia</i> , o avô, o antepassado; o primogênito da raça. Grupo histórico indígena do século XVI (CHIARADIA, 2008, p. 618).
Tuiuti	Está por <i>tuyutinga</i> , do tupi-guarani, o lameiro branco, o pântano alvadio. Local do Paraguai onde se travou famosa batalha (a batalha de Tuiuti) com as forças brasileiras, saindo estas vitoriosas (BUENO, 1998, p. 365).

Quadro 09 – Etimologia dos topônimos de origem indígena.

Nenhum dos topônimos acima descreve as características do lugar que nomeia em São Marcos. Fica claro que ao nomear, os denominadores não consideraram esse aspecto. Parece-nos que o aspecto histórico foi decisivo nos casos de Avaí, Humaitá, Tuiuti, três batalhas da Guerra do Paraguai e Tamoio, nome de um grupo histórico indígena, enquanto Iroí, Paraná e Ivaí são referências ao Estado do Paraná. Esses três topônimos denominam ruas próximas situadas no Bairro Francisco Doncatto, onde também existe a Rua Maringá, referência a outro município do Paraná. É curioso que o bairro já foi denominado de Tapejara, e assim continua sendo chamado popularmente pelos moradores locais. Tapejara, do tupi-guarani, quer dizer conhecedor do caminho (BUENO, 1998, p. 333) e também é nome de um município do Paraná.

Para descobrir a ligação do estado do Paraná com a nomeação dessas ruas seria necessária uma investigação histórica, que não está ao alcance deste trabalho. Mesmo assim, fica aqui o registro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação busca relacionar a motivação toponímica do município de São Marcos/RS com a realidade sociocultural de sua comunidade. A toponímia permite fazer relações que extrapolam o campo da linguística, por ser um campo de estudos interdisciplinar.

Para a constituição do *corpus*, fez-se um levantamento dos nomes das linhas, comunidades, bairros e ruas de São Marcos, em mapas oficiais, totalizando 299 topônimos, que foram classificados de acordo com o modelo taxionômico formulado por Dick (1992). A utilização do modelo taxionômico de Dick mostrou-se produtiva.

A análise do *corpus* permitiu relacionar aspectos linguísticos (origem dos antropotopônimos; alterações fonéticas, pronúncias mantidas e não mantidas; gramaticalização, alteração de gênero; classificação taxionômica; etimologia) e extralinguísticos (aspectos culturais da imigração italiana, tais como a religiosidade; valorização dos que construíram a comunidade; aspectos históricos, antropológicos e sociais; motivações que levaram à denominação), confirmando a interdisciplinaridade dos estudos toponímicos, assinalada por Dick (1990, 1992) e Isquierdo (2008).

O *corpus* de nossa pesquisa mostra que muitos são os referenciais que motivam a escolha de um nome, entre eles figuras da comunidade, personalidades nacionais, vegetação e religião. Não importa qual o motivo da escolha do nome, além de exercer a função de signo toponímico, o nome revela muito da cultura e visão da região.

Os percentuais de nosso *corpus* indicam que as ocorrências de natureza antropocultural predominam sobre as de natureza física. Isso é uma tendência onde há aglomerações humanas.

A partir da análise do *corpus* verifica-se que na denominação de linhas, bairros e ruas há uma forte predominância de antropotopônimos masculinos e de origem italiana. Além disso, aponta que os antropotopônimos regionais são os mais presentes na toponímia são-marquense, perpetuando pessoas da comunidade que, por um dia terem contribuído para a construção e desenvolvimento da cidade, merecem reconhecimento em homenagem a sua dedicação. Através dos antropotopônimos

regionais, a comunidade se vê representada. Dessa forma, ao produzir sentidos para a comunidade, os antropotopônimos são incorporados à identidade regional.

No caso das ruas, há predominância de antropotopônimos que homenageiam pessoas comuns, diretamente ligadas à comunidade, mostrando o sentimento de valorização local e a construção de uma identidade regional.

Já no caso das comunidades, o referencial religioso é predominante. Os topônimos de motivação religiosa demonstram o apego das comunidades à religião, muito forte no início do século XX, quando a organização das comunidades se dava em torno das capelas, seguindo uma tendência da RCI. Ainda hoje a religião motiva a denominação, como o Bairro São José, que foi denominado a partir de consulta popular.

Seguindo uma tendência nacional, vários nomes são motivados a partir de referenciais da história nacional, como a Guerra do Paraguai. Além disso, datas históricas, heróis de guerra e figuras ilustres também recebem homenagem. Todavia, nota-se um fenômeno diferenciado relativo à toponímia da região. Ao contrário de outras cidades, como Caxias do Sul e Bento Gonçalves, onde os nomes das ruas principais não levam nomes de moradores locais, apenas de vultos nacionais ou estaduais (FROSI; FAGGION; DAL CORNO, 2010b, SARTORI, 2010), das quinze ruas centrais de São Marcos, oito são homenagens a moradores da região. Esse fenômeno se deve à substituição dos nomes. A princípio, todas as ruas centrais eram nomeadas a partir de vultos nacionais e datas históricas. Porém, ao longo do tempo, a maioria desses nomes foi substituída por nomes regionais, indicando, mais uma vez, a busca por se construir uma identidade regional.

Contribuindo, também, para a construção da identidade regional, observa-se uma preferência por antropotopônimos regionais a outros tipos de topônimos. Nomes motivados a partir de datas históricas, plantas e santos, apenas para citar alguns, foram substituídos por nomes de pessoas que participaram da vida cotidiana do município.

São Marcos foi fundada por imigrantes italianos. Seus descendentes aí se estabeleceram e trabalharam de forma a contribuir para o desenvolvimento do município. Assim, recebem sua homenagem nos nomes de ruas. Do total de antropotopônimos, 86% são de origem italiana. Diferentemente de outras cidades da região, como Caxias do Sul e Bento Gonçalves (FROSI; FAGGION; DAL CORNO, 2010b, SARTORI, 2010), inclusive as ruas centrais e mais importantes de São Marcos são motivadas a partir de nomes de origem italiana. Essas ruas outrora tiveram outros

nomes, mas foram sendo substituídos por nomes de pessoas do grupo étnico italiano a partir da emancipação.

O estudo da toponímia de São Marcos revela que ainda é possível verificar discriminações de gênero. Apenas 7% dos antropotopônimos são constituídos por nome de mulheres. Parece haver uma relação de poder no ato de denominar.

Este estudo destaca alguns aspectos linguísticos que podem ser observados através dos signos toponímicos. A análise de alguns nomes populares, como Teodória (Linha Marechal Deodoro da Fonseca) e Zambecária (Linha Zambecari), nos mostra um fenômeno comum na RCI, a transposição do gênero gramatical feminino da palavra *linha* para o substantivo próprio. Por meio da observação da pronúncia dos sobrenomes de origem italiana, que constituem vários antropotopônimos de nosso *corpus*, é possível analisar um fenômeno fonético da RCI, a pronúncia dos sobrenomes foi “aportuguesada”. A vogal nasal [a] do dialeto italiano é pronunciada como no português, com o timbre fechado. Assim, o sobrenome *Bianchi*, originalmente pronunciado [bi'anki], hoje é pronunciado [bi'ẽŋki]. Os sobrenomes com [ti] e [di], são pronunciados com [[tʃi] e [dʒi]. A consoante “z”, pronunciada no dialeto italiano [ts] ou [dz], aqui é pronunciada com [z]. Por fim, chama a atenção uma ocorrência do dialeto italiano, que não se manifesta no português padrão, que se manteve na pronúncia dos sobrenomes. O “ch” continua sendo realizado como oclusiva velar desvozeada [k]. Não foi possível aprofundar mais o tema, mas é uma perspectiva que trabalhos futuros poderão investigar.

Nomear lugares é um ato essencial na nossa civilização. A toponímia é uma forma de preservação da memória de um povo, e, por isso, é possível contar a história de um lugar através da história de seus topônimos. Se a história é um dos traços pelos quais as identidades se estabelecem (WOODWARD, 2005), a toponímia é um dos traços que constituem a identidade regional. Vimos, com base em Bourdieu (1998), que a identidade regional é moldada em torno de representações mentais e objetivas – características comuns de um grupo, pertencente a determinada região, que o diferencia de outros grupos. Logo, a língua, o dialeto ou o sotaque peculiar a uma região é uma representação de identidade regional. Nesse sentido, pode-se concluir que a toponímia de uma região, reveladora da sua bagagem cultural e social, é uma representação de identidade regional. No caso deste trabalho, observa-se a busca pela construção de uma identidade regional, são-marquense, através da toponímia.

Ao término desta pesquisa, cremos que atingimos os objetivos propostos. O estudo apresenta-se, dentro da área, relevante, pois iniciamos uma investigação inédita que ainda não havia sido realizada no município de São Marcos. Portanto, contribui para as pesquisas do Programa de Pós-graduação em Letras, Cultura e Regionalidade, em especial para o Projeto TOPac1, a que está vinculado.

Contudo, as considerações apresentadas certamente não se esgotam neste trabalho. Esse foi apenas o início de um estudo que poderá ser aprofundado e ampliado em investigações futuras.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Karylleila dos Santos. *Atlas toponímico de origem indígena do estado do Tocantins*: ATITO. Goiânia: Editora da PUC, 2010.
- ARENDDT, João Claudio. Notas para o estudo das literaturas regionais. Comunicação apresentada ao GT História da Literatura, XXV ENANPOLL, UFMG, jul. 2010. (mimeo.).
- ASCARI, Kleber. Vida e obra do Monsenhor Henrique Compagnoni. In: POSSAMAI, Osmar. et al. *Raízes de São Marcos e Criúva*. EST: Porto Alegre, 2005.
- BARATA, Carlos Eduardo; BUENO, Antônio Henrique da Cunha. *Dicionário das famílias brasileiras*. São Paulo: Ibero América, 1999-2001. 2 v.
- BEBER, Marcos Vinícius. São Marcos: da pré-história à urbanização. In: POSSAMAI, Osmar. et al. *Raízes de São Marcos e Criúva*. EST: Porto Alegre, 2005.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (Org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: UFMS, 1998a.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Dimensões da palavra. *Filologia e Linguística Portuguesa*, n. 2, p. 81-118, 1998b.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- BRASIL. Lei n. 6.454, de 24 de outubro de 1977. Dispõe sobre a denominação de logradouros, obras serviços e monumentos públicos, e dá outras providências.
- BRITO, Adriano Naves de. *Nomes próprios: semântica e ontologia*. Editora UnB: Brasília, 2003.
- BUENO, Francisco da Silveira. *Vocabulário Tupi-Guarani Português*. São Paulo: Éfeta, 1998.
- CAFFARELLI, Enzo; MARCATO, Carla. *I cognomi d'Italia: dizionario storico ed etimologico*. Torino: UTET, 2008. 2 v.
- CARVALHINHOS, Patrícia de Jesus. Onomástica e lexicologia: o léxico toponímico como catalisador e fundo de memória. *Revista USP*, São Paulo, n.56, p. 172-179, dez./fev. 2003.
- CASTILHO, Ataliba Teixeira de. A Gramaticalização. *Estudos Linguísticos e Literários*, Salvador: Universidade da Bahia. n. 19, p. 25-44, nov. 1997.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. v.1. Petrópolis: Vozes, 2002.
- CHIARADIA, Clóvis. *Dicionário de palavras brasileiras de origem indígena*. São Paulo: Limiar, 2008.

- COUTINHO, Ismael Lima. *Gramática Histórica*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1971.
- CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas ciências sociais*. 2.ed. Bauru: EDUSC, 2002.
- DALL' ALBA, João Leonir. *Colonização de Pedras Brancas*. In: POSSAMAI, Osmar. et al. *Raízes de São Marcos e Criúva*. EST: Porto Alegre, 2005.
- DAUZAT, Albert. *Les noms de lieux*. Paris : Delagrave, 1926.
- DELBECQUE, Nicole. *A lingüística cognitiva: epigênese e desenvolvimento*. Lisboa: Instituto Piaget, 2009. DICIONÁRIO de Sobrenomes. Iniciativa: Benzi – Sobrenomes. Disponível em: <<http://www.benzisobrenomes.com/nomes/princ.html>>. Acesso em 8 set. 2011.
- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *A motivação toponímica e a realidade brasileira*. São Paulo: Arquivo do Estado de São Paulo, 1990.
- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *Toponímia e antroponímia no Brasil*. Coletânea de estudos. São Paulo: Arquivo do Estado, 1992.
- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. O léxico toponímico: marcadores e recorrências linguísticas. In: *Revista Brasileira de Linguística*. (SBPL) (Sociedade Brasileira de Professores de Linguística). São Paulo: Plêiade, 1995. v. 8.
- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Atlas Toponímico: um estudo de caso. *Acta Semiótica Et Lingüística*, São Paulo. n. 6. p. 27-44, 1996a.
- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *A dinâmica dos Nomes na Cidade de São Paulo: 1554-1897*. São Paulo: Annablume, 1996b.
- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. O Sistema Onomástico: bases lexicais e terminológicas, produção e frequência. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: UFMS, 1998a.
- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Os nomes como marcadores ideológicos. In: *Acta Semiótica et Lingüística - SBPL* (Sociedade Brasileira de Professores de Linguística). São Paulo: Plêiade, 1998b. v. 7.
- DUBOIS, Jean et al. *Dicionário de linguística*. 3.ed. São Paulo: Cultrix , 1988.
- DONATO, Hernâni. *Dicionário das batalhas brasileiras: dos conflitos com indígenas aos choques da Reforma Agrária*. São Paulo: IBRASA, 1996.
- FAGGION, Carmen Maria; DAL CORNO, Giselle Olívia Mantovani; FROSI, Vitalina Maria. Topônimos em Bento Gonçalves: motivação e caracterização. *Métis*. Caxias do Sul, v. 7, n. 13, p. 277-298, jan./jun. 2008.
- FROSI, Vitalina Maria. Os logradouros de Caxias do Sul: seus nomes, suas interconexões. In: II SIMPÓSIO MUNDIAL DE ESTUDOS DE LÍNGUA PORTUGUESA, 2010, Évora. *A Língua Portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas*. Évora: Universidade de Évora, 2009. p. 50-73.
- FROSI, Vitalina Maria (Coord.). *Toponímia da Antiga Colônia I – TOPacI*. Caxias do Sul: UCS, 2010. Projeto de Pesquisa.

- FROSI, Vitalina Maria; FAGGION, Carmen Maria; DAL CORNO, Giselle Olivia Mantovani. Da estigmatização à solidariedade: atitudes linguísticas na RCI. In: _____. *Estigma: cultura e atitudes linguísticas*. Caxias do Sul: Educs, 2010a. p. 15-42.
- FROSI, Vitalina Maria; FAGGION, Carmen Maria; DAL CORNO, Giselle Olivia Montavanni. Hodônimos de Caxias do Sul e Bento Gonçalves: suas interfaces e correlações com o contexto histórico e cultural. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; BARROS, Lídia Almeida (orgs.). *As ciências do léxico: lexicografia, lexicologia, terminologia*. v.5. Campo Grande: UFMS, 2010b. p. 153-168.
- FROSI, Vitalina Maria; MIORANZA, Ciro. *Dialetos Italianos*. Caxias do Sul: EDUCS, 1983.
- FROSI, Vitalina Maria; MIORANZA, Ciro. *Imigração Italiana no Nordeste do Rio Grande do Sul: Processos de formação e evolução de uma comunidade ítalo-brasileira*. 2.ed. EDUCS: Caxias do Sul, 2009.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- GUÉRIOS, Rosário Farâni Mansur. *Dicionário etimológico de nomes e sobrenomes*. 3.ed. São Paulo: Ave Maria, 1981.
- GUIMARÃES, Eduardo. *Semântica do acontecimento*. Campinas: Pontes, 2002.
- HAESBAERT, Rogério. Região, Regionalização e regionalidade: questões contemporâneas. *Antares: Letras e Humanidades*, Caxias do Sul, n.3. p. 2-24, jan./jul. 2010. Disponível em: <http://www.ucs.br/ucs/posgraduacao/stricto_sensu/letras/revista/revista>. Acesso em: 21 jan. 2011.
- HAJDÚ, Mihály. The History of Onomastics. In: ISTVÁN, Nyirkos (org.). *Onomastica Uralica*, v. 2. Debrecen–Helsinki: 2002. p. 7-45. Disponível em: <mnytud.arts.unideb.hu/nevtan/tagozat/06hajdu.pdf>. Acesso em: 12 de jan. de 2011.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Documentação Territorial do Brasil: Flores da Cunha. Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/riograndedosul/floresdacunha.pdf>>. Acesso em: 08 de set. 2011.
- ISQUERDO, Aparecida Negri. O nome do município: um estudo etnolinguístico sócio-histórico na toponímia sul-mato-grossense. *Prolíngua*, v. 2, n. 2, dez. 2008, p. 34-52. Disponível em: <<http://www.revistaprolingua.com.br/wp-content/uploads/2009/07/aparecida-negri-isquerdo.pdf>>. Acesso em: 14 de abril de 2011.
- JOACHIMSTHALER, Jürgen. A literarização da região e a regionalização da literatura. *Antares: Letras e Humanidades*, n.2., p. 27-60, jul.-dez. 2009. Disponível em: <http://www.ucs.br/ucs/tplRevistaLetras/posgraduacao/stricto_sensu/letras/revista/2/sumario/literalizacao.pdf>. Acesso em: 21 jan. 2011.
- KRAMSCH, Claire. *Language and Culture*. Oxford: Oxford University Press, 1998.
- LYONS, John. *Linguagem e Linguística: uma introdução*. Rio de Janeiro: LTC, 1987.

- MOTTIN, Antônio; CASOLINO, Enzo. *Italianos no Brasil: Contribuições na Literatura e nas Ciências – séculos XIX e XX*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.
- NEVES, Gervásio Rodrigo. A “Revolução” da Madeira: Notas de Pesquisa. In: POSSAMAI, Osmar. et al. *Raízes de São Marcos e Criúva*. EST: Porto Alegre, 2005.
- OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (orgs.). *As ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia*. Campo Grande: UFMS, 2001.
- OLIVEN, Ruben George. Gilberto Freyre e a Questão Nacional. *Jornal Zero Hora*, Cultura, Porto Alegre, p. 2 - 3, 31 jul. 2010.
- ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 2003.
- PANDOLFO, Maura Coradin. Os bairros de Nova Prata: um estudo de gêneros sociais. In: XIX ENCONTRO DE JOVENS PESQUISADORES DA UCS. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 2011.
- POSSAMAI, Osmar. Formação étnica de São Marcos e das comunidades circunvizinhas. In: POSSAMAI, Osmar. et al. *Raízes de São Marcos e Criúva*. EST: Porto Alegre, 2005.
- POUTIGNAT, Philippe; STREEIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da etnicidade: Seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrick Barth*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.
- POZENATO, José Clemente. *Processos culturais: reflexões sobre a dinâmica cultural*. Caxias do Sul: EDUCS, 2003.
- PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO MARCOS. Disponível em: <<http://www.saomarcos-rs.com.br>>. Acesso em: 09 abr. 2011.
- RIZZON, Luiz Antônio; POSSAMAI, Osmar João. *História de São Marcos*. São Marcos: Edição do Autor, 1987.
- ROSTAING, Charles. *Les noms de lieux*. Paris: Presses Universitaires de France, 1948.
- ROTH, Klaus. What’s in a region? Southeast European regions between globalization, EU-integration and marginalization. In: ROTH, Klaus; BRUNNBAUER, Ulf (org.). *Region, Regional Identity and Regionalism in Southeastern Europe*. v.11. Berlin: LIT Verlag, 2007. p. 17-41.
- SANTOS, Milton. *Por uma Geografia Nova: Da Crítica da Geografia a uma Geografia Crítica*. São Paulo: HUCITEC, 1986.
- SANTOS, Milton. *Metamorfoses do espaço habitado*. São Paulo: Hucitec, 1988.
- SANTOS, Milton. *Técnica, Espaço e Tempo: globalização e Meio-técnico-científico informacional*. São Paulo : Editora Hucitec, 1994.
- SANTOS, Milton. *Espaço e Método*. São Paulo: Nobel, 1997.
- SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Edusp, 2008.
- SANTOS, Rafael José dos. Relatos de regionalidade: tessituras da cultura. *Antares: Letras e Humanidades*, Caxias do Sul, n.2., p. 2-26, jul./dez. 2009. Disponível em:

<<http://www.ucs.br/ucs/posgraduacao/strictosensu/letras/revista/revista>>. Acesso em: 21 jan. 2011.

SANTOS, Salete Rosa Pezzi dos. *O Radicci no contexto italiano-português na região de Caxias do Sul: identidade, atitudes linguísticas e manutenção do bilinguismo*, Porto Alegre: UFRGS, 2001. 208 p. Dissertação (Mestrado) – Mestrado em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.

SÃO MARCOS. Projeto de Lei do Legislativo n. 003/86, de 31 de junho de 1986. Dá a Rua n. 11 do Bairro Michelin denominação de Rua São Cristóvão. **Arquivo Histórico Municipal**, São Marcos, 10 jun. 1986.

SÃO MARCOS. Lei n. 1.041, de 20 de abril de 1994. Autoriza a criação do distrito de Pedras Brancas e dá outras providências. **Arquivo Histórico Municipal**, São Marcos, 20 abr. 1994.

SÃO MARCOS. Projeto de Lei do Legislativo n. 008/96, de 02 de maio de 1996. Dá à rua sem denominação o nome de Maria Borghetti Sogari. **Arquivo Histórico Municipal**, São Marcos, 02 maio 1996.

SÃO MARCOS. Projeto de Lei do Legislativo n. 014/96, de 18 de junho de 1996. Dá denominação de Rua Antônio Fongaro à artéria pública localizada no Bairro Industrial. **Arquivo Histórico Municipal**, São Marcos, 18 jun. 1996.

SÃO MARCOS. Projeto de Lei do Legislativo n. 008/99, de 21 de maio de 1999. Dá nova denominação a Rua Castro Alves. **Arquivo Histórico Municipal**, São Marcos, 21 maio 1999.

SÃO MARCOS. Projeto de Lei do Legislativo n. 017/00, de 24 de abril de 2000. Dá denominação à via pública municipal de Frei Henrique de Coimbra. **Arquivo Histórico Municipal**, São Marcos, 24 abr. 2000.

SÃO MARCOS. Núcleo de Engenharia. **Mapa de São Marcos**. [São Marcos], 2007. Escala: 1:25.000.

SÃO MARCOS. Núcleo de Engenharia. **Mapa dos Bairros de São Marcos**. [São Marcos], 2008. Escala: 1:7.500.

SÃO MARCOS. Núcleo de Engenharia. **Mapa das Ruas de São Marcos**. [São Marcos], 2009. Escala: 1:7.500.

SÃO MARCOS. Lei n. 2.090, de 23 de abril de 2009. Dá denominação de Pavilhão Poliesportivo Henrique Casanova ao Pavilhão de Esportes da Escola Municipal de Ensino Fundamental Dom José Baréa, situado na Linha Rosita. **Arquivo Histórico Municipal**, São Marcos, 23 abr. 2009.

SÃO MARCOS. Núcleo de Engenharia. **Mapa das Estradas de São Marcos**. [São Marcos], 2010. Escala: 1:7.500.

SÃO MARCOS. Prefeitura Municipal. **Lei Orgânica do Município**. São Marcos, RS, 1990. Disponível em: <http://www.cmsaomarcos-rs.com.br/aceso_rapido/lei_organica.pdf>. Acesso em 20 jan. 2012.

SAPIR, Edward. *A linguagem: introdução ao estudo da fala*. Tradução e apêndice de J. Mattoso Câmara Jr. São Paulo: Perspectiva, 1980.

SARTORI, Tríssia Ordovás. *Ruas de minha cidade: um estudo hodomínico*. Caxias do Sul: UCS, 2010. 82 p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-

Graduação em Letras, Cultura e Regionalidade, Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2010.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 2009.

SEABRA, M. C. T. C. Referência e onomástica. In: *Múltiplas perspectivas em linguística: Anais do XI Simpósio Nacional e I Simpósio Internacional de Letras e Linguística (XI SILEL)*. Uberlândia: ILEEL, 2006. p. 1953 - 1960.

SOUSA, Alexandre Melo de. O andamento dos projetos (ATAOB) Atlas Toponímico da Amazônia Ocidental Brasileira e (ATEC) Atlas Toponímico do Estado do Ceará. In: III Jornada Nacional de Linguística e Filologia da Língua Portuguesa, Rio de Janeiro, 2008. (Apresentação de Trabalho).

TIZIO, Idele Raimundo di. *Tietê ontem e hoje: preservação ou mudança toponímica e a legislação do ato de nomear - uma proposta de lei*. São Paulo: USP, 2008, 212 p. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-30072008-105620/pt-br.php>.

TOMIELLO, Marciana. *A variação do ditongo nasal tônico -ão como prática social no português de São Marcos/RS*. Caxias do Sul: UCS, 2005. 109 p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Cultura e Regionalidade, Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2005.

ULLMANN, Stephen. *Semântica: Uma introdução à ciência do significado*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1987.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org. e trad.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais*. 4. ed. Petrópolis, 2005.

ZORZI, Benedito. [22 de março, 1988]. Caxias do Sul: *ECIRS-UCS*. Entrevista concedida a Liane Beatriz Moretto Ribeiro.

ANEXOS

ANEXO I

Relação dos grupos étnicos dos antropotopônimos

Elemento genérico	Antropotopônimo	Grupo étnico
Rua	Adelar José Perin	italiano
Rua	Adraine Pedro Soldatelli	italiano
Rua	Agostinho Ballardín	italiano
Rua	Alberto Pedrotti	italiano
Rua	Alberto Torresini	italiano
Rua	Alcides Daros	italiano
Rua	Alcides Zuanazzi	italiano
Rua	Alfredo de Lavra Pinto	luso
Rua	Angelo Batista Scopel	italiano
Rua	Angelo Benato Filho	italiano
Rua	Ângelo Manosso	italiano
Rua	Angelo Siota	italiano
Rua	Anna Maria Bianchi Brunello	italiano
Rua	Anselmo Sandi	italiano
Rua	Antenor Chinelatto	italiano
Rua	Antonietta Torressini	italiano
Rua	Antonio Aumond	francês
Rua	Antônio Ballardín Filho	italiano
Rua	Antonio Canale	italiano
Rua	Antônio Chemello	italiano
Rua	Antonio de Ross	italiano
Rua	Antonio Fochesatto	italiano
Rua	Antônio Fongaro	italiano
Rua	Antonio Moreira dos Reis	luso
Rua	Antonio Pellizzari	italiano
Rua	Antônio Sandri	italiano
Rua	Antonio Scodro	italiano
Rua	Antônio Stedile	italiano
Rua	Antonio Zanella	italiano
Rua	Arnaldo Pessini	italiano
Rua	Ary João Michelin	italiano
Rua	Ary Martinighi	italiano
Rua	Atair Siota	italiano

Rua	Attilio Franceschini	italiano
Rua	Augusto Catafesta	italiano
Rua	Avelino Camassola	italiano
Rua	Benjamim Boff	italiano
Rua	Benjamim Fochesatto	italiano
Avenida	Benjamim Lopes	luso
Rua	Benjamim Michelin	italiano
Rua	Bernardo Michelin	italiano
Rua	Bonfilho Nicoletti	italiano
Rua	Bonfilho Tonet	italiano
Rua	Caetano Melara	italiano
Avenida	Carlos Gomes	luso
Rua	Catarina Fabro Boff	italiano
Rua	Celestino Magrin	italiano
Rua	Clari J. Dal'agno	italiano
Rua	Clito João Doncatto	italiano
Avenida	Cônego João Marchesi	italiano
Rua	Constante Gozzi	italiano
Rua	Dante R. Soldatelli	italiano
Rua	Décio Martins Costa	luso / italiano
Linha	Deodoro da Fonseca	luso
Rua	Diamantino Michelin	italiano
Linha	Diogo dos Santos	luso
Rua	Domingos Garbin	italiano
Rua	Dr. Aristóteles da Rosa	luso
Rua	Dr. Frederico Stich	alemão
Rua	Dr. Raymundo Pessini	italiano
Rua	Eliseu Leonardelli	italiano
Rua	Elizeu Bortolo Zan	italiano
Rua	Eloi Grison	italiano
Rua	Elvira Rech Soldatelli	italiano
Rua	Eugênio Grison	italiano
Rua	Evaldo W. Gomes	luso
Rua	Ferdinando Stédile	italiano
Rua	Fidélis Capeletti	italiano
Bairro	Francisco Doncatto	italiano
Rua	Francisco J. Gattermann	alemão
Rua	Frei Henrique de Coimbra	luso
Rua	Frontino Pacheco	italiano
Rua	Gabriela Taufer	italiano
Rua	Gaspar Martins	luso
Rua	Genoefa Brunello Fortunatti	italiano
Rua	Giácomo Luiz Contó	italiano
Rua	Giácomo Rizzon	italiano

Rua	Giácomo Sandi	italiano
Rua	Giovanni Pasin	italiano
Rua	Guerino Lazzaretti	italiano
Rua	Hélio Matheu Rizzon	italiano
Rua	Henrique Dornelis Bertelli	italiano
Rua	Henrique Machado daSilveira	luso
Bairro	Henrique Pante	italiano
Rua	Isidoro Fochesato	italiano
Rua	Izidoro Fantin	italiano
Rua	Jacob Brunello	italiano
Rua	Jacob Studulski	polonês
Rua	Jaime Antonio Libardi	italiano
Rua	Jaime Mariano da Rosa	luso
Rua	João Bonella	italiano
Rua	João B. Sotoriva	italiano
Rua	João Ballardin de Antoni	italiano
Rua	João Boff	italiano
Rua	João Buganza	italiano
Rua	João Carlos Gasparotto	italiano
Rua	João Cecatto	italiano
Rua	João Dal'lagno	italiano
Rua	João Flávio Rech	italiano
Rua	João Fole	italiano
Rua	João Inácio	luso
Rua	João Mazotti	italiano
Rua	João Michelin	italiano
Rua	João Rech	italiano
Rua	João Reis	luso
Rua	João Ronhinski	polonês
Rua	João Sogari	italiano
Rua	Joaquim Chinelatto	italiano
Rua	Joaquim Domingos Vanelli	italiano
Rua	Joaquim Trevisan	italiano
Rua	Jocyl Castilhos daLuz	luso
Rua	Jordão Ballardin	italiano
Rua	José Bertelli	italiano
Rua	José Borghetti	italiano
Rua	José Dal'lagno	italiano
Rua	José de Alencar	italiano
Rua	José Michelin	italiano
Rua	José Noredi Bernardo dos Reis	luso
Rua	José Polo	italiano
Rua	José Rasador	italiano
Rua	José Rizzon	italiano

Rua	José Joaquim Munaretto	italiano
Rua	Julia de Castilhos	luso
Rua	Juvenil José Vanelli	italiano
Rua	Leda Rech Stédile	italiano
Rua	Luiz Alberto Scodro	italiano
Rua	Luiz Borghetti	italiano
Rua	Luiz Cioatto	italiano
Rua	Luiz Debovi	italiano
Rua	Luiz Lopes	luso
Rua	Luiz Martinighi	italiano
Rua	Luiz Miotto	italiano
Rua	Luiz Nazareno Grison	italiano
Avenida	Luiz Nicoletti	italiano
Rua	Luiz Rizzon	italiano
Rua	Luiz Scain	italiano
Rua	Luiz Sogari	italiano
Rua	Luiz Trevisan	italiano
Rua	Marcílio de Stéfani	italiano
Rua	Maria Borghetti Sogari	italiano
Rua	Maria Guerra Michelin	italiano
Rua	Maria Michelin Fongaro	italiano
Rua	Mariana Melotto	italiano
Rua	Mariano Scain	italiano
Rua	Martinho Soldatelli	italiano
Bairro	Michelon	italiano
Rua	Mons. Henrique Compagnoni	italiano
Rua	Natal Benato	italiano
Rua	Neri Fiamengui	italiano
Rua	Nilo Soldatelli	italiano
Rua	Olinda Marchese	italiano
Rua	Olindo Mozz	italiano
Rua	Olinto Santini	italiano
Rua	Olympio Bertelli	italiano
Rua	Osilio Francisco Bras Pellizzari	italiano
Rua	Paulo Giotti	italiano
Rua	Pe. David Piccoli	italiano
Rua	Pe. Estevan Vanin	italiano
Rua	Pe. Frederico Taufer	italiano
Rua	Pedro Boff	italiano
Rua	Pedro Fongaro	italiano
Rua	Pedro Michelin	italiano
Rua	Pedro Rizzon de Giacomo	italiano
Bairro	Polo	italiano
Rua	Pref. Albino Ruaro	italiano

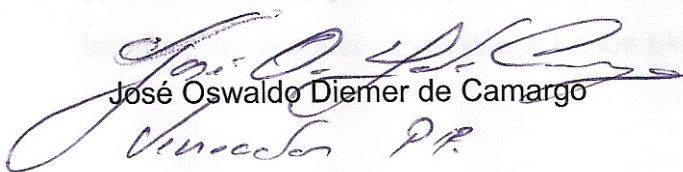
Rua	Prof. Francisco Stawinski	polonês
Rua	Prof. Natal Lazzaretti	italiano
Rua	Profª. Tereza Maurina	italiano
Rua	Rafael Ruaro	italiano
Rua	Rafael Trevisan	italiano
Rua	Raymundo Magrini	italiano
Rua	Raymundo Marcon	italiano
Rua	Reno Chinelato	italiano
Rua	Ricieri Bertolazzi	italiano
Rua	Ricieri Chemello	italiano
Rua	Rodolfo Polidoro	italiano
Rua	Romano Benato	italiano
Rua	Rosa Polidoro Sogari	italiano
Rua	Rosália Stédile Bassanesi	italiano
Rua	Rosalvo Boff	italiano
Bairro	Santini	italiano
Rua	Serafino Rizzon	italiano
Rua	Severino Brochetto	italiano
Rua	Severino Rech	italiano
Rua	Severino Siota	italiano
Rua	Stanislau Studzinski	polonês
Rua	Tereza Michelin Cecatto	italiano
Rua	Tranquilo Gozzi	italiano
Rua	Valentin Tomiello	italiano
Rua	Vergílio A. Farofa	italiano
Rua	Victorino Zardo	italiano
Rua	Vilso Delai	italiano
Rua	Vilso Simioni	italiano
Rua	Virgilino Hoffmann	alemão
Rua	Virgilio Casarotto	italiano
Rua	Virgilio Machado Silveira	luso
Travessa	Virgílio Scodro	italiano
Rua	Vitório Bertolazzi	italiano
Rua	Vitório Lazzaretti	italiano
Rua	Vitório Soldatelli	italiano
Rua	Walmor Chinelato	italiano
Rua	Wladistaw Soboleswki	polonês
Rua	Wolmar João Ruaro	italiano
Linha	Zambeccari	italiano
Rua	Zeferino Vedana	italiano

ANEXO II

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE DEPOIMENTO

Eu, **José Oswaldo Diemer de Camargo**, AUTORIZO a pesquisadora **Fernanda Bassanesi Cioato** a utilizar meu depoimento, concedido via e-mail no dia 20 de janeiro de 2012, na dissertação de mestrado intitulada *Os nomes do município de São Marcos: linhas, comunidades, bairros e ruas* e em publicações futuras, para fins científicos e de estudos. No depoimento, digo o seguinte: “Para nomear uma rua, no município de São Marcos, é necessário apenas que um vereador entre com um projeto de lei a ser votado pela Câmara Municipal. No caso de homenagem a pessoas, o projeto deve ser acompanhado da biografia do futuro homenageado e da certidão de óbito. Qualquer pessoa pode ser homenageada, observando-se, é claro, seu “espírito comunitário”. Nomes de ruas não devem ser alterados para não causar transtornos ou constrangimento àquela família que já tem seu ente homenageado. Muitas vezes são as pessoas da comunidade que recorrem a um vereador solicitando a entrada de projeto de lei na Câmara para denominar ruas com nomes de pessoas falecidas. Quando há necessidade de nomear um prédio público, é organizada uma audiência pública para deliberar sobre os nomes a serem homenageados”.

São Marcos, 06 de junho de 2012.




José Oswaldo Diemer de Camargo
Vereador P.P.

ANEXO III

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE DEPOIMENTO

Eu, **Joaquim Domingos Vanelli Neto**, AUTORIZO a pesquisadora **Fernanda Bassanesi Cioato** a utilizar meu depoimento, concedido oralmente no dia 22 de outubro de 2010, na dissertação de mestrado intitulada *Os nomes do município de São Marcos: linhas, comunidades, bairros e ruas* e em publicações futuras, para fins científicos e de estudos. No depoimento, digo o seguinte: “atualmente, a zona rural do município de São Marcos tem duas formas de divisão político-administrativa: a divisão por linhas, utilizada apenas em escrituras de imóveis e alguns documentos oficiais, e a divisão por comunidades, utilizada amplamente pelos moradores e na maioria dos documentos oficiais, inclusive em leis”.

São Marcos, 06 de junho de 2012.


Joaquim Domingos Vanelli Neto
Arquiteto e Urbanista

Prefeitura Municipal de São Marcos

ANEXO IV

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE DEPOIMENTO

Eu, **Ademar José Cioato**, AUTORIZO a pesquisadora **Fernanda Bassanesi Cioato** a utilizar meu depoimento, concedido oralmente no dia 08 de maio de 2012, na dissertação de mestrado intitulada *Os nomes do município de São Marcos: linhas, comunidades, bairros e ruas* e em publicações futuras, para fins científicos e de estudos. No depoimento, digo o seguinte: “O Loteamento Jardim dos Plátanos foi idealizado por meu irmão, Aldo Cioato, proprietário da extinta Urbanizadora Cioato, em meados dos anos 1980. O terreno loteado por ele fora outrora uma fazenda. Havia ali muitos bosques e flores, nos quais ele se inspirou para dar nome às ruas e ao loteamento. Ainda hoje, na entrada do loteamento, é possível visualizar vários plátanos e castanheiras”.

São Marcos, 06 de junho de 2012.


Ademar José Cioato